

SOLON DINIZ CAVALCANTI

**A SEGUNDA ONDA PENTECOSTAL NO BRASIL
E A SUA EFETIVIDADE RELIGIOSA, SOCIAL E
POLÍTICA: O CASO DA ICPBB.**

Orientador: Prof. Doutor José Brissos-Lino

Co-orientador: Prof. Doutor Ricardo Bitun

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Departamento de Ciência Política, Segurança e Relações Internacionais

Lisboa

2017

OLON DINIZ CAVALCANTI

**A SEGUNDA ONDA PENTECOSTAL NO BRASIL
E A SUA EFETIVIDADE RELIGIOSA, SOCIAL E POLÍ-
TICA: O CASO DA ICPBB.**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões, no programa de Mestrado em Ciências das Religiões na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 23 de Maio de 2018, segundo o Despacho Reitoral nº. 179/2018, segundo a seguinte composição de júri:

Presidente: Prof. Doutor João de Almeida Santos

Arguente: Prof. Doutor Rui Miguel Duarte

Orientador: Professor Doutor José Brissos-Lino

Co-orientador: Professor Doutor Ricardo Bitun

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Departamento de Ciência Política, Segurança e Relações Internacionais

Lisboa

2017

Porque, assim como o corpo sem o espírito
está morto, assim também a fé sem obras é morta.

Tiago 2:26

Porque amar a Deus sem fé é refletir-se sobre
si mesmo, mas amar a Deus com fé é refletir-se no
próprio Deus

Kierkegaard

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo à minha família, suporte essencial para vencer os desafios ao longo da minha caminhada, especialmente à minha esposa que sempre acreditou na minha capacidade de vencer e reconstruir com muita perseverança.

Aos Bispos Natalino Bisigati e Ronaldo Monteiro, pelo apoio e por acreditarem no projeto.

Aos meus filhos, Carolina, José e Oziris, razão de minha existência e luta.

AGRADECIMENTOS

Ao dono supremo do Universo que me deu a inspiração e oportunidade de estar vivo para cumprir com mais essa etapa de estudo.

A todos que direta, ou indiretamente contribuíram para a realização deste estudo.

A minha amiga, companheira dos momentos mais difíceis nesta jornada, Maria Beatriz pela colaboração, amizade, incentivo permanente para que eu não desistisse.

Ao Prof. Paulo Mendes, por ter criado as condições e dado o apoio necessário à concretização desta Dissertação.

Ao Prof. Doutor José Brissos-Lino pelas seguras orientações que me permitiram concluir e atingir o objetivo final.

Aos amigos Profs. Eulálio Figueira e Ricardo Bitun, pelo apoio, suporte científico e pedagógico, pelo profissionalismo e orientação durante a pesquisa e construção desta dissertação.

À minha família pela paciência, dedicação, companheirismo, amor e por acreditarem na minha capacidade de crescimento pessoal e profissional.

A cada um dos heróis da Pentecostal da Bíblia que me concederam uma parte do seu precioso tempo para ajudar na confecção desta obra.

RESUMO

O presente trabalho investiga o comportamento e desdobramentos do movimento designado “Segunda onda pentecostal do Brasil” em sua efetividade social, religiosa e política, em que a Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Igreja Evangélica O Brasil para Cristo, Casa da Bênção, Igreja Evangélica Pentecostal da Bíblia no Brasil são as principais formadoras desse período. A investigação se deu pela análise documental de bibliografia de referência na área e por um conjunto de entrevistas a indivíduos com expressiva participação no fenômeno em estudo. Tais entrevistas foram analisadas, organizadas e procedeu-se a descrição dos seus resultados, tendo concluído a existência de um impacto social e religioso efetivos no âmbito da chamada segunda onda do movimento pentecostal brasileiro. De acordo com as normas em vigor na Universidade Lusófona, este trabalho está organizado por capítulos, conclusão e bibliografia.

Palavras chave: Pentecostalismo. Cristianismo. Impacto religioso no Brasil.

ABSTRACT

The present essay investigates the behavior and unfolding of the denominated movement "Second Brazilian pentecostal wave" in its social, religious and political effectiveness. The investigation was carried out by the documentary analysis of bibliography reference in the area and by a set of interviews with individuals with significant participation in the phenomenon under study. These interviews were analyzed, organized and a description of their results was made, and concluded the existence of an effective social and religious impact within the scope of the so-called second wave of the Brazilian Pentecostal movement. According to the norms in force in the Lusófona University, this essay is organized by chapters, conclusion and bibliography.

Keywords: Pentecostalism. Christianity. Religious impact in Brazil.

ÍNDICE

EPIGRAFE	2
DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT	7
ÍNDICE.....	8
INTRODUÇÃO	10
I - PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
1 - Método do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC	13
2 - A pesquisa oral	15
3 - Problemáticas norteadoras da pesquisa.....	16
II - PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA.....	17
1 - Breve histórico do pentecostalismo no Brasil	17
2 - O discurso sobre o pentecostalismo brasileiro.....	20
3 - As três “Ondas”	22
3.1 A Primeira Onda – Pentecostalismo Clássico no Mundo	23
3.2 A Segunda Onda – Pentecostalismo recente ou Renovação Carismática.	24
3.3 A Terceira Onda – O movimento de sinais e maravilhas, o Neopentecostalismo	26
4 - Diferentes visões acadêmicas sobre o pentecostalismo	28
5 - A visão dos meios de comunicação	33
6 - A igreja pentecostal da segunda onda e o alcance social efetivo	36
7 - Preparando o terreno do fenômeno	49
III APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	61
1ª Categoria:.....	61
2ª Categoria	72

3ª Categoria:	79
4ª Categoria	95
5ª Categoria	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
APÊNDICE	I
1ª Categoria.....	II
2ª Categoria.....	VI
3ª Categoria.....	VIII
4ª Categoria.....	XIV
5ª Categoria.....	XIX
ANEXOS	XXIII
Fotografia 1.....	XXIV
Fotografia 2.....	XXV
Fotografia 3.....	XXVI
Fotografia 4.....	XXVII
Fotografia 5.....	XXVIII
Fotografia 6.....	XXIX
Fotografia 7.....	XXX
Fotografia 8.....	XXXI
Fotografia 9.....	XXXII
Fotografia 10.....	XXXIII
Fotografia 11.....	XXXIV
Fotografia 12.....	XXXV
Fotografia 13.....	XXXVI
Fotografia 14.....	XXXVII
Fotografia 15.....	XXXVIII
Fotografia 16.....	XXXIX
Fotografia 17.....	XL
Fotografia 18.....	XLI
Fotografia 19.....	XLII
Fotografia 20.....	XLIII

INTRODUÇÃO

O constante crescimento dos movimentos religiosos de tradição pentecostal na América Latina, subcontinente com predominância cultural-religiosa católica, é um dos acontecimentos culturais mais apreciáveis da atualidade.

“Formado no início do século XX nos Estados Unidos, o pentecostalismo vem crescendo em vários países em desenvolvimento do Sul do Pacífico, da África, do Leste e do Sudeste da Ásia, sobretudo da América Latina, onde o Brasil se destaca abrigando cerca de trinta milhões de evangélicos.” (MARIANO, 2004)

De um contingente que se exibia como uma subcultura contrária à exposição pública e auto isolada, atualmente sua presença se sobressai não apenas no que diz respeito ao contingente numérico, como apontado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas especialmente por sua visibilidade nos ambientes de comunicação de massa.

“Desde os anos 50, o Pentecostalismo cresce muito no Brasil. Mas sua expansão acelera-se acentuadamente a partir da década de 1980, momento em que esse movimento religioso passa a conquistar igualmente crescente visibilidade pública, espaço na tevê e poder político partidário. Segundo os Censos Demográficos do IBGE, havia 3,9 milhões de pentecostais no Brasil em 1980, 8,8 milhões em 1991 e 17,7 milhões em 2000.” (MARIANO, 2008)

Nesse cenário religioso de cunho protestante, encontramos a identidade de um grupo ou movimento conhecido como “Primeira Onda” ou “Pentecostalismo Clássico”, cujas definições serão explicadas mais adiante. As pesquisas na área social indicam a sua existência ou formação no período situado entre as décadas de 1910 e 1950, no Brasil. Entendemos que a primeira organização desse grupo foi estabelecida por missionários italianos de origem valdense (demonstraremos com maior clareza essas nomenclaturas mais adiante), com a Congregação Cristã no Brasil. Em seguida, organizou-se, no ano 1911, a Assembleia de Deus, no estado do Pará, por missionários suecos, esta que se amplia por todo o território brasileiro.

A chamada “Primeira Onda” do pentecostalismo no Brasil é marcada desde o princípio do movimento pela intensa aversão ao catolicismo predominante em solo brasileiro, pela ênfase na evangelização dos povos indígenas e pelo comportamento ascético ou de desaprovação ao mundo e dos prazeres que ele oferece (cinema, culinária, teatro etc.).

Na presente pesquisa, analisaremos a “Segunda Onda”, conhecida também como “Pentecostalismo Neoclássico”, grupo cujos sujeitos associam o fenômeno das línguas estranhas (ou línguas do Espírito) como garantia de uma intervenção sobrenatural conhecida por batismo do Espírito Santo, e que em outros capítulos dessa dissertação será melhor explicado. Do mesmo modo, entre o mesmo grupo, nomeia-se especialmente a chamada “cura divina” como distintiva dessa segunda onda, conforme classificação feita por Paul Freston (1993).

Neste período da segunda onda (de 1950 a 1970), os missionários vindos dos Estados Unidos iniciaram a desvinculação das organizações estrangeiras, nomeando suas próprias organizações. Foi quando no Brasil se deu uma agitação com a chegada de missionários norte-americanos, Harold Williams e Raymond Boatright, pertencentes à International Church of The Foursquare Gospel (Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular). Ambos criaram o movimento conhecido como Cruzada Nacional de Evangelização, fundamentando seu discurso na cura divina, e fundaram no estado de São Paulo, ainda na década de 1950, a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) que, à diferença das demais, aceita de bom grado a liderança (pastoreio) realizada por mulheres¹.

A esse movimento, acrescentam-se outras igrejas de menor expressão, mas que têm papel primordial na composição do estudo das igrejas pentecostais no período: O Brasil Para Cristo, Igreja Evangélica Pentecostal Deus É Amor, Casa da Bênção, entre outras instituições de menor porte. Assinala-se neste período o uso do rádio para difusão do Evangelho e as tendas de lona, como atração aos oradores do público.

Por sua vez, surge a chamada “Terceira Onda” ou “Neopentecostal”, que começa na segunda metade da década de 1970 e que ainda se encontra em grande processo de desenvolvimento. Seus condutores caracterizam-se, na maioria, por pregadores nacionais. E com o modo intenso da mídia eletrônica, este período se distingue pela concretização do pentecostalismo como entusiasmo social e político. Este último movimento tem a chamada “teologia da prosperidade” como a sua função mais importante.

Diante deste breve quadro que será aprofundado em capítulo posterior, propomos, primeiramente, a investigar a metodologia que será aplicada nesta pesquisa de campo, considerando entrevistas com personagens que viveram e construíram a história da Igreja Evangélica Pentecostal da Bíblia no Brasil. Em segundo lugar, faremos uma composição histórica preliminar, apontando as marcas distintivas do movimento pentecostal da segunda onda, delimi-

¹ A igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada por “Aimée Semple McPherson nasceu em Ingersoll, Ontário, Canadá, aos 9 de outubro de 1890, como Aimée Elizabeth Kennedy e é a fundadora da denominação evangélica The Foursquare Church (Igreja do Evangelho Quadrangular).”. Disponível em <http://www.portaligrejaquadrangular.com.br/portal/quadrangular-historia.asp> acessado em 11.01.2017

tando com isso nosso corte cronológico da pesquisa. Em terceiro e último lugar, aplicaremos o conhecimento adquirido pela metodologia proposta, o chamado Discurso do Sujeito Coletivo (ou DSC) às entrevistas realizadas com membros fundadores e personalidades de expressão dentro da história da referida Igreja.

Assim, prestaremos uma atenção especial ao caso particular da ICPBB, que constituirá o nosso objecto de estudo, enquadrando-a na Segunda Onda Pentecostal no Brasil.

Com isso concluiremos a nossa pesquisa, apontando os seus resultados nas Considerações Finais, de acordo com aquilo que terá sido apurado no corpo do texto, a seguir.

I - PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa trata da segunda onda pentecostal e a Igreja Cristã Pentecostal da Bíblia do Brasil (ICPBB), embora tenha menos membros em relação a outras dentro do recorte (segunda onda), nem por isto é de menor importância em relação às demais. Sua atividade alcança objetivos distintos das outras religiões surgidas no seio do mesmo movimento, como será demonstrado ao longo do trabalho.

A chamada segunda onda pentecostal no Brasil é um movimento que ocorreu dentro do protestantismo brasileiro, mas há pouca bibliografia de aspecto historiográfico produzido no país. Os poucos textos existentes são, em sua maioria, relatos daquela que se tornou a maior denominação dentro do próprio movimento, a Igreja do Evangelho Quadrangular. Duas outras igrejas que compõem o quadro e que são mais numerosas em termos de membros são a Igreja O Brasil Para Cristo e a Igreja Pentecostal Deus é Amor, sendo que a última surgiu em meados da década de 1960, cabendo, pela data do seu surgimento, ao movimento da segunda onda pentecostal, mas ambas com poucos registros dignos de apreciação dentro dos critérios de pesquisa acadêmica.

Aproveitamos para tomar emprestado do prof. Dr. Eulálio Figueira uma figura de linguagem para distinguir a ICPBB das demais igrejas nascidas no mesmo movimento, pois enquanto as outras se tornaram grandes “navios”, a ICPBB é um pequeno “barquinho”. “Enquanto fazemos as grandes travessias no conforto e segurança dos transatlânticos, precisamos das pequenas embarcações para alcançar as pequenas ilhas”.

1 - Método do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC

A ICPBB é uma igreja cinquentenária, mas alguns dos seus fundadores ainda militam e são membros ativos nos quadros da ICPBB. Diante disso, com a finalidade de suprir a carência de bibliografia adequada e, tratando-se de uma pesquisa que envolve entrevistas, optamos pela utilização da técnica conhecida por Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), o qual está sendo aplicado aos citados membros. Segundo Marília Figueiredo (FIGUEIREDO, 2013, p. 129-136),

“O Discurso do Sujeito Coletivo é uma proposta de reconstituição de um ser empírico coletivo, opinante na forma de um sujeito de discurso emitido na primeira pessoa do singular. O social falando na primeira pessoa do singular é o regime natural de funcionamento das opiniões ou representações sociais.”

Portanto, a autora considera o DSC o porta-voz de ideias empíricas de um senso coletivo social determinado. O efeito equivale a ideias coletivas expressas na primeira pessoa do singular, ou seja, aquele que narra traz em si algo como uma procuração do coletivo ao apresentar a narrativa dos fatos de que tem conhecimento.

Incorpora-se a essa definição o que (Lefevre, 2010, p. 57) afirmou, que

“[...] as representações sociais são conjuntos sociocognitivos utilizados pelas pessoas para expressarem, em sua vida diária, apreciações e opiniões, tipos de saberes, socialmente construídos e compartilhados, de uma realidade comum a um grupo social.”

Concorda com isso (Figueiredo 2013, p. 129-136) ao afirmar o seguinte:

“[...] considerando-se o quadro da pesquisa empírica, o pensamento, materializado sob forma de discurso, é uma variável qualitativa, ou seja, é um produto a ser posteriormente qualificado. Mas, sendo esse pensamento coletivo, configura-se também como uma variável quantitativa, na medida em que expressa as opiniões compartilhadas pelos indivíduos.”

Pela conclusão da pesquisadora, ao considerar que o pensamento coletivo pode auto expressar-se e enquadrando-se no método empírico, vê-se a necessidade da edificação de um sujeito porta-voz desta fala, ou seja, um sujeito coletivo. Justificamos, assim, por tais motivos, a elaboração da presente pesquisa utilizando-se de entrevistas com os remanescentes da fundação civil da ICPBB em 1958, seguindo adiante por meio de relatos feitos por figuras importantes que ajudaram a escrever a sua história.

Entre os remanescentes da fundação da ICPBB (seus fundadores), ouvimos ainda ex-presidentes, líderes de igrejas locais em atividade, personalidades reconhecidas por sua atividade religiosa expressiva por seus quadros e que representam importante fonte de informação na reconstituição do campo religioso pesquisado. A memória resgatada nas entrevistas com tais personalidades nos ajudaram a compreender a efetividade da ICPBB no campo religioso, a riqueza da sua história e relevância, a contribuição sócio-religiosa para as pessoas alcançadas por sua mensagem e suas atividades.

2 - A pesquisa oral

Segundo Klaus Hock, professor de História Religiosa na Universidade de Rostock, “com o decorrer do tempo, a Pesquisa Oral da Religião ganhará tanto em importância como a aplicação de métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa de campo científico-religiosa” (HOCK, 2010, p. 236). O historiador Henry Rousso segue na mesma direção quando fala da importância da memória na construção ou reconstrução historiográfica, se nos propomos a resgatar a história de uma sociedade, mesmo que religiosa, pois a narrativa individual tem um caráter coletivo, corporativo, portanto a memória. Ele diz:

“[a pesquisa oral] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado que nunca é aquela do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional” (ROUSSO, 1998, p. 94).

Mas, ao estabelecer um padrão de pesquisa oral deste movimento religioso no âmbito do pentecostalismo brasileiro, valendo-nos da metodologia própria das Ciências Humanas, estaríamos incorrendo em desvio de função frente à atividade teológica? Acaso não transformaríamos a religião em mera atividade cultural ao desvencilharmos de livros sagrados e apurarmos a história segundo o relato dos seus personagens? Na verdade, a Ciência da Religião evita o debate teológico e busca compreender o fenômeno e os aspectos objetivos que podem ser enumerados, listados e alcançados independente da fé. Segundo Hock,

“[...] agora a religião é compreendida como um fenômeno que, sendo uma força dinâmica, forma as culturas e sociedades e que não meramente denomina uma vivência individual irracional, estando assim alheio a uma descrição científico-cultural. Mas a religião também não pode ser descrita em categorias de sua função, mas a sua verdadeira importância deve ser vista no fato de ela representar um sistema de significado social ‘com cuja ajuda os seres humanos comunicam, preservam e desenvolvem seu saber sobre a vida e sua postura em relação à vida’” (HOCK, 2010, p. 239).

Portanto, a pesquisa oral do modo como será conduzida pela especificação apresentada adiante, procura a “descrição científico-cultural” que não cabe à teologia, conforme adverte Hock na citação acima.

3 - Problemáticas norteadoras da pesquisa

Metodologicamente, a questão que norteia a pesquisa (“a efetividade religiosa, social e política da segunda onda pentecostal”), que se desenvolve na procura pelo conhecimento deste grupo na sociedade brasileira, parece estar respondida nas conclusões que a mídia e algumas pesquisas acadêmicas chegaram. No entanto, é preciso especificar melhor as próprias questões para chegarmos a conclusões precisas e claras. Assim, propomos quatro objetivos específicos, quais sejam:

Primeiro: avaliar se o pentecostalismo da segunda onda traz em si uma ética que invalida o código ético comum a uma sociedade como a brasileira.

Segundo: apurar o fenômeno pentecostal que trata a preferência à tragédia do indivíduo à felicidade da vida coletiva.

Terceiro: analisar se estando os pentecostais em vida de gozo e labor, assim como os sujeitos não pentecostais, eles não se obrigariam a uma vida ética para o desfrute do mesmo gozo e labor.

Quarto: verificar se a vida contemplativa religiosa dos pentecostais da segunda onda seria tão fulgurante a ponto de embaçar as vistas daqueles que procuram neles o mesmo labor e gozo das outras vidas, aspectos tão necessários da ética.

Tendo proposto as questões norteadoras para a pesquisa, apresentamos daqui em diante a trajetória percorrida na procura das respostas, amparados pela metodologia proposta. O fenômeno religioso pesquisado deverá responder se há e qual é a sua contribuição sociopolítica e a sua história para que possamos entender melhor a segunda onda do movimento pentecostal brasileiro.

II - PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA

1 - Breve histórico do pentecostalismo no Brasil

A pesquisa apresentada por Paul Freston (1994), de tipologia weberiana com corte histórico-teológico, dividiu a história do pentecostalismo brasileiro nas chamadas “três ondas de implantação de igrejas”. A primeira onda ocorreu a partir dos anos 1910, sendo marcada com o início do movimento pela criação, em solo brasileiro, da Congregação Cristã do Brasil (CCB) e a Assembleia de Deus (AD), em 1911 (Freston, 1994, p. 70).

O movimento pentecostal brasileiro tem origem norte-americana, embora os pioneiros das Assembleias de Deus, Daniel Berg e Gunnar Vingren, fossem missionários suecos. Ambos receberam treinamento teológico e foram envolvidos no movimento pentecostal na América do Norte e de lá vieram para o Brasil. Em sua vinda, trouxeram na bagagem a experiência mística, tal qual os americanos experimentavam, particularmente, sob a liderança de Charles Parham e William J. Seymour, este último tendo se tornado um grande líder do famoso movimento iniciado na rua Azusa, em Los Angeles, no ano de 1906.

Berg e Vingren fundaram no Brasil a maior igreja pentecostal do mundo, a Assembleia de Deus.

“Em South Bend, Indiana, perto de Chicago, dois imigrantes batistas suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, receberam a experiência pentecostal. Acreditando ter um chamado profético para o Brasil, embarcaram num empreendimento missionário em 1910, que resultou na implantação das Assembleias de Deus brasileiras, que se transformaram no maior movimento de divulgação pentecostal local de todo o mundo, cujo número de membros, somando a outros pentecostais brasileiros, chegava a 30 milhões por volta de 2000.

A História da Assembleia de Deus em Belém tem origem no chamado de dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren. Após receberem o batismo com o Espírito Santo – com evidência de falar em outras línguas – durante o avivamento em Los Angeles e Chicago no início do século 20, Deus os escolheu para juntos trazerem mensagem pentecostal para o Brasil.”²

No mesmo sítio eletrônico oficial da Assembleia de Deus na internet, lemos que a escolha pelo campo missionário se deu através da revelação divina, e que a princípio o trabalho foi denominado Missão Apostólica da Fé em 18 de junho de 1911, sendo posteriormente modificado, em 1918, passando a ser chamada de Assembleia de Deus

2

http://www.adbelem.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=47:nossahistoria&Itemid=129 acessado

“No dia 18 de junho de 1911, por deliberação unânime, foi fundada a Missão de Fé Apostólica, posteriormente denominada de Assembleia de Deus. Supõe-se que o nome escolhido para a nova denominação esteja ligado às igrejas que na América do Norte professavam a mesma doutrina e foram denominados de Assembleia de Deus ou Igreja Pentecostal.

[...] O termo Assembleia de Deus, dado à novel igreja, não tem uma origem definida. Entretanto, supõe-se que esteja ligado às igrejas que na América do Norte professavam a mesma doutrina e receberam a denominação de Assembleia de Deus ou Igreja Pentecostal. Sobre isto, é aceitável o seguinte testemunho do presbítero Manoel Maria Rodrigues: Estou perfeitamente lembrado da primeira vez que se tocou neste assunto. Tínhamos saído de um culto na Vila Coroa. Estávamos na parada do bonde, na Bernal do Couto, canto com a Santa Casa de Misericórdia. O irmão Vingren perguntou que nome deveria se dar à igreja, explicando que na América do Norte usavam os termos Assembleia de Deus ou Igreja Pentecostal. Aqueles irmãos depois concordaram que a igreja deveria ser chamada de Sociedade Assembleia de Deus e, no dia 11 de janeiro de 1918, foi registrada oficialmente com esse nome. Algum tempo depois, passou a ser chamada de Igreja Evangélica Assembleia de Deus.”³

Em artigo publicado na Revista USP (revista da Universidade de São Paulo, set. - nov. 2005), o professor Leonildo Silveira Campos trata o movimento pentecostal como o fenômeno religioso mais importante do século XX. Do contrário, como explicar que em menos de cem anos de seu aparecimento público nos Estados Unidos hoje ele tenha, aproximadamente, 500 milhões de seguidores em todo o mundo? (CAMPOS, 2005, p. 102).

O professor Leonildo, ao discorrer sobre a origem histórica do pentecostalismo voltando ao segundo século da nossa era, lembra o montanismo (CAMPOS, 2005, p. 103). Embora pudesse ter voltado ao primeiro século, ainda com os apóstolos (cf. Atos 2), faz uma breve comparação com as “propostas avivalistas de John Wesley, que fizeram tanto sucesso na Inglaterra nos difíceis dias iniciais da Revolução Industrial” (CAMPOS, 2005, p. 105), dada a semelhança social com a América do início do século XX, que vinha de uma guerra civil e buscava uma conciliação, tentando encontrar um caminho fora do conflito armado.

Procurando laços entre o fenômeno americano e o que sucedeu em terras tupiniquins, o professor Leonildo enfatiza a atividade urbana do pentecostalismo dos americanos do norte, uma religião que tinha no pobre e no imigrante o seu público preferencial.

“Por isso, o período de industrialização, mobilidade populacional, urbanização e aumento do mal-estar de imigrantes e o sofrimento concreto dos pobres tornou quase necessário que o pentecostalismo viesse beber no poço da tradição reavivalista. Entretanto, se os grandes avivamentos se espalharam por uma América ainda rural, os movimentos de santidade e o pente-

³ Disponível em <http://www.adbelem.org>

costalismo iriam operar dentro de um contexto urbano e industrial” (CAMPOS, 2005, p. 106).

Dado importante para a presente pesquisa é a constatação do professor Leonildo S. Campos de que o pentecostalismo se tornou o refúgio dos oprimidos, dos pobres e dos imigrantes; em outras palavras, a dimensão social foi atingida em cheio à medida que a fé no modelo pentecostal se tornou o abrigo para esses grupos (oprimidos, pobres e imigrantes).

Uma religiosidade sem efetividade social, que não desse contribuição efetiva na melhoria da vida dos deserdados e expatriados, não se afirmaria em tal contexto social. A religião pentecostal certamente os ajudou a encontrar dignidade, ou logo a teriam abandonado. Portanto, o que para alguns sociólogos é um ponto de crítica negativa ao pentecostalismo, o fato de germinar mais facilmente em ambiente social desfavorável acaba por se tornar sua maior glória.

“[...] a fertilidade do terreno social que tem estimulado o crescimento da semente pentecostal. A vitalidade da semente, na perspectiva sociológica, transcende a si mesma e se aloja nas estruturas da sociedade que a acolhe e lhe dá a germinação no tempo certo” (CAMPOS, 2005, p. 106).

Recorrendo a Paul Freston e sua divisão tripartida do movimento pentecostal (FRESTON, 1993, p. 66), a AD é uma denominação histórica, da chamada primeira onda, que inicia com a CCB, seguida pelo surgimento da Assembleia de Deus quase no encerramento da segunda década do século XX. A segunda onda, ou deuteropentecostal como denomina (Mariano 1999, p. 23), começaria entre os anos 1950 e 1960; por fim, a terceira onda ou neopentecostalismo, nos anos 1970 em diante. Porém, a despeito da classificação cronológica, algo chama atenção; as questões mais relevantes do ponto de vista da doutrina permeiam todas essas correntes, diferentes no agir, porém iguais na fé: “o núcleo doutrinário permanece inalterado em qualquer das ramificações pentecostais” (MARIANO, 1999, p. 31)

“O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). [...] A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. [...] A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Seus principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça

de Deus (1980). [...] O contexto é fundamentalmente carioca.” (FRESTON, 1993, p. 66)

Interessa-nos olhar mais de perto o que aconteceu com os pentecostais da segunda onda na década de cinquenta do século XX. Um incêndio avivalista mudou o cenário religioso brasileiro, principalmente da região sudeste. A partir de São Paulo, um trabalho religioso inovador tomou conta das cidades e, usando um recurso excêntrico de tendas de circo para abrigar os cultos, atraiu grandes multidões.

2 - O discurso sobre o pentecostalismo brasileiro

No Brasil, o discurso sobre o fenômeno pentecostal apresenta dois vieses, sendo um o fator social, na pobreza monetária do povo, na sua falta de educação acadêmica, fazendo do pobre presa fácil dos discursos que propõem soluções mágicas, como apresentam alguns pastores pentecostais a uma parcela sofrida da população brasileira.

“O perfil demográfico e socioeconômico dos pentecostais apresenta grandes desvios em relação à média brasileira (entre -85% e +85%). Do ponto de vista demográfico, os pentecostais habitam mais as zonas urbanas do que as rurais, congregam mais mulheres do que homens, mais crianças e adolescentes do que adultos, e mais negros, pardos e indígenas do que brancos. [...] Em matéria de educação, se caracterizam por um nível muito elementar, uma vez que os seus fiéis possuem, sobretudo, cursos de alfabetização de adultos, antigo primário e primeiro grau.” (JACOB, 2003, p. 136,137)

Além disso, marcam o seu discurso pentecostal clássico a ênfase escatológica no fim do mundo e o iminente arrebatamento da igreja; com isto, promovem a alienação social dos integrantes desse fenômeno carismático protestante. Essa leitura crítica, no entanto, não se restringe apenas aos protestantes que transitam do lado de fora do dito movimento, mas também daqueles que participam do mesmo. Notadamente, trata-se de uma crítica oriunda principalmente dos líderes cristãos mais alinhados com as doutrinas marxistas, como veremos a seguir:

“Percebe-se, nitidamente, o desconhecimento de uma teologia política, como uma das dimensões da ética, dentro da teologia sistemática. A leitura dos textos bíblicos referentes ao social e ao político é ‘espiritualizada’, em deturpação de seu sentido original. Confunde-se, por exemplo, a categoria mundo, que nas Escrituras traduz vocábulos diversos e sentidos vários. Tudo isso se agrava por uma leitura superficial da escatologia pré-milenista: a expectativa das coisas futuras nos conduz a uma inação diante das coisas

presentes; a realização na pós-história nos faz perder o sentido da história.”
(CAVALCANTI, 2002, p. 12)

É preciso notar, no entanto, que essa crítica foi aplicada ao conjunto dos pentecostais da segunda onda, especialmente. O pentecostalismo, portanto, se comporta diferentemente diante de seus objetivos de acordo com a onda que o produziu. O movimento pentecostal recebido no Brasil ganhou corpo no início do século XX, após as reuniões realizadas na escola bíblica de Charles Fox Parham, em Topeka, no Kansas, em 1901 (SYNAN, 2009, p. 17). Só em 1906 William Seymour, após ter passado pela escola de Parham, foi convidado a dirigir uma igreja no centro da cidade de Los Angeles, na Rua Azuza, 312 e lá ele liderou reuniões nas quais milhares de pessoas tiveram a experiência pentecostal. Foi então que o mundo conheceu tal fenômeno.

Seymour havia sido aluno na escola de Parham e ao retornar a Los Angeles ensinando sobre o batismo no Espírito Santo, os membros de sua igreja não quiseram ouvi-lo sobre o tema. Ele, então, foi convidado por outro membro da mesma igreja a pregar em sua casa, resultando no avivamento nessa cidade.

“Durante três dias, Seymour pregou ali, calma e logicamente, apresentando o alicerce bíblico de sua posição. E então, na noite de 9 de abril de 1900, enquanto ele ainda falava, os que lhe davam ouvidos começaram a receber o batismo no Espírito Santo. Falavam em línguas, riam, clamavam e cantavam; a cena deve ter sido paralelo próximo do Pentecoste original, quando Pedro e seus companheiros foram acusados de estar embriagados com vinho novo.” (SHERRILL, 2005, p. 53)

O pentecostalismo tem no Brasil pelo menos três distintos momentos e, embora anteriormente já o citássemos, é importante rever cada um deles, destacando a identidade própria de cada um, aquilo que os diferencia entre si. Isso ocorre não apenas no seu nascimento, mas principalmente na sua interação com a sociedade brasileira.

Como vimos, cada um desses momentos foi chamado de “Onda” (cf. FRESTON), cuja tipologia weberiana é considerada nesta pesquisa via Freston.⁴ Primeira Onda, Segunda Onda e Terceira Onda são termos adotados por alguns historiadores, como também o foram os termos Tradicional, Deuteropentecostal e Neopentecostal, como outros fizeram. Essas diferenciações não apenas serviram para distinguir as épocas em que surgiram cada um, mas como forma de distinguir a liturgia, a interpretação teológica, as práticas religiosas e sociais, a visão

⁴ A referida tipologia weberiana que Freston utiliza já foi criticada por outros pesquisadores do pentecostalismo, mas tem sido utilizada no presente trabalho por considerarmos adequada a sua divisão ou classificação cronológica, em certos aspectos, bem como do ponto de vista da própria tipologia.

política e a ética. Fazer essa distinção adequadamente é algo difícil. Uma das dificuldades é que praticamente não há diferença na base teológica, especialmente no que diz respeito a soteriologia e a escatologia.⁵

As igrejas pentecostais brasileiras, mesmo entre as diferentes ondas, quase sempre são arminianas, isto é, acreditam no livre arbítrio do homem em distinção às calvinistas, mais deterministas em relação do destino do mesmo. As pentecostais são sinergistas na sua abordagem soteriológica, ou seja, creem que o livre arbítrio humano coopera com a vontade de Deus para a salvação.

Por outro lado, se há uma doutrina que as une é a escatologia. Em geral, acreditam no chamado “rapto”, o arrebatamento da igreja antes da manifestação do Anticristo. Essa abordagem teológica recebe o nome de pré-tribulacional, indicando que os fiéis serão levados da terra antes de um período de grande tribulação que se abaterá sobre a face do planeta e, que este ato é iminente, não só porque está prestes a acontecer, mas porque acontecerá sem aviso prévio. A qualquer momento ele ocorrerá e isto exige um comprometimento e atenção total dos fiéis com a expectativa de um mundo sobrenatural vindouro e repentino.

É possível que por conta desta unidade teológica, haja uma tendência entre os pesquisadores de colocar no mesmo conjunto chamado “pentecostal” todas as igrejas dos diferentes movimentos, das diferentes “ondas”. Por isso, a fim de evitar equívocos na classificação e identificação de cada movimento e as denominações que as compõem, procede-se a particularização entre as três ondas.

3 - As três “Ondas”

A evolução do pentecostalismo brasileiro é um assunto que pode ser melhor esclarecido quando olhamos para o campo da teologia. Fazendo isso, entendemos melhor a situação atual da igreja e as nuances do movimento. O método de análise que divide o movimento pentecostal em três ondas, proposto por Freston (1993) ajuda bastante neste sentido.

Freston afirma ser “verdade que a pesquisa histórica entre os pentecostais sofre da relativa escassez de fontes escritas. Alguns grupos se adequam mais a uma “história anedótica” do que a uma “história documental” (FRESTON, 1993, p. 64). Ele prossegue afirmando que “os dados disponíveis sobre as igrejas pentecostais são, em alguns casos, extremamente fragmentados; na época de sua pesquisa (1993) não havia literatura suficiente para pesquisa sobre

⁵ A soteriologia é o conjunto de ensinamentos ou doutrina que trata dos aspectos da salvação e a escatologia é a doutrina que estuda os eventos relacionados aos tempos do fim.

o pentecostalismo. Na reconstrução precisamos recorrer cuidadosamente ao que sabemos sobre grupos semelhantes” (FRESTON, 1993, p. 65). Em outras palavras, usar a analogia entre as igrejas pesquisadas a fim de compreender aquelas que não dispõem de literatura documental.

3.1 A Primeira Onda – Pentecostalismo Clássico no Mundo

Segundo COSTA (2014), a primeira onda iniciou-se em 1901, quando nos Estados Unidos a sra. Agnes Ozman afirmou ter recebido o batismo do Espírito Santo e começou a falar em outras línguas. A esse momento histórico foi agregado o movimento Holiness.⁶ Posteriormente, em 1906, novamente foi relevada o mesmo fenômeno da glossolalia (falar em línguas ininteligíveis), quando se constatou o falar em línguas em uma igreja na rua Azusa, na cidade de Los Angeles. Desses dois eventos procede a maioria das igrejas pentecostais históricas, como a Assembleia de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil.

A Primeira Onda Pentecostal – No Brasil

Segundo Costa (2014), a primeira onda pentecostal no Brasil teve início em 1910, com os trabalhos da Congregação Cristã no Brasil e, posteriormente, com as Assembleias de Deus, em 1911. Afirma Freston que

“Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois suas rivais são inexpressivas. A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a Assembleia de Deus se expande geograficamente como a igreja protestante nacional por excelência, firmando presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório.” (FRESTON, 1993, p. 66)

Pagliarin (2011) segue seu relato sobre as chegadas e a iniciação das igrejas no Brasil, após a Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, tendo outra igreja pentecostal se estabelecendo no país:

“Depois, da América, chega a Igreja de Cristo no Brasil (1932, Mossoró, RN) e entra em conflito com as outras duas por defender que o Batismo com o Espírito Santo se dava no momento da conversão e não com a experiência posterior de falar em línguas. Em seguida, surgiu a Igreja Evangélica

⁶ Certamente Charles Parham pertencia ou tinha grande afinidade com esse movimento, uma vez que era metodista e o movimento *holiness* foi produto dos metodistas wesleyanos.

ca do Calvário Pentecostal (1935, Catalão, GO) que depois se funde com a Igreja de Deus de Cleveland, EUA, e se tornou a Igreja de Deus no Brasil. No ano seguinte surgiu a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo (1936, São Paulo, SP) e, três anos depois, de origem americana, a Missão Evangélica Pentecostal do Brasil (1939, Manaus, AM). Novas denominações vão surgindo até 1950. A Primeira Onda Pentecostal, portanto, vai de 1910 a 1950.”

Como uma característica marcante da primeira onda está a ênfase na glossolalia (dom de línguas estranhas), o retorno iminente de Cristo e a salvação mediante a rejeição do mundo. Para Freston (1993, p. 67), “a glossolalia em si não era a novidade do pentecostalismo, mas sim a elaboração doutrinária que lhe dava uma centralidade teológica e litúrgica”.

Finaliza Freston que “o pentecostalismo estava na sua infância quando chegou ao Brasil, um fator importante para sua autonomia. Sem grandes recursos ou denominações estabelecidas, o movimento não estabeleceu as relações de dependência que caracterizavam as missões históricas” (FRESTON, 1993, p. 68).

1ª ONDA PENTECOSTAL NO BRASIL	
Igrejas	Características
Congregação Cristã no Brasil (1910)	Um ferrenho anticatolicismo; defender a atualidade do batismo no Espírito Santo com a evidência de falar em línguas; a continuidade dos demais dons espirituais; a crença na volta iminente de Cristo; a necessidade de um comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior.
Assembleia de Deus (1911)	

Quadro 1 – Primeira onda pentecostal no Brasil: igrejas e características, segundo Freston (1993). Adaptado pelo autor.

3.2 A Segunda Onda – Pentecostalismo recente ou Renovação Carismática.

Semelhantemente ao movimento pentecostal da primeira onda, a segunda onda enfatizou os dons extraordinários, mantendo a grande ênfase ao dom de línguas. A diferença mar-

cante aqui é que as linhas denominacionais foram quebradas e a visão doutrinária pentecostal atingiu várias outras igrejas.

Segundo Portela,

“O ano de 1960 marca o início desta onda, em uma igreja Episcopal da Califórnia, na qual se observou o falar em línguas. A própria imprensa secular deu destaque ao acontecimento. O movimento, nos Estados Unidos, se espalhou pelas universidades, entre organizações para-eclesiais, tais como a ABU. Além de atingir denominações tradicionais, como luteranos, presbiterianos e metodistas, penetrou nos católico-romanos, partindo da universidade de Notre Dame, formando o movimento dos ‘católicos carismáticos’, que perdura até hoje. A maior característica desse período foi a determinação dos persuadidos pelos ensinamentos pentecostais, a permanecerem nas denominações de origem, ‘renovando-as.’”⁷

A chamada Renovação Carismática, inter ou adenominacional e ecumênica, que segue a mesma linha geral do movimento mais amplo que teve início entre as décadas de 1950/1960, só que ocorreu entre católicos, por influência do movimento ocorrido entre os evangélicos ou protestantes. Entre esse grupo foi alegado haver “experiências”, além de caracterizar-se por

“[...] infiltração/ tomada/ divisão de igrejas de denominações mais tradicionais (católica, batista, presbiteriana, congregacional etc.), que não trocavam o nome principal, mas passavam a ser conhecidas, ao menos extraoficialmente, como ‘Igreja Fulana-de-Tal, Renovada’. Elas identificam-se e ecumênicamente comungam umas com as outras, unidas sobre a base comum das ‘experiências da renovação carismática.’”⁸

A Segunda Onda no Brasil

Segundo Freston, nos anos 1950 do século passado, o pentecostalismo cresceu assustadoramente, mas de maneira fragmentada. As classes mais antigas da religião se aburguesavam enquanto as mais novas se calçavam nas classes mais pobres, em função desses mesmos obterem a liberdade de se adequarem aos meios e a sociedade urbana, sem a tradição dos conservadores mais antigos. Inovação, esta era a palavra-chave para os novos grupos e uma renovada intimidade com a sociedade.

Para Diniz, tudo se inicia por volta de 1950.

⁷ Disponível em <http://monergismo.com/solano-portela/pentecostalismo-neopentecostalismo-e-o-trabalho-do-espírito-santo/> acessado em 11.01.2017

⁸ Disponível em <http://solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/3OndasPentecostalismo-Helio.htm> e acessado em 25.11.2016.

“A segunda onda pentecostal no Brasil começou em 1950 quando dois missionários da International Church of The Foursquare Gospel vieram ao Brasil e fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular (I.E.Q), construindo um pequeno templo em São João da Boa Vista, em 1951. Eles criaram a Cruzada Nacional de Evangelização e iniciaram o evangelismo baseado na cura divina. Nesta segunda onda houve fragmentação denominacional com o surgimento das igrejas Brasil para Cristo (1955, São Paulo), Deus é Amor (1962, São Paulo), Casa da Bênção (1964, Minas Gerais), e inúmeras outras.” (DINIZ ALVES e outros, 2014, p. 5)

Assim, temos o seguinte quadro para a segunda onda do pentecostalismo:

2ª ONDA PENTECOSTAL NO BRASIL	
Igrejas	Características
Igreja do Evangelho Quadrangular (1953)	• Ênfase no dom de cura divina; no exorcismo; • Guarda muitas semelhanças doutrinárias com as igrejas da primeira onda; • Passa a utilizar métodos e meios de evangelismo diferenciados (rádio, tendas, aluguel de cinemas, teatros e estádios para realização de cruzadas evangelísticas).
Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (1955)	
Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962)	
Casa da Bênção (1964)	
Igreja Cristã Pentecostal da Bíblia do Brasil	
Igreja Pentecostal Unida do Brasil	
Ministério Cristo Vive	
Igreja Unida	
Igreja de Nova Vida	
Outras entre 1950 – 1970	

Quadro 2 – Segunda onda pentecostal no Brasil: igrejas e características, segundo Freston (1993). Adaptado pelo autor.

3.3 A Terceira Onda – O movimento de sinais e maravilhas, o Neopentecostalismo

Pelas descrições que são apresentadas pelos autores aos quais temos recorrido, a terceira onda marca de modo mais acentuado uma distinção entre as duas ondas anteriores. Isso pode ser observado tanto no trato das doutrinas, como eram anteriormente admitidas, como na relação com os ouvintes, os membros que integraram ou que se converteram ao movimento e passaram a compor o quadro mais amplo da Igreja. O mesmo pode ser dito em relação a postura frente ao mundo e à vida, especialmente na pregação da prosperidade e da cura (ou saúde

física), marcas da pessoa de fé, aquela que atendeu ao apelo feito no evangelismo de poder, a mensagem da fé.

Escreve Portela sobre as seguintes características para a terceira onda do pentecostalismo no mundo:

“A designação ‘terceira onda’ foi cunhada por Peter Wagner, em 1983, um dos proponentes do movimento de crescimento de igrejas. Ele escreveu que as duas primeiras ondas continuavam, mas agora o Espírito estaria vindo em uma “terceira onda” com sinais e maravilhas. Temos aqui, também, o surgimento do movimento Vineyard, que conseguiu adeptos e transformou-se em uma denominação, propagando o que ficou conhecido como “evangelismo do poder” (power evangelism) – o evangelho é propagado e demonstrado por sinais e maravilhas sobrenaturais. O dom de línguas, neste estágio, recebeu uma ênfase menor do que o de ‘profecias’, curas e realização de efeitos especiais e sobrenaturais – muitas vezes sem razão ou conexão aparente – tais como: quedas, risos, urros, dentes de ouro, etc.”⁹

A Terceira Onda no Brasil

A terceira onda, segundo Freston (1993, p. 95), “acompanha novo surto de crescimento nos anos 80 (*do século passado*)”¹⁰. A instituição mais famosa do período é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada pelo bispo Edir Macedo em 1977, que ganhou crescimento na década seguinte. Outra igreja do período é a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), fundada em 1980 por R. R. Soares, cunhado de Macedo, após um cisma com a IURD.

O seguinte quadro apresenta o plano geral do pentecostalismo da terceira onda.

3ª ONDA PENTECOSTAL NO BRASIL	
Igrejas	Características
Igreja de Nova Vida (1960)	• Ênfase na prosperidade e nos rituais de exorcismo; • Pregar a cura divina; • Não há a manifestação dos
Igreja Universal do Reino de Deus (1977)	
Igreja Internacional da Graça de Deus (1980)	
Comunidade Cristã Paz e Vida (1982)	
Igreja Cristo Vive (1986)	
Igreja Renascer em Cristo (1986)	

⁹ Disponível em <http://monergismo.com/solano-portela/pentecostalismo-neopentecostalismo-e-o-trabalho-do-espirito-santo/> acessado em 11.01.2017.

¹⁰ Grifo nosso.

Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1992)	dons espirituais durante as reuniões, e em alguns casos não aceita alguns dos dons, em especial a profecia;
Igreja Mundial do Poder de Deus (1998)	• Doutrinariamente essas igrejas estão ligadas a Teologia da Prosperidade e ao movimento da Palavra da Fé.

Quadro 3 – Terceira onda pentecostal no Brasil: igrejas e características, segundo Freston (1993). Adaptado pelo autor.

Diante do que foi exposto, é preciso considerar a pergunta sobre as igrejas pentecostais da segunda onda se elas guardam (e quais seriam) semelhanças entre o seu perfil em relação às igrejas das demais ondas. Esse é o trabalho proposto por esta pesquisa afim de apresentar a academia o que se pode conhecer deste movimento religioso, relativamente isolado dos demais movimentos pentecostais.

Embora as igrejas da segunda onda tenham recebido influência dos missionários americanos em sua origem, será possível notar que o movimento em si tem traços de um fenômeno religioso pentecostal genuinamente brasileiro, e que os quadros que o compõem trarão, cada vez menos, nomes de missionários estrangeiros à frente das denominações.

4 - Diferentes visões acadêmicas sobre o pentecostalismo

Tomando os aportes teóricos de Willems (1967), vemos que o pentecostalismo desempenha papel na adaptação dos estratos sociais desfavorecidos, desenraizados dos tradicionais modos de vida rural, até as transformações socioculturais relacionadas à industrialização, urbanização e migração, fornecendo-lhes novas comunidades, disciplina, valores adequados à vida nos centros urbanos, segurança psicológica e econômica.

O sociólogo Émile Léonard (1988) refere-se ao pentecostalismo como um protestantismo do Espírito em que a

“Bíblia tem apenas um lugar diminuído, ao mesmo tempo em que não é mais livresco, mas radiofônico e em que os hábitos gerais levam menos a meditar sobre uma revelação escrita que ‘a dar uma telefonada para Deus’ e a esperar uma resposta que não esteja mais ligada a uma mediação fora de moda, do papel impresso.” (LÉONARD, 1988, p. 106)

O professor Daniel Rocha escreveu um artigo intitulado “Concepções escatológicas e vida social no Pentecostalismo Brasileiro”, onde demonstrou o interesse e as descobertas do mundo acadêmico em relação ao pentecostalismo no que tange à sua postura frente à vida, a sociedade onde se insere e as demandas que dela advém. Em suas palavras, temos:

“Com o crescimento da população evangélica, em especial do segmento pentecostal, e sua inserção na política nacional, parece simplista a afirmação de que o pré-milenismo, a postura de indiferença em relação à sociedade e a manipulação por parte das lideranças eclesiais (sem que se discuta os argumentos teológicos usados) são os únicos aspectos do pensar escatológico evangélico.” (ROCHA, 2009, p. 57)

Em sua pesquisa, o professor Daniel Rocha descreveu uma igreja com inserção na política nacional, mas que talvez não esteja tão preocupada com a sociedade na qual o fenômeno acontece. Ele ressalta que, embora o pentecostalismo pareça apático em relação ao que acontece à sua volta “a postura de indiferença em relação à sociedade”, a premissa de alienação, é simplista, porque envolve outros aspectos da sua teologia.

A conclusão a que chega é de uma religião que não se importa com a sociedade na qual está inserida, um segmento apático, insensível às causas sociais. Parece, mediante o exposto acima, que o pentecostalismo é desprovido de práticas humanistas e está voltado exclusivamente para o transcendente, o sobrenatural, a contemplação. Para Aristóteles, são três os principais tipos de vida, a vida dos prazeres, a vida política e a vida contemplativa¹¹ e, a julgar pelo resultado da pesquisa do prof. Rocha, os pentecostais se ocupam apenas de um desses três tipos de vida.

Aproveitando a menção a *Ética*, pelo discurso de Aristóteles aprendemos que a vida na pólis, a sua produção, o resultado do conhecimento adquirido e do labor “visa algum bem”, ou seja, o conhecimento tem uma finalidade e esta finalidade tem um nome: “Verbalmente, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem ser esse fim a felicidade e identificam o bem viver e o bem agir como o ser feliz”.¹²

Mas como buscar o bem comum pretendido, a felicidade, na atividade religiosa? Seria a religião, no âmbito da ética, uma antinomia? Esta formulação eu faço devido ao que se ob-

¹¹ Aristóteles, *Ética a Nicomaco*, Livro I, 5.

¹² *Ibidem*, Livro I, 4.

serva em alguns comentários já apresentados sobre os pentecostais, que se alienam da vida comum e vivem em função de suas próprias expectativas (esperança no arrebatamento iminente, vida futura etc.).

A ética é a normatização da vida entre pessoas iguais, os homens, na sua relação horizontal, olhando para aquele que está ao lado. Já a vida contemplativa é a vida entre pessoas diferentes, o homem e Deus, uma relação vertical, olhando para quem está acima. O Dr. Norman L. Geisler, acadêmico da área da Teologia, considerou o filósofo Soren Kierkegaard o “precursor de um tipo de transcendência antinomista daquilo que é ético” (GEISLER, 2006, p. 24).

Embora acreditasse que “o ético como tal é o universal, e como o universal, aplica-se a todas as pessoas, o que pode ser expressado doutro ponto de vista, dizendo que é aplicável a cada instante”,¹³ também explicava que o “ético é o universal, e, como tal, também é o divino”.¹⁴ Mas este não é todo o entendimento, senão uma parte dele, pois para Kierkegaard o dever ético que tenho para com o outro, com o semelhante, é o dever por ter referência a Deus, mas no próprio dever não entro em relacionamento com Deus”,¹⁵ sendo, portanto, a relação individual com a Pessoa Divina mais elevada do que a relação coletiva com o semelhante.

Geisler chega à conclusão que, embora o ético seja universal, e por isto mesmo essencial na busca da felicidade da vida na pólis (como proposto por Aristóteles), nem sempre o ético é obrigatório. Dito de outra maneira, ainda que o ético como tal seja universal, nem sempre ele será obrigatório. O individual, no dever absoluto diante de Deus, pode e deve transcender o ético (GEISLER, 2006, p. 25).

O pensamento do filósofo dinamarquês não é, de forma alguma, a negação da ética, o seu aniquilamento em prol da vida contemplativa, pois ele demonstra haver uma hierarquia de valores, onde um se submete ao outro. Geisler utiliza o relato bíblico de Abraão e Isaque para demonstrar o que chama o “paradoxo da responsabilidade religiosa do indivíduo sobre seu dever ético” (GEISLER, 2006, p. 25). A tragédia do sacrifício de Isaque só seria possível se a responsabilidade ética fosse paralisada por algo superior: eis a antinomia, a norma contrária, o individual sobrepondo-se ao coletivo. A atitude de Abraão é chamada por Kierkegaard de absurdo, pois não há qualquer finalidade ética no ato. Ao contrário, o coletivo é posto em segundo plano em prol do individual. Não há ato heroico, apenas a pura tragédia humana:

¹³ KIERKEGAARD, 1954, apud Geisler, 2006, p. 36.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid., p. 25.

“Ele age em virtude do absurdo, porque é precisamente absurdo que ele, como o particular, seja mais alto do que o universal. [...] Abraão, portanto, não foi em momento algum um herói trágico, mas, sim, algo bem diferente, ou um assassino, ou um crente.”¹⁶

Quando falamos da questão ética, da vida em busca do bem maior, a vida em sua relação horizontal e, ao mesmo tempo descrevemos a vida religiosa, a vida individual, contemplativa, na sua relação vertical, é possível notarmos uma antinomia tal que prejudique a nossa compreensão da realidade? Isso seria aplicado aos indivíduos no movimento pentecostal?

Daniel Rocha fala de outros pesquisadores, citando-os ao longo da sua pesquisa, que vislumbraram nos pentecostais um desinteresse pela vida secular, que eles mesmos, devido a sua escatologia, não encontram motivo suficiente para, através de ação sociopolítica, colaborar na construção de uma sociedade justa e fraterna

“Os autores que pesquisaram as relações entre o pentecostalismo e a política também enxergam na questão escatológica o motivo pelo desinteresse e omissão sociopolítica dos pentecostais. A questão que é recorrentemente colocada é a de que se espera o final iminente e as estruturas sociais, corrompidas pelo pecado, seriam irremediáveis e estariam condenadas de antemão pelo Juízo Eterno que em breve acontecerá, não haveria motivo para se engajar politicamente na busca de se construir uma sociedade mais justa e livre” (ROCHA, 2009, p. 77).

Ainda em sua dissertação, Rocha descreve o pensamento de Baptista sobre o desejo dos pentecostais de uma ruína intensa e rápida da civilização para que se antecipe a volta de Cristo, a chamada “parousia”. Este argumento é uma justificativa, segundo o pensamento de Baptista, para explicar “por que o pentecostal não participa dos movimentos sociais e das ações políticas com o propósito de construir uma sociedade melhor”. Segundo o raciocínio de Baptista, seria o fiel carismático um ser nefasto, que vive a desejar o mal aos outros, socialmente estéril, cuja única vida é a contemplativa e o ético foi eliminado pela antinomia religiosa.

“Essa concepção do fim da história explica por que o pentecostal não participa dos movimentos sociais e das ações políticas com o propósito de construir uma sociedade melhor. Eles não alimentam uma utopia humana. A visão pentecostal da história é orientada pelo ‘catastrofismo’. O autor vai mais longe quando afirma que ‘há uma tendência do pentecostal esperar (desejar) que a situação piore, rapidamente, para que Cristo volte logo’”. (BAPTISTA, apud ROCHA, 2009, p. 78)

¹⁶ Ibid.

Mais adiante o Prof. Baptista faz outras afirmativas sobre o pentecostalismo em sua tese de doutorado, sempre justificando a ideia escatológica predominante no lado carismático do cristianismo: “A corporação pentecostal não tem projeto de sociedade” e “não existe espaço para compromisso das instituições pentecostais com projetos de mudança social” (BAPTISTA, 2007, p. 201).

O historiador Paulo Siepierski também percorreu o mesmo caminho de Baptista e encontrou nos pentecostais alienação e distanciamento da realidade social. De forma assertiva, define os cristãos carismáticos como um grupo de deprimidos e pessimistas.

“O pré-milenarismo é responsável pela separação do mundo, característica do pentecostalismo. Essa separação revela-se, por exemplo, no desprezo ao prazer, no isolamento cultural, na passividade sociopolítica e no pessimismo em relação a qualquer esforço para transformação da sociedade.” (SIEPIERSKI, 2004, p. 81)

Uma visão sociológica do pentecostalismo, sob o olhar de um cientista respeitável no meio acadêmico brasileiro, mas nem por isto trazendo um juízo mais condescendente em relação aos citados anteriormente, é o dr. Ricardo Mariano.¹⁷ Em entrevista ao Instituto Humanas Unisinos, Mariano afirma que além de representar uma visão retrógrada da vida, o baixo prestígio social do pentecostalismo deriva de seu relativo sectarismo e de sua crença na posse exclusiva do monopólio dos bens de salvação ou da verdade divina. Modos de ser e de pensar que se chocam com traços básicos da modernidade (MARIANO, 1999, s. p).

O que diria Kierkegaard sobre a vida carismática? A vida contemplativa justificaria anulação da vida ética? Embora Kierkegaard entendesse que vida contemplativa se sobrepõe à vida ética, para ele a ética não é eliminada pelo religioso. Na interpretação de Geisler sobre o pensamento de Kierkegaard, fica claro que um não descarta o outro, que a vida ética é o resultado da vida contemplativa, embora o exercício ético não transcenda à vida contemplativa: “É um dever amar ao próximo, mas ao cumprir este dever, não entro em relacionamento com Deus, mas, sim, com o próximo a quem amo.” (GEISLER, 2006, p. 25)

A ética como tal permanece universalmente obrigatória. Somente porque a ética é considerada relativa em relação àquilo que é religioso, não significa que não permanece absoluta em si mesma. A ética pode ser suspensa, mas não pode ser descartada.¹⁸

¹⁷ Ricardo Mariano, Doutor em Sociologia pela USP (2001), pós-doutor em Sociologia da Religião pela USP (2011), professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Sociais na PUC-RS. Atualmente é professor na USP. Autor de diversos livros, entre eles *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, publicado pela Edições Loyola, 1999.

¹⁸ Ibid., p. 26.

Segundo Mariano (1999), os eventuais benefícios que o pentecostalismo pode proporcionar aos fiéis não possuem potencial para modificar as culturas, as economias e as estruturas sociais e políticas dos países latino-americanos. Um dos principais motivos disso é que este movimento religioso, particularmente a vertente neopentecostal, apresenta-se cada vez mais domesticado e aculturado. Para conquistar as massas, as igrejas neopentecostais optaram por ajustar sua mensagem às demandas das camadas populares, por se dessectarizar, por partir com o ascetismo contracultural e se adequar gradualmente à sociedade e à cultura de consumo. Transformações consideráveis cujos efeitos mais visíveis têm consistido em torná-las cada vez menos uma imagem negativa dos símbolos de nossa brasilidade.

A seguir vemos alguns aspectos quanto a visão pentecostal divulgada pelos meios de comunicação

5 - A visão dos meios de comunicação

Em 2009, a IV Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (ECLESIOCOM)¹⁹ teve como tema “As Igrejas na imprensa: noticiário sobre religião em foco”. O propósito da Conferência foi reunir especialistas e apresentar pesquisas, estudos e relatos de práticas sobre estudos em Comunicação e Religião. O encontro foi realizado na Universidade Metodista de São Paulo, em novembro daquele ano.

Um dos painéis contou com a presença de três nomes da área: Prof. Dr. Fernando Altemeyer;²⁰ Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos,²¹ da Universidade Metodista; Jornalista Roldão Arruda, do jornal O Estado de S. Paulo. A mesa foi coordenada pela Dra. Magali Nascimento Cunha.²²

¹⁹ Eclesiocom é a Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial, promovida anualmente pela Cátedra Unesco de Comunicação, da Universidade Metodista de São Paulo, e tem por objetivos Consolidar o campo acadêmico de pesquisa, de natureza transdisciplinar, sobre as interfaces entre Comunicação e Religião; apresentar pesquisas, estudos e relatos de práticas, concluídos ou em desenvolvimento; ampliar o contato entre pesquisadores de diversas áreas sobre a relação entre Comunicação e Religião, em especial no cenário brasileiro contemporâneo; estimular novos pesquisadores (graduação e pós-graduação) para a apresentação de trabalhos e relatos de pesquisa.

²⁰ Filósofo e teólogo, pós-graduado pelo programa de Ciências da Religião da PUC-SP com mestrado em Teologia e Ciências da Religião, obtido na Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, Bélgica. Atualmente é Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, defendendo tese sobre a Compaixão.

²¹ Graduação em Teologia (Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, concluído em 1972); graduação em Filosofia, pela Universidade de Mogi das Cruzes (1972); mestrado em Administração pela Universidade Metodista de São Paulo (1986) e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1996)

²² Magali do Nascimento Cunha é graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense. É mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo.

O resultado do painel foi uma análise crítica do comportamento da mídia em relação à religião, particularmente do movimento pentecostal. O Dr. Fernando Altemeyer realçou o desinteresse da imprensa em noticiar sobre religião os seus aspectos positivos, mas sem hesitação ao divulgar os feitos negativos:

“Jornais de alta circulação retiraram a religião de seu universo primordial e até mesmo secundário de notícias. Tudo o que se lê são escândalos. ‘A própria Marcha pra Jesus,’²³ que reúne milhares de pessoas, ganha notas nos rodapés dos jornais. Não há relevância desses acontecimentos, no máximo matérias sobre Natal e Páscoa’, afirma Altemeyer.” (ECLESIOCOM, 2009)

O jornalista e escritor Roldão Arruda corroborou a fala do professor Altemeyer:

“É muito grande a desinformação religiosa na nossa sociedade e falta jornalismo especializado no tema. ‘Há muita dificuldade em emplacar pautas religiosas, a não ser escândalos e pedofilia.’” (ECLESIOCOM, 2009)

O professor Campos destacou as agressões sofridas pelo movimento pentecostal desde o seu surgimento, chamando a atenção para o que pode ser ignorância e desinformação: “O Pentecostalismo nasceu em 1906, nos Estados Unidos, já sob o ataque da mídia, com charges ridicularizando, passando a imagem de algo excêntrico [...]” (ECLESIOCOM, 2009).

Embora inicialmente tenha se referido aos acontecimentos nos Estados Unidos, Campos também se reportou ao que ocorreu e ocorre no Brasil:

“Ele também apresentou diversas reportagens de veículos nacionais, sempre com abordagens negativas. ‘A mídia tira um bom proveito disso, mas ela se esquece de que também faz parte desse cenário. Fica a pergunta: até que ponto os jornalistas estão a par do mundo protestante e pentecostal?’” (ECLESIOCOM, 2009).

Até que ponto os jornalistas estão a par do mundo pentecostal? O quanto os formadores de opinião do quarto poder estão próximos da verdade sobre o pentecostalismo? Há preconceito nas matérias jornalísticas, televisivas ou impressas, nos meios de comunicação no Brasil?

“[...] as palavras cumprem [...] o papel de manifestar o eu sempre em confronto com o outro. [...] Ao manifestar uma e não outra palavra (escolhida

²³ A *Marcha pra Jesus* é um movimento criado pela Igreja Renascer em Cristo. Milhões de pessoas vão às ruas de São Paulo portando faixas e cartazes com dizeres bíblicos e anunciando a fé cristã pentecostal. O evento se alastrou e, em várias cidades brasileiras se repete a cada ano.

no universo de sua enunciação, no universo disponível de acordo com a classe social e outras variáveis), o homem está participando da construção (no sentido de mudança ou permanência) e emitindo sua reelaboração do universo que lhe foi entregue ‘pronto’, classificado, organizado pelos membros daquele grupo. Assim se reconfiguram ou se revolucionam estereótipos ou paradigmas” (BACCEGA, 1988, p. 85,86).

A novela *Duas Caras*, da Rede Globo de Televisão, maior audiência e quase monopólio televisivo brasileiro, fez referências aos evangélicos pentecostais em seus episódios. Nos capítulos levados ao ar no início do ano de 2008, atores que representavam o estereótipo pentecostal criado pela mídia promoveram um linchamento público de três pessoas que formavam um triângulo amoroso, a título de estimular uma catarse social, banindo o demônio que tinha se apoderado do corpo deles. A personagem “pentecostal”²⁴ Edivânia teve como alvo de sua cruzada um gay, uma drogada e um garçom, que moravam na “favela da Portelinha”. Após o grito de ordem “Pelos trombetas de Jericó, vamos extirpar o demônio da Terra. Quem for por Deus que me siga!”, Edivania e seus seguidores desferiram pedradas sobre os seus alvos, inclusive sobre a jovem que estava grávida: “Vamos tirar a besta do Apocalipse que mora nesse corpo”, eram os gritos da líder “pentecostal”²⁵, protagonista da novela.

Não foi a primeira vez que a televisão utilizou personagens assim e, sempre um pentecostal é apresentado nas novelas da Rede Globo, o é na forma de um oportunista, aventureiro em questões religiosas ou fanático, alienado social, ser obscuro, retrógrado, fora da realidade social ou distante da cultura contemporânea. Pensamos ser necessário considerar a disputa por IBOPE entre a própria Rede Globo e a TV Record, cuja proprietária é a IURD, razão pela qual se retrata o grupo pentecostal de modo pejorativo, na tentativa de denegrir a imagem dos proprietários da concorrente.

A novela referida é apenas uma mostra do tratamento dispensado aos evangélicos pentecostais na mídia, que também merece um tratamento parecido na mídia impressa.

“Evangélico morre em briga durante retiro em Sapucaia do Sul (RS)”. Essa manchete foi publicada em letras garrafais pela Folha de São Paulo, também em sua edição eletrônica *Folha on-line*, no dia 11 de novembro de 2010. É bom que se diga que este jornal é o maior em circulação no Brasil, e de grande respeitabilidade. Que imagem uma manchete assim passa para o senso comum? Certamente uma imagem bastante negativa e irreal.

No entanto, diferente do sensacionalismo do título, o leitor encontrará na leitura da notícia o relato de um acontecimento completamente diferente. Vejamos:

²⁴ O termo inserido entre aspas, sugere que a Rede Globo retrata o pentecostalismo de modo pejorativo.

²⁵ Ibidem.

“Segundo a Polícia Civil, os evangélicos estavam reunidos no alto de um morro, em uma reserva florestal da cidade, quando foram atacados, por volta da 0h30. De acordo com a polícia, testemunhas afirmaram que cinco pessoas chegaram ao local num veículo Palio e começaram a discutir com os evangélicos, membros da igreja neopentecostal (sic) Deus é Amor. Ainda segundo a polícia, as testemunhas também afirmaram que as cinco pessoas eram membros de um templo de umbanda local. Uma briga começou e dois evangélicos foram esfaqueados. Nilton Rodrigues, 34, levou uma facada no pescoço e morreu no local. João Carlos de Oliveira, 63, foi ferido na barriga e levado para um hospital na cidade, onde está em observação. Até o momento ninguém foi preso.”²⁶

A manchete induz a imagem de um cristão evangélico brigando até a morte no que deveria ser um retiro espiritual. Depois, ao ler o corpo da notícia, nos deparamos com a informação de que o evangélico foi vítima e, vitimado por alguém que nem evangélico era. E assim, as opiniões são formadas no senso comum no país, quer seja pela mídia televisiva, quer seja pela mídia impressa. Trata-se de desinformação.

O tratamento necessário a apuração de uma informação, especialmente no caso desta pesquisa, não seguirá, evidentemente, os meios utilizados no jornalismo comercial. Esta dissertação seguirá a pauta prevista da investigação científica sobre o pentecostalismo da segunda onda no Brasil, seguindo a definição de Paul Freston sobre o movimento religioso dos anos 1950.

A apuração não poderá ser eivada de preconceito. Ouvimos personagens importantes dentro do movimento e do período, aqueles que construíram a história e que ainda o fazem hoje, procedemos a análise dos feitos relatados, dos discursos e especialmente da vida dos protagonistas deste fenômeno significativo dentro do país, quer seja em números estatísticos pela sua grandiosidade, quer seja nos por seus ideais e na influência que exerce.

6 - A igreja pentecostal da segunda onda e o alcance social efetivo

Aspectos relevantes na história do pentecostalismo

Conforme examina Ricardo Mariano, o pentecostalismo que recebemos, com origem nos Estados Unidos, encontrou campo fértil em sociedades economicamente emergentes.

²⁶ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2010/11/829120-evangelico-morre-em-briga-durante-retiro-em-sapucaia-do-sul-rs.shtml?mobile> e acessado em 25.11.2016.

Chegou ao Brasil no início do século XX, em 1910, tendo a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil como os seus mais emblemáticos representantes.

“Desde então milhares de igrejas locais se formaram e distintas mudanças ocorreram em seu interior, tornando esta religião cada vez mais complexa. Para facilitar a compreensão e exposição da história e das distintas vertentes do pentecostalismo brasileiro, pesquisadores passaram a distribuir este campo religioso em três ondas.” (MARIANO, 1995, p. 25)

As igrejas pentecostais que primeiramente surgiram no cenário brasileiro e que inauguraram o movimento pentecostal no Brasil (AD e CCB), ainda são a maior expressão e presença no território brasileiro.

A segunda onda, sobre a qual nos debruçamos nesta pesquisa, também chamada de deuteropentecostal, é a vertente que eclodiu na segunda metade dos anos 1950, cresceu e se fortaleceu no decorrer dos anos 1960 e 1970.

A corrente pentecostal que a sucedeu, chamada de terceira onda, é composta por igrejas que tem a Teologia da Prosperidade como âncora.²⁷ As mais importantes denominações do período são a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD, fundada em 1977, no Rio de Janeiro), a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD, fundada em 1980, também no Rio de Janeiro), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (fundada em 1976, em Goiás) e a igreja Evangélica Renascer em Cristo (fundada em 1986, na cidade de São Paulo). Todas essas igrejas foram fundadas por pregadores brasileiros, e hoje constituem as principais igrejas neopentecostais, embora a Igreja do Evangelho Quadrangular, surgida na década de 1950 seja estudada como pertencente ao movimento da segunda onda, agora também tem sido identificada com este novo modelo pentecostal.

Em relação a Teologia da Prosperidade (TP), Wrege identifica a

“[...] ‘Teologia da Prosperidade’ como recomposição do capitalismo por meios neoliberais, sendo que a religiosidade protestante já serviu ao favorecimento do desenvolvimento deste sistema econômico desde o seu início, conforme discorre Weber, em estudo que realiza sobre as inter-relações entre países capitalistas desenvolvidos e as fortes influências de uma ética protestante, de valorização dos estudos e da ocupação dos melhores postos de trabalho.” (WREGE, 2001, p. 108)

²⁷ A Teologia da Prosperidade ganhou força na década de 1950 a partir da assimilação de mensagens positivistas, e no Brasil ganhou força dada a conjuntura econômica favorável dos anos 2000 com a estabilidade da moeda brasileira, a diminuição da inflação e força do Plano Real.

O pentecostalismo em suas diferentes ondas é provavelmente o modelo de cristianismo que mais facilmente se adapta às mudanças culturais, por isso é sempre visto como um “movimento”.

Mariano aponta:

“Frente às muitas mudanças ocorridas na sociedade, sobretudo na área comportamental, e às novas demandas do mercado religioso, várias lideranças optaram por ajustar gradativamente sua mensagem e suas exigências religiosas à disposição e às possibilidades de cumprimento por parte de seus fiéis e virtuais adeptos. O sectarismo e o ascetismo começaram a ceder lugar à acomodação ao mundo, acompanhando o processo de institucionalização de importantes segmentos pentecostais.” (MARIANO, 1995, p. 27)

Por causa desse necessário acultramento, as doutrinas neopentecostais, mais pragmáticas, acabam por influenciar os costumes das igrejas oriundas dos outros dois movimentos.

O neopentecostalismo necessita de esclarecimentos que pertencem ao pentecostalismo tradicional, este que, remonta à história do Protestantismo. A influência que o antecedeu, o pensamento e a prática de John Wesley consistiram no caráter pietista dos moravianos. O pietismo, que teve em Phillip Jacob Spener (1635–1705) o seu primeiro líder, era a forma embrionária do pentecostalismo, pois, embora se preocupasse com aspectos teológicos, enfatizava e valorizava as experiências individuais dos cristãos, buscando a santificação como prática de vida cristã pessoal. Os moravianos são considerados os primitivos protestantes que colocaram em prática o juízo de que a evangelização dos “perdidos” é obrigação de toda a igreja, e não apenas de uma sociedade ou de alguns indivíduos, derivando daí a ênfase pentecostal na evangelização e expansão missionária.

Somente na década de 1770, do século XVIII, John Wesley seria efetivamente alcançado pela “experiência do coração aquecido”, uma espécie de santificação carismática, doutrina pietista abraçada pelos morávios que, para Wesley se tornaria uma vida de intimidade com Deus, uma experiência sobrenatural que produziria a vida de pregação entre os mais pobres, causando uma fissura eclesiástica entre ele e a igreja Anglicana.

“Essa santificação foi alcançada por Wesley em 1774 através da conhecida ‘experiência do coração aquecido’, que para ele representou uma vida de bastante proximidade com Deus. A proximidade deste pastor anglicano com uma experiência sobrenatural o mobilizou para que efetuasse ampla campanha de propagação da Bíblia entre os mineiros ingleses, além do que fez com que se voltasse para preocupações de ordem social, considerando-se que os mineiros pertenciam a um extrato social de baixa renda. Foi assim que Wesley se distanciou do anglicanismo, de cunho mais teórico e direcionado para as classes abastadas.” (WREGE, 2001, p. 47)

De acordo com Wrege (2001) a comprovação de que Wesley não acompanhava rigorosamente o anglicanismo ocorreu por intermédio à sua autorização para que pessoas despreparadas teologicamente pregassem o evangelho, segundo orientação consentida por ele. Analogamente, o caráter desconhecedor da pregação cristã protestante se fez divulgada nos Estados Unidos, em época de sua colonização. Simultaneamente com os colonizadores ingleses, o metodismo provocou expedições evangelísticas a partir de pregadores leigos e com a utilização de conceitos, conhecimentos sobrenaturais, em concordância com o que Wesley havia conhecido pessoalmente.

Adicionamos como efeito da herança pietista de John Wesley o exercício da oração, que se tornou essencial entre os grupos religiosos norte-americanos, com o objetivo de levar uma vida próxima a Deus. Desta forma, a existência de pastores leigos com forte apelo à santificação e à oração constituíram as bases para o surgimento do pentecostalismo (CAMPOS JR., 1995, 18).

É considerado pelo autor que:

“No caso dos metodistas norte-americanos o meio utilizado foi o *camp meeting* (acampamentos onde se dava ênfase às orações e às leituras da Bíblia) através de pregadores itinerantes, com pouca instrução e boa identificação com os povos da fronteira: pertenciam à mesma camada social e por isso tinham um universo mental semelhante. O *circuit rider* (pregador que se deslocava) pregava o mesmo sermão várias vezes, pois deslocava-se com frequência de uma localidade para outra. A repetição, a pregação constante, o transformava num comunicador hábil, que geralmente conseguia muitos adeptos em suas concentrações. É preciso destacar aqui uma característica que aproxima o protestantismo avivalista dos séculos XVIII e XIX ao pentecostalismo do século XX (guardadas as devidas proporções): os grandes ajuntamentos” (CAMPOS JR, 1995, p. 18).

Intui-se então que a anunciada graça divina oferecida aos homens se fez valer no ideário avivalista dos metodistas que se radicaram nos Estados Unidos. Em equivalência a esta crença, o calvinismo não proporcionou influência marcante devido ao caráter seletivo. Somase este à compreensão da salvação humana e ao racionalismo, não condizente com manifestações mais emotivas dos pentecostais.

Em consequência, o pentecostalismo teve a base formada dos metodistas avivalistas, sendo que o destaque principal era a prática constante da oração. “Da experiência wesleyana do chamado “coração aquecido” os pentecostais passaram a designar o contato mais próximo

com Deus, de batismo no ou do Espírito Santo, adotando como referência bíblica o livro de Atos dos Apóstolos, em que se iniciou esse fenômeno.” (WREGGE, 2001, p. 49)

Segundo as concepções de Campos Jr.,

“É do início do século XX a constatação de que o batismo no Espírito Santo tinha como comprovação o fato das pessoas falarem com Deus por meio de línguas ininteligíveis aos olhos humanos. Tal costume, chamado de glosso-lalia, reafirmava a característica sobrenatural dos movimentos avivalistas.” (CAMPOS JR., 1995, p. 19)

Neste sentido, a imposição das mãos por parte dos pastores nas orações, tornou-se imprescindível para a consecução do que definiu como “experiência do coração aquecido”.

A ocorrência de palmas e músicas acompanhava os batismos e este tipo de experiência aumentou a ponto de, em meados de 1920, ser criada a igreja “Assembleia de Deus”. É importante destacar o fato de essas reuniões terem sido realizadas por negros, o que revela, nos limites da realidade norte-americana, que o pentecostalismo surgiu no centro de uma população desprovida e que vivia às margens em torno da respeitabilidade dos brancos (CAMPOS JR., 1995, p.21).

De acordo com Machado:

“A ‘Assembleia de Deus’ não tinha nem sido criada oficialmente quando Berg e Vingren vieram dos Estados Unidos para o Brasil em 1910 como missionários da Igreja Batista. Estes suecos, ao darem princípio à prática do batismo no Espírito Santo viram-se impossibilitados de darem prosseguimento aos cultos na Igreja Batista, por conta de não fazer uso dessa prática, dada a sua origem tradicional (racional) e de não ser simpatizante de manifestações sobrenaturais. A princípio, em 1918, esses missionários não estavam vinculados à ‘Assembleia de Deus’ dos Estados Unidos, mesmo quando foram expulsos da Igreja Batista. Situados em Belém do Pará, identificaram-se com os assembleianos norte-americanos, recebendo apoio com a chegada de mais missionários para a evangelização das regiões norte, nordeste e, depois do sul do Brasil. Considero importante relevar que somente a partir da década de 50, a direção desta igreja passou para um brasileiro, o que antes tinha se dado pelos suecos. [...] do ponto de vista de sua expansão, a televisão é um importante recurso utilizado pelos assembleianos. Outro fator inovador além do uso da televisão é a preocupação com uma formação mais acurada das lideranças pastorais, através de cursos de Teologia, de nível médio e superior. A organização administrativo-burocrática da referida igreja tem como órgão máximo de decisão a Convenção Nacional que legisla sobre a doutrina, sobretudo, quando se trata de modificar algum artigo.” (MACHADO, 1996, p. 45)

A Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) também teve origem nos Estados Unidos, no mesmo período da fundação da Assembleia de Deus. A IEQ veio da subdivisão do pente-

costalismo e ambas surgiram das concepções dos metodistas, assim como da Igreja Batista, pois a fundadora da Quadrangular, Aimeé Semple Mcpherson, como iniciante dessa atribuição, visitou anteriormente as citadas igrejas.

Nascida em Los Angeles (Califórnia), a Igreja do Evangelho Quadrangular passou por expansão até chegar ao Brasil, assim como a Assembleia de Deus (CAMPOS JR., 1995, p. 25).

Quatro décadas distanciam os assembleianos e os quadrangulares no Brasil no que diz respeito ao início de suas representações. E somente na década de 1950 a Igreja do Evangelho Quadrangular passou a agregar às igrejas evangélicas pentecostais no Brasil.

Os seguintes subsídios chamam a atenção sobre essa igreja, por se distinguir de outras designações pentecostais:

“A ênfase na cura divina funcionou como verdadeiro fator de desenvolvimento dessa seita, que já em 1964 contava com 25 mil membros. Depois do uso das tendas, seguiu-se a construção de templos com características arquitetônicas diversas. Houve também maior oportunidade para as mulheres no que diz respeito à pregação. É o caso por exemplo da pastora Odá de Castro, que dirige uma igreja em Curitiba e também possui um programa de rádio com grande audiência. Isso não acontece nos outros grupos pentecostais. O número de pregadoras ou missionárias que atuam nesse ramo do pentecostalismo é notável, pois em geral a orientação doutrinária ou mesmo a pregação são consideradas tarefas exclusivas dos homens.” (CAMPOS JR., 1995, p. 37)

Nas ementas de Rachel Wrege (2001) é indispensável ser dada uma explicação a palavra “quadrangular”. A autora afirma que:

“A igreja em menção parte de quatro fundamentos, pois no modo de ver da fundadora, o Cristianismo se configura por meio da salvação dos homens em relação ao inferno e da ida para o céu de quem aceitar a Jesus Cristo como o único e suficiente salvador, mediante a sua obra vicária na cruz. A tônica da cura de doenças se apresenta também como um dos quatro pilares que fundamenta a ‘Igreja do Evangelho Quadrangular’, com a justificativa de que Cristo quando esteve no mundo realizou um ministério de cura e, como, segundo essa igreja, ele se encontra vivo, permanece curando as pessoas. O batismo no Espírito Santo é contemplado da mesma forma que nas outras igrejas pentecostais; a crença de que Cristo irá voltar, vindo ao mundo por uma segunda vez dá esperança aos membros quanto à fé de que os salvos serão conduzidos para o céu, juntamente com aqueles que lá já estão” (WREGE, 2001, p. 51).

Nesta perspectiva, o autor esclarece ainda que os “quadrangulares” não desfavorecem a vida que Deus lhes concede nesse mundo. Eles creem em um possível entusiasmo por cris-

tãos para o céu. É interessante destacar o fato de que a doutrina da volta de Cristo envolve a tese de que esta dar-se-á em dois momentos: o primeiro deles refere-se ao desaparecimento dos cristãos da face da terra, o arrebatamento, enquanto que no segundo momento Cristo aparecerá ao mundo, evidenciando toda a sua majestade. Ainda é relacionado pensar na influência norte-americana dessa denominação no Brasil, em razão de a liderança da Igreja do Evangelho Quadrangular ter sido constituída por americanos até a recente década de 1980, no Brasil (MACHADO, 1996, p. 68).

Mas é preciso voltar a falar de outra demonização por sua importância no entendimento de alguns aspectos de denominações da segunda onda influenciada pela sua doutrina de usos e costumes; refiro-me à Congregação Cristã do Brasil (CCB). Fundada em 1890 pelo italiano Luigi Francescon, tem como principal elemento norteador a interpretação literal da Bíblia, tornando-se fundamentalista no entendimento que confere aos seus membros sobre a imagem de Deus. Wrege (2001) nos explica que:

“A principal implicação desta forma de ler a Bíblia é a compreensão desvinculada de contexto e, assim sendo, no uso inadequado das passagens bíblicas. Deve-se ao presbiterianismo e, em específico, ao calvinismo, a crença de que Deus escolhe as pessoas a serem salvas da perdição eterna, como se estivessem predestinadas desde a origem do mundo, para servirem a Deus. Francescon viu-se imbuído desta concepção porque antes de ter fundado a ‘Congregação Cristã’ era um assíduo frequentador dos cultos presbiterianos. Fazendo-se exceção à regra, a ‘Congregação Cristã’ conseguiu reunir crenças provenientes da tradição protestante mais elitista juntamente com o fenômeno popular do pentecostalismo. Tenho a acrescentar que Francescon acreditava na revelação inspirada por Deus conforme criam os profetas da Bíblia. Assim, a revelação representou um marco a mais para o pentecostalismo norte-americano.” (WREGE, 2001, p. 52)

O autor ainda explica, através das concepções de “revelação”, a vinda da Congregação Cristã ao Brasil, como sendo da determinação divina. Campos Jr. (1995) destaca que o fato de Francescon ter sido operário, solidificou o caráter popular dessa denominação, além da oralidade presente em seus cultos, isto é, ao invés de o pregador basear-se, especialmente, na Bíblia como fonte relevante da revelação divina, Francescon creditava vultuosamente à sua leitura e, sim, à palavra falada por algum membro que tivesse a sensação de inspiração divina para transmissão da mensagem, desde que não se opusesse aos conhecimentos bíblicos.

Quanto a este, soma-se que:

“Não existe uma liturgia previamente estabelecida pelo encarregado de sua direção. Este ‘abre’ a oportunidade de pregar para quem sentir-se ‘inspirado’ pelo Espírito Santo. Tal atitude confere ao culto um forte componente

emocional, onde a espontaneidade assume grandes proporções. A atmosfera criada favorece as manifestações de êxtase; no entanto, a Congregação segue somente a Bíblia e no setor da música não admite a introdução de instrumentos como baterias, guitarras e pandeiros, nem violões” (CAMPOS JR., 1995, p. 29).

Nesta perspectiva, é imprescindível compreender que atualmente no Brasil essa igreja não congrega apenas os setores populares, pois considerável parcela da classe média faz parte de seus quadros. Vimos que a utilização de roupas diferentes é prescrita, precisa ser feito, e a este ponto Wrege assinala que:

“[...] sendo que os homens precisam vestir-se dentro do modelo clássico e, as mulheres podem usar somente saias longas e cabelos sem cortar, como sinônimo de pudor e santidade. Como outras igrejas pentecostais, o batismo no Espírito Santo faz parte dos seus aspectos doutrinários, porém, a santidade é conferida mais pela discipulação no vestir, do que pela transformação interior da pessoa. Das igrejas protestantes do século XIX nascem as igrejas pentecostais, no início do século XX, e que ligeiramente chegaram ao Brasil. A partir da década de 50 inserem-se outras igrejas também pentecostais que, no entanto, detêm a peculiaridade de já serem um desenvolvimento do pentecostalismo, que passa a adotar traços brasileiros, ou seja, igrejas são fundadas, tendo como referência de primeira ordem as igrejas pentecostais ‘Assembleia de Deus’ e ‘Evangelho Quadrangular’, portanto não se colocando neste feitiço a ‘Congregação Cristã’.” (WREGE, 2001, p. 52)

Nesta perspectiva notamos nas teorias de Machado (1996) que:

“Manoel de Melo, que pertenceu à ‘Assembleia de Deus’ e à Igreja do ‘Evangelho Quadrangular’, fundou a Igreja ‘O Brasil para Cristo’. A preocupação com os problemas de ordem social marca a diferença dessa igreja em comparação com os outros ramos do pentecostalismo, sendo que nos outros aspectos, é semelhante. No que se refere ao público-alvo, essa denominação trabalha com setores populacionais pobres que advieram do êxodo rural, havendo a identificação com o fundador, de origem nordestina bastante pobre.” (MACHADO, 1996, p. 55)

Segundo dados históricos, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, assim como a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, têm raízes brasileiras. A primeira constituiu-se através do desmembramento da igreja O Brasil para Cristo. Percebeu-se que seu fundador, David Martins Miranda, era membro da igreja do missionário Manoel de Mello. A origem humilde de seus adeptos e o crescimento devido principalmente aos programas de comunicação são características comuns a ambas denominações.

Complementamos

que:

“Em função dessa estratégia de crescimento é que a “Deus é Amor” adquiriu muitos membros e considerável soma de recursos financeiros. Outra forma de auto sustentação é a existência de uma gravadora própria, ‘A Voz da Libertação’, que utiliza a estratégia da venda de discos e CDs com um estilo de música caipira. A comercialização da parte musical da ‘Igreja Deus é Amor’ acontece exclusivamente apenas no interior de seus templos, fato esse que assegura maior lucratividade. Quanto à televisão, a ausência do seu recurso deve-se à concepção de que esse veículo de comunicação de massa não é considerado abençoado por Deus, por causa da veiculação de programas que não condizem com a moral instituída por David Miranda, que considera a televisão como agência de propagação de “coisas mundanas”, ou seja, diabólicas, que se opõe à doutrina institucionalizada pela igreja. Dessa forma, os membros aceitam um controle absoluto de sua vida pessoal por parte da igreja, pois a proibição da existência e do uso da televisão nos lares pode acarretar repreensões” (MACHADO, 1996, p. 55).

O autor ainda destaca que a doutrina da Igreja Deus é Amor está baseada em profecias, revelações e curas através de milagres, sendo uma igreja que, como a Congregação Cristã do Brasil, pauta-se na oralidade e não na leitura revelada diretamente da Bíblia. Assim como a proibição da televisão, a disciplina rigorosa dos membros ocorre, no âmbito do culto, mediante a separação entre homens e mulheres quanto à disposição nos assentos. “Faz parte do ritual, na sede dessa denominação em São Paulo, uma admiração exacerbada dos membros pelo missionário David Miranda, isto é, é como se ele figurasse como ídolo diante de uma ampla plateia” (MACHADO, 1996, p. 56).

É através deste carisma que sustenta a assiduidade do público, principalmente, nas manifestações de exorcismo e de curas, em que conversa com o autor chama de “entidades do mal” e faz questão de revelar publicamente o seu poder de recuperar pessoas paráliticas. Muito se preocupou que, após a sua morte, não se sabia como a IPDA se portaria sem a presença de seu fundador.

Para Campos Jr:

“O interlocutor aproxima o microfone da pessoa caída ou que está tendo algum tipo de convulsão (geralmente tratada como possessão demoníaca pelos ‘missionários’) e pergunta à entidade: ‘Qual é o seu nome?’. Havendo uma resposta, o dirigente continua perguntando: ‘O que você quer fazer com esta vida?’. E assim perguntas e respostas vão se alternando até o momento em que vem o desafio final. E então o pregador pergunta, desta vez para a multidão de fiéis: ‘Ele sai ou não sai?’. A resposta vem em coro: ‘Sai em nome de Jesus’. A sessão de exorcismos continua com gritos histéricos e a multidão aplaude não só o momento final, mas também os testemunhos que são dados em público.” (CAMPOS JR., 1995, p. 45)

No tocante à organização administrativa da IPDA, ela ocorre por meio da fiabilidade conferida a pessoa de David Miranda por parte dos demais servos, por isso, é que seus parentes estão inseridos na igreja como membros de sua cúpula. Para tal, o “aspecto centralizador da administração eclesiástica da ‘Deus é Amor’ serve como modo de atemorizar as pessoas que trabalham com eles” (WREGE, 2001, p. 55).

Outro aspecto histórico importante é o das mulheres não ocuparem cargos de liderança. Contudo, desempenham funções de autoridade nas reuniões de oração. A este fato, percebemos que o destaque, a advertência deste líder relacionados aos comandos dos obreiros acontecem mediante mecanismos de vigilância, sendo que o destaque deles é a forma com que o líder observa seus súditos. A este fato Wrege (2001, p. 55) assinala caracteristicamente que o “olhar fixo, seguro e ríspido é capaz de controlar os demais componentes da liderança dessa igreja à semelhança do que ocorre na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e na Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD)”.

Da junção entre tradicionais e pentecostais no Brasil elencamos algumas igrejas derivadas das igrejas metodistas e presbiterianas que não se uniram às igrejas pentecostais, quais seja, a Igreja Metodista Wesleyana e Igreja Presbiteriana Renovada. Essas são igrejas organizadas com elementos do pentecostalismo e que conservam algumas tradições protestantes no que caracteriza à organização administrativa.

Segundo Campos Jr:

“A ‘Igreja Presbiteriana Renovada’, sendo criada na década de 70, teve a oportunidade de promover maior liberdade de expressão de culto, pois na ‘Igreja Presbiteriana’ da qual se originou, o racionalismo era predominante a ponto de haver um controle rígido na ordem do culto, onde os membros não podiam dispor de manifestações corporais de ordem sobrenatural. Após a recusa de traços pentecostais pelo protestantismo histórico na década de 60 no Brasil, de 1980 para cá tanto o metodismo e o presbiterianismo têm-se aberto para as crenças dos pentecostais, sendo que não há uma distinção clara entre ‘renovados’ e ‘tradicionais’ nas práticas do culto.” (CAMPOS JR., 1995, p. 47)

Para termos uma percepção plausível sobre a subdivisão existente entre as denominações evangélicas, selecionamos pela linha divisória elaborada por Oro (1996), pois, é a que corresponde e se aproxima da realidade, além de ser explicativa. O texto do autor sugere que:

“Evangélico é um termo genérico que cobre o conjunto das igrejas protestantes, isto em razão da importância atribuída ao Evangelho. O campo evangélico histórico é formado pelas tradicionais denominações resultantes da Reforma protestante iniciada na Alemanha por Martinho Lutero em

1517. As principais são as luteranas, calvinista, batistas, presbiteriana, anglicana e metodista. O campo evangélico pentecostal é composto pelas igrejas resultantes do movimento pentecostal, derivado especialmente do metodismo, e que iniciou nos Estados Unidos em 1906, chegando ao Brasil em 1910 (com a Congregação Cristã do Brasil, em São Paulo) e em 1911 (com a Assembleia de Deus, em Belém do Pará). [...] A glossolalia é a marca distintiva do pentecostalismo. As principais denominações pentecostais, cujos seguidores se auto identificam e são identificados como crentes, são: Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Congregação Cristã no Brasil, Igreja Deus é Amor, Igreja Evangélica Pentecostal Cristã, Igreja Brasil para Cristo, Igrejas Batistas (da Convenção Batista Nacional e da Convenção Batista Independente) e Igreja Universal do Reino de Deus.” (ORO, 1996, p. 19)

De forma geral, Oro é correto quanto à delimitação das igrejas evangélicas. Contudo acrescentamos que, como toda síntese, há a junção de denominações muito divergentes no que se alude à doutrina e aos costumes aplicados. Vê-se que a “IURD” aparece, na citação, como igreja pentecostal porque o termo neopentecostal não é empregado pelo autor. Contudo, o autor trabalha com a distinção do movimento evangélico no Brasil através de marcos históricos, sendo que ele considera a “IURD” como participante de destaque do movimento de terceira onda (ORO, 1996, p. 27).

O que Freston chama de terceira onda é o neopentecostalismo, este marcado por constantes reuniões voltadas ao exorcismo. Percebemos que a Igreja Internacional da Graça de Deus sequer é mencionada nesta subdivisão, contudo admite tênue observação quando Pedro Oro menciona a criação de diversas igrejas. Sendo assim, esta “onda” surge a partir da década de 1970 no Brasil, sendo antecédida pelo movimento de “segunda onda” em que o pentecostalismo enfatiza a cura de doenças. Essa “onda” é representada por Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e Deus é Amor, entre os idos de 1950 e 1960, quando não recebem a designação do prefixo *neo*. A “primeira onda” foi colocada anteriormente neste texto, tendo como traço o falar em línguas estranhas – glossolalia (FRESTON, 1994 apud ORO, 1996).

“Cabe definir como posso entender o neopentecostalismo. A partir do que escreve Oro depreendo que enquanto o pentecostalismo separa o membro comungante de elementos considerados prejudiciais à sua salvação, tais como o prazer, a diversão e os vícios, a ‘Igreja Universal’, assim como os demais ramos do neopentecostalismo, os aceita em certa medida, ou seja, no seu entender, não é necessária uma separação radical do membro em relação ao mundo. Porém, essa diferenciação, no meu entender, precisa ser flexibilizada uma vez que a ‘Igreja do Evangelho Quadrangular’ não pode ser incluída como denominação que efetiva uma acirrada separação do crente em relação ao mundo. Quanto ao emprego de ‘usos e costumes’ para a vestimenta do evangélico, essa igreja também não faz uso de restrições,

sendo que, atualmente, até mesmo as ‘Assembleias de Deus’ não impõem o uso de certo estilo de roupa como critério de salvação e de impedimento à inserção do salvo junto à sua comunidade local. Parece-me, então, um tanto ultrapassado o recurso que Edir Macedo usa para criticar as igrejas pentecostais, a fim de assimilar adeptos a partir de tal argumentação.” (ORO, 1996, p. 53)

Para Freston (apud Oro) o neopentecostalismo inovou no sentido de não conferir obrigatoriedade no uso de roupas tipificadas entre os crentes, característica que relativizamos fazendo alusão à igreja pentecostal “Evangelho Quadrangular”:

“O neopentecostalismo – especialmente o da terceira onda, segundo a tipologia de P. Freston, referida no capítulo anterior – introduziu importantes mudanças no modo de se portar e de se apresentar dos crentes em relação aos padrões tradicionais. De fato, pode-se dizer que ele rompeu com o estereótipo do crente com a bíblia embaixo do braço, terno e gravata, ou da mulher crente de cabelos compridos, corpo coberto por roupas sóbrias, sem nenhum ornamento.” (ORO, 1996, p. 54)

“O uso de bermudas e blusas decotadas ou sem manga é uma coisa normal nos encontros, mesmo quando eles ocorrem nas Igrejas. A mesma coisa se verificou nos cultos da Igreja Universal.” (MACHADO, 1996, p. 95)

Segundo menciona o próprio Oro, as igrejas pentecostais têm sido mais flexíveis quanto às exigências dos “usos e costumes” por parte de seus membros. Isso significa reconhecer que nas Assembleias de Deus que se localizam em grandes centros urbanos, próximas da região central das cidades, veem-se mulheres de cabelos curtos, utilizando calças compridas, sendo que a ausência de vestimentas mais tipificadas já não serve de impedimento para uma crente tornar-se membro dessa denominação de caráter pentecostal.

Oro (1996, p. 96) avalia que essa abertura tenha se dado pela inserção de uma liderança mais jovem no interior da cúpula das Assembleias de Deus, pela implementação esclarecida de estudos de grau superior entre seus pastores e, quem sabe, por conta da percepção de uma falta efetiva de ganho de membros em razão dos “usos e costumes”, bem como pela assimilação recente de membros de setores médios da população, com grau médio e até superior em termos de instrução escolarizada. Sendo assim, o rigor quanto ao uso de determinadas roupas entre os membros não se pode constituir como fator que pretenda distinguir pentecostais de neopentecostais.

Nas teorias de Tavares Neto (2000):28

“Aparentemente, o início do neopentecostalismo brasileiro coincide com a fundação da Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1953. Foi nesse ano que desembarcaram no país os missionários americanos Harold Williams e Raymond Boatright, trazendo em suas malas o movimento denominado ‘cura divina’. Todavia, foi nas décadas de 1970 e 1980, ambiente de profundas crises sociais e políticas, época de ditadura, que o movimento encontrou terreno fértil, lançando, assim, raízes profundas em nossa coletividade.” (TAVARES NETO, 2000, apud ALMEIDA, 2008, p. 8)

Muito embora Oro, Campos Jr. e Campos tenham-se aproximado da tentativa de estabelecer as diferenças entre pentecostais e neopentecostais, admitem que os “usos e costumes” tão criticados por Edir Macedo, não servem como definição precisa que venha a subdividir pentecostais de neopentecostais. Cabe, então, discorrer sobre algumas temáticas que fazem com que os neopentecostais sejam tidos como grupo evangélico que se distancia dos pentecostais.

Dentre os assuntos apontados por Wrege (2001) está a visão que os neopentecostais assumem acerca da figura do Diabo. Segundo autor, a IURD, bem como para a IIGD, o Diabo atua em todas as esferas da vida humana, de forma veemente. É assim que na IURD, a doença física é entendida como decorrência do mal, havendo ou não a sua comprovação através de exames médicos.

“Os recursos médicos não são totalmente desprezados pela “IURD”, desde que o membro vá para a igreja procurar um tratamento espiritual adicional. Porém, determinadas doenças de origem mental e neurológicas tais como: distúrbio do pânico, depressão, nervosismo, visões de vulto (alucinações) e epilepsia são tidas como intervenção direta do “mal” e significam que a pessoa doente está possesa por espíritos malignos (WREGE, 2001, p. 59).

Neste sentido, Romeiro complementa que:

“Como todo movimento religioso brasileiro, excetuando-se a crença indígena, também o neopentecostalismo brasileiro foi, virtualmente, importado. Aparentemente, sua origem está atrelada à chamada confissão positiva e ao evangelho da prosperidade, nascidos nos Estados Unidos, no início do século XX. Em razão de suas características, é possível associá-los ao gnosticismo, um movimento de grande expressão, ocorrido ainda nos primórdios da Igreja cristã, que pregava a possibilidade e a necessidade de alcançar verdades espirituais ocultas por meio de gnose.” (ROMEIRO, 1993, p. 6)

²⁸ <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/viewFile/426/248>

Segundo Tavares Neto (2000, apud ALMEIDA, 2008, p.7) “o Neopentecostalismo é um fenômeno relativamente novo, estando em formação, tendendo atualmente a uma acomodação, doutrinária, ética, etc., o que facilitará melhores análises”.

Por fim, para Campos (1999), esta doutrina é obviamente uma teologia muito apropriada para os excluídos que se multiplicam em nosso país, principalmente depois do processo de industrialização, pois a urbanização caótica que adveio nos anos 1980 criou um contingente que se sentia desenganado e revoltado com a vida, mas ainda com vagas esperanças

7 - Preparando o terreno do fenômeno

Uma pequena reprodução, apenas um trecho do que é a história da Igreja Cristã Pentecostal da Bíblia do Brasil – ICPBB, segundo o site²⁹ oficial da denominação, conta como o terreno foi preparado para o fenômeno da segunda onda pentecostal no Brasil:

“Em São Paulo, já no final da década de 1940, membros da Igreja Presbiteriana Independente do bairro do Cambuci, desejosos da plenitude do Espírito Santo, começaram a participar de retiros espirituais promovidos pelo Rev. Carl W. Cooper e sua esposa, Dna. Sarah Cooper, conhecidos como Daddy e Mother Cooper, em um sítio, na região de Suzano-SP, onde também funcionava um orfanato dirigido pelo casal.” (ICPBB)

As reuniões no orfanato deram ocasião a um despertar carismático entre membros de igrejas tradicionais, que posteriormente aderiram a segunda onda. Emblematicamente, as reuniões no orfanato sinalizam passos dados por pessoas da segunda onda no trilho da ação social, já entre seus primeiros líderes Estes eventos produziram despertar entre os protestantes das igrejas históricas, especialmente entre os membros da Igreja Presbiteriana.

Terminou a década de 1940 e veio a década de 1950, com as reuniões acontecendo em lares dos membros das igrejas. O avivamento, com isso, ganhou corpo. Pregadores estrangeiros foram convidados a transmitir a experiências de outros movimentos semelhantes e ajudaram a manter acesa a chama do movimento:

“Ao longo do tempo, foram convidados homens de Deus, avivalistas, procedentes de diversos países que ministravam a palavra e oravam com aqueles pioneiros, que a cada dia se sentiam mais motivados à consagração de suas vidas.” (Do site oficial da ICPBB; v. nota 27)

²⁹ Disponível no site da ICPBB, <http://www.pentecostaldabiblia.com.br/nossa-historia>. Encontra-se também o mesmo texto presente em páginas pré-textuais da Bíblia da Igreja Pentecostal da Bíblia com o título "HISTÓRIA DA ICPBB"

O fenômeno cresceu e já não eram apenas poucos irmãos reunidos no orfanato de Suzano, nem estavam restritos a membresia presbiteriana. Eram pessoas de diferentes orientações teológicas cristãs, reunidas nas casas e até nas suas igrejas que formavam grupos de oração e buscavam o avivamento, seguindo, certamente, o modelo encontrado em Atos 2.46, que diz que os irmãos se reuniam nas casas:

“Membros das mais diversas denominações, que participavam daquelas memoráveis reuniões avivalistas, eram despertados para uma vida de oração mais intensa, e assim, grupos iam se formando dia a dia em inúmeras igrejas.” (Do site oficial da ICPBB; v. nota 27)

O relato histórico da Igreja Pentecostal da Bíblia dá conta do fervor e dedicação dos fiéis e, o avivamento acontecia não pela formalidade litúrgica, evidentemente, mas pela dedicada espontaneidade dos participantes anônimos. Suas inúmeras reuniões não tinham hora para terminar.

“Podemos dizer que aquela era uma geração de crentes que orava. O anelo por santidade e unção do Espírito Santo estava presente constantemente no coração de cada um deles, e uma simples reunião podia se prolongar até a madrugada num clima de profundo quebrantamento; não bastasse as vigílias, os retiros, os jejuns [...]” (Do site oficial da ICPBB; v. nota 27)

A ICPBB não podia deixar de relatar aquele grupo de oração que fora pioneiro e um dos mais importantes, senão o mais importante do período, o que se reunia na residência de um dos líderes do movimento da segunda onda pentecostal no Brasil e futuro fundador da Igreja Pentecostal da Bíblia, Epaminondas Silveira Lima. O grupo era dos mais concorridos e a casa, embora espaçosa, não comportava a multidão que para lá convergia. Podia-se observar, ainda, os primeiros fenômenos carismáticos. As pessoas em êxtase não se incomodavam de expressar sua fé publicamente:

“Um dos primeiros grupos de oração reunia-se na residência do casal Epaminondas e Ada Silveira Lima. Ali o pastor americano Dom Philips ministrou durante uma campanha de oração, tomando por base o texto de II Crônicas 14:7 – ‘Se o meu povo que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e buscar a minha face e se converter de seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra’. Para estas reuniões afluíam tantas pessoas que, muitos não tinham acesso ao interior da casa, então, caíam de joelhos nos jardins.” (Do site oficial da ICPBB; v. nota 27)

O ambiente estava preparado, mesmo os membros das mais tradicionais igrejas protestantes que aderiram ao início do movimento não recuariam, não havia mais volta. O fenômeno pentecostal seria uma questão de tempo. Em pouco tempo as reuniões nos lares, os grupos de oração que adentraram os espaços das igrejas históricas, as vigílias que adentravam madrugada a dentro e eram realizadas na capital paulista, tudo contribuiu com outros fatores para quando uma pequena chuva faria brotar a flor pentecostal.

Portanto, o pentecostalismo da segunda onda ocorreu como resultado de uma convergência de eventos aparentemente desconexos, mas que guardavam uma expectativa comum por renovação espiritual, por novas experiências que já aconteciam em outras partes do planeta, especialmente nos Estados Unidos. Assim, houve uma fonte na Igreja Presbiteriana Independente, no bairro Cambuci em São Paulo, que recebeu missionários americanos para uma cruzada de evangelismo e cura divina, que desembocou no chamado movimento das tendas, enviados pela Church of the Four Square Gospel, que posteriormente formou a Igreja do Evangelho Quadrangular em solo brasileiro, e finalmente a O Brasil para Cristo, encabeçado pelo dissidente da Assembleia de Deus, Missionário Manoel de Mello e a Igreja Cristã Pentecostal da Bíblia do Brasil, ICPBB, denominação do nosso recorte dentro da presente pesquisa.

Segundo o historiador Júlio O. Rosa, o pastor daquela igreja Presbiteriana Independente do Cambuci, Reverendo Silas Dias, sofreu severas sanções por causa do seu comportamento e envolvimento com o movimento. Ele havia apoiado os missionários americanos Raymond Boatright e Harold Edwin Williams (Church of The Foursquare Gospel), que lideravam uma cruzada evangelística e de cura divina (Cruzada Nacional de Evangelização), que acabou por influenciar de forma decisiva a vida daquelas pessoas, que já buscavam uma nova forma de expressar o seu sentimento religioso. O Rev. Dias abriu as portas do templo presbiteriano para que os missionários realizassem os seus trabalhos evangelísticos, colocando uma grande faixa pendurada na fachada do templo onde, além do nome do missionário Raymond Boatright, era possível ler:

“Alerta, Povo Do Cambuci
Cura Divina Pela Oração
Todos São Bem-vindos
Entrada Franca” (ROSA, 1977, p. 16).

Referindo-se ao Pr. Silas, ele escreveu:

“Mais tarde, ele viria a sofrer as consequências de sua decisão em continuar apoiando os missionários, sendo excluído do quadro de pastores daquela

denominação. Organizou sua própria igreja, seguindo de certa forma a doutrina Quadrangular.” (ROSA, 1977, p. 16).

A história da ICPBB como integrante de uma onda pentecostal se dá como resultado da sementeira feita na igreja tradicional. Uma igreja pentecostal de segunda onda nasce no arraial tradicional, de perfil racional, cuja parcela dos membros procuraram novas maneiras de expressar sua fé e pelo gesto de aparente rebelião contra a doutrina tradicional da Igreja Presbiteriana do Pastor Silas:

“Dom Philips ficou impressionado com a sede e o ardor com que estes crentes se lançavam aos pés do Senhor, os colocou em contato com o pastor Haroldo Edwin Williams, o qual foi de grande utilidade à causa avivalista de nosso país, uma vez que trouxe ao Brasil o Evangelista Raymond Boatright, ou simplesmente, ‘Mr. Slim’, como gostava de ser chamado, tendo Williams também sido o intérprete deste, que foi o maior instrumento de Deus para a realização da obra avivalista.” (Do site oficial da ICPBB)

Como as reuniões com perfil pentecostal não poderiam ser realizadas nas dependências de uma igreja presbiteriana, as reuniões nos lares, em cuja presença Dom Philips ministrou algumas vezes, foram de grande utilidade para preparar os próximos passos do movimento. Quando Harold Williams e Raymond Boatright começaram seus trabalhos com pregações, já nas tendas de circo, o fogo pentecostal já havia se alastrado na seara tradicional onde a possibilidade de ministrações mais enfáticas e orações por cura não teriam qualquer espaço.

Além da história apresentada pela ICPBB, Júlio Rosa confirma em sua obra que o evangelista Boatright foi responsável direto por mudar o panorama religioso da nação brasileira. Antes de se tornar um pregador do Evangelho, ele havia sido um artista de cinema:

“De acordo com as informações colhidas aqui e ali, Raymond Boatright, aparentando uns 35 anos de idade, fora um artista de cinema. [...] O pastor atendia também pelo apelido de ‘Slim’, talvez usados em seus filmes.” (ROSA, 1977, p. 17)

Ricardo Mariano confirma a informação de que artistas de cinema foram responsáveis pelo incêndio pentecostal no Brasil:

“A segunda onda teve início nos anos 50 na cidade de São Paulo com o trabalho missionário de dois ex atores de filmes de faroeste do cinema americano, Harold Williams e Raymond Boatright, vinculados à International Church of The Foursquare Gospel.” (MARIANO, 1999, p. 30).

É possível fazer associações dos artistas com a Internacional Church of The Foursquare Gospel. Hollywood, o centro do cinema Ocidental, fica na cidade de Los Angeles, a mesma Los Angeles onde teve início a igreja liderada por Aimeé Semple McPherson. Certamente havia um canal/vínculo de evangelização entre aquela igreja e as rodas sociais que reuniam artistas. Também é possível que a igreja apelasse para a popularidade dos artistas a fim de chamar a atenção numa ação evangelística, fosse nos Estados Unidos ou no Brasil, o que não diminui, de modo algum, a capacidade e a sinceridade de ambos os evangelistas que vieram para cá naquela ocasião.

Epaminondas e a sua esposa Ada tinham uma vida de completa atividade evangelística. Influenciavam outros irmãos para uma missão urbana, antes mesmo da sua experiência pentecostal.

“O Espírito Santo preparava a Igreja para o grande avivamento, através do ministério da oração e este, por sua vez, alimentava um crescente desejo de se ganhar as almas para Cristo. Como se sabe, mesmo antes de receberem o batismo no Espírito Santo alguns crentes já se lançavam com todo amor às buscas dos perdidos. O casal Silveira Lima é um exemplo destes, pois não só acolhiam em sua casa dezenas de avivalistas, pastores, evangelistas e missionários que vinham, de todos os cantos para a obra evangelizadora no Brasil, como eles próprios iam com outros companheiros para as ruas e praças evangelizando pessoalmente, distribuindo literatura evangélica ou pregando ao ar livre. Muitas vezes, o presbítero Epaminondas embarcava em trens nas estações centrais da cidade de São Paulo e ia em direção aos subúrbios semeando a mensagem de salvação por Cristo. Até nas manifestações políticas encontravam preciosas oportunidades para indicar o Caminho da Vida Eterna para inúmeras pessoas.”³⁰

Notamos nessa narrativa que havia uma orientação que se observou em outras denominações, como senso comum entre as Assembleias de Deus, por exemplo, de aproveitar aglomerações públicas como ocasião para falar do Evangelho. Esse falar podia ser pela oratória, quando era realizada a pregação “ao ar livre”, ou pela literatura, na distribuição das mesmas (certamente folhetos para difundir a mensagem e Novos Testamentos quando a pessoa aceitava o apelo formal para conversão).

As outras modalidades eram a pregação nos vagões de trem, prática que até hoje pode ser vista nos grandes centros, ou aproveitando alguma grande concentração com outra finalidade (política, no caso mencionado), como ainda hoje vemos, como ocorreu na Copa do Mundo em 2014 ou nos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, em 2016.

³⁰ Disponível em http://in.pentecostaldabiblia.com.br/2012/icpbb_historia_preparacao.php e acessado em 29.11.2016.

É inegável a influência dos missionários americanos, que trouxeram ao Brasil uma nova forma de cultivar e evangelizar, foi determinante na carreira ministerial do então Presbítero Epaminondas S. Lima e de tantos outros líderes da década de 1950, como o missionário Manoel de Mello, fundador da Igreja O Brasil para Cristo. No entanto, o arrojo na pregação do evangelho não tinha barreiras para o casal Silveira Lima. Na ocasião, ambos já despontavam como grandes lideranças evangélicas, sendo modelo para toda uma geração, conforme relatado nas entrevistas ou apontados por personalidades que foram importantes na construção da Igreja Pentecostal da Bíblia.

“A missionária Ada relata que um certo comício do então candidato à presidência da República, Getúlio Vargas, o casal distribuiu milhares de folhetos evangelísticos e evangelhos segundo São João, e para tanto, ela própria, no esplendor de sua idade, galgou a soleira de uma janela estratégica, utilizando-se das costas do esposo que se ofereceu como degrau de escada. Como se vê, os cristãos desta época recente empreendiam qualquer esforço para ultrapassar as barreiras que se interpunham no cumprimento da grande comissão de Jesus.”³¹

Não podemos auferir da veracidade da expressão “milhares de folhetos”, mas a ideia tipifica uma ação evangelizadora que envolveu um bom número de membros da Igreja, não somente a missionária Ada e seu esposo Epaminondas. Ainda que fossem centenas de folhetos distribuídos, teríamos uma ação certo modo ampla, se considerarmos a época. Se se confirmar “milhares”, então teríamos duas multidões: uma reunida para o comício, outra a abordá-la com a mensagem do Evangelho, trabalhando muito rápido, haja vista que um comício da época não deveria ser parecido com o que hoje chamamos showmício, com bandas populares, cantores de pagode ou sertanejos, que arrastam multidões para tais eventos.

O relato oficial da ICPBB aponta, diante disso, para um comprometimento integral dos membros no fenômeno que resultaria em grande alargamento do Evangelho em terras brasileiras. Vejamos:

“Sabe-se também que as orações dos crentes daquela época não tinham objetivos egoístas quer pessoais ou denominacionais, antes, porém, convergiam para um objetivo maior: o cumprimento dessa comissão. Não resta dúvida de que este foi o maior avivamento já ocorrido no Brasil e de que foi um avivamento genuíno e generalizado, o qual produziu amplos resultados, pois a partir daí o Evangelho ganhou grande impulso em nossa pátria, e desde então, inúmeras denominações surgiram e têm contribuído para a expansão do reino de Deus.”

³¹ Ibidem.

O primeiro parágrafo dessa citação faz uma importante indicação sobre a questão das divisões da igreja brasileira em denominações. Hoje há um número muito grande delas, o que na época não havia. Assim, o autor da história é honesto ao registrar que o compromisso maior da membresia era com a expansão e divulgação do Evangelho, uma vez que a quantidade de igrejas diferentes era reduzida. Certamente a pessoa evangelizada, caso se decidisse por ligar-se a uma igreja, procuraria aquela que a apresentou ao Cristo anunciado na evangelização, e não outra.

Por outro lado, podemos questionar a afirmação que faz de ser aquele o maior avivamento ocorrido no país. Mas o questionamento não deveria ser se de fato ele ocorreu – certamente que sim. Mas até que ponto a ICPBB seria a única ou a principal responsável por ele. Que estivesse envolvida no núcleo ou no principal núcleo, juntamente com os missionários norte-americanos, além de algumas outras novas lideranças nacionais, isso é dado como certo. Mas não devemos ser levados a imaginar que a ICPBB puxou o bonde da história no despertar pentecostal que formou o perfil da segunda onda pentecostal no Brasil.

A segunda onda pentecostal não esteve restrita a um grupo, como também não se preocupou em erguer esta ou aquela bandeira de denominação. Ela foi como uma babel invertida, lembrando o acontecido em Jerusalém (conforme Atos 2), quando homens de religiosos de todas as nações, maravilhados, se entregaram ao apelo feito por Pedro.

“Eis porque, como já se disse, mas não é demais repetir: o avivamento, em seu nascedouro, não teve uma bandeira denominacional, resultou diretamente do clamor de crentes das mais diversas denominações, pois oravam: membros da IPI Cambuci, presbiterianos do Brasil, metodistas e muitos outros reuniam-se em colégios, templos, lares e em sítios. Eram poderosas reuniões que surgiam espontaneamente, pela influência de uns crentes sobre outros, e como um rastro de fogo se espalhavam por todos os cantos da cidade de São Paulo, onde muitas vidas se consagravam a Deus e recebiam o batismo no Espírito Santo.”³²

Este trecho da história apresentada pela ICPBB confirma o que afirmamos anteriormente sobre a não existência de um monopólio na liderança. Não que as diferentes lideranças sequer cogitassem isso, mas no outro lado, no que chamaríamos base do movimento, era possível notar os diferentes tons: “presbiterianos do Brasil, metodistas e muitos outros”. As reuniões nas casas e demais lugares como é mencionado esclarece a orientação múltipla ou a variedade de origens, a mistura de cristãos de confissões diferentes (ainda que não tantos em

³² Disponível em http://in.pentecostaldabiblia.com.br/2012/icpbb_historia_preparacao.php e acessado em 29.11.2016.

número de igrejas), que demonstravam a sede por algo novo. É curioso, porém, essa afirmação de que uns influenciavam outros. Até que ponto essa influência se dava entre diferentes denominações, não sabemos ainda. Não podemos tomar como analogia a situação atual da igreja, dado que os impedimentos de que membros de uma igreja se relacionassem com membros de outra denominação já não existem.

Em ambiente festivo, os missionários americanos pregavam e o fenômeno era registrado em centenas, milhares de pessoas alcançadas. O pentecostalismo iniciava uma nova etapa. Começava mais um movimento religioso do século XX no Brasil sob o olhar da mídia impressa (ROSA,1977, pg.15) e como indica o seguinte trecho.

“A Igreja era um campo de lavoura lavrado e preparado por Deus para a obra do Espírito Santo, quando em 1953 chegou ao Brasil o Evangelista Boatright.

Durante o primeiro semestre deste ano, o avivalista ministrou no templo da Igreja Presbiteriana Independente do Cambuci. Sua ministração da Palavra de Deus era feita de modo bem simples a uma verdadeira multidão que afluía para a Rua Barão de Jaguará, número 1140, a fim de receber a oração da fé. Antecedendo a pregação, Boatright cantava acompanhado de Betinho, um conhecido guitarrista que tinha o apelido de “O rei da Noite”, seus cânticos avivados falavam de liberdade, de vidas transformadas e poderosas, como também davam ênfase à subjugação das hostes malignas pela atuação do poder que os crentes recebem ao serem batizados no Espírito Santo. Enquanto isso, a exemplo da era apostólica, o Senhor batizava centenas com seu Espírito e também cooperava com a realização de grandes milagres, pelo que, a imprensa secular dava ampla cobertura às manifestações de Deus. Estima-se que a cada dia, cerca de 15 mil pessoas passavam pela Igreja, as quais vinham de todos os bairros da capital paulista. Algumas chegavam a passar toda a noite à espera do raiar do novo dia para serem as primeiras a entrar no templo e presenciarem a repetição dos milagres de Cristo que voltavam a se repetir como na cidade de Jerusalém.”³³

Após a tempestade americana brotariam as primeiras histórias dos missionários brasileiros da ICPBB em São Paulo, sob a liderança do Rev. Epaminondas. O apostolado para o crescimento da Palavra de Deus e evangelização por intermédio do ministério pastoral feita pelo discípulo Paulo é um exemplo do que um verdadeiro avivalista deve fazer. Percebe-se na pregação de Paulo e de seus companheiros, a associação da pregação evangelística da palavra, o empenho pastoral do apóstolo e o cuidado imprescindível que deve ser dispensado ao rebanho, seja por meio do discipulado, seja através da organização, da comunidade ou da fé. Foi assim também com missionária Ada e seu esposo Epaminondas com grande contribuição dos frutos do evangelismo que seriam os seus futuros discípulos.

³³ Disponível em <http://icpbbedorado.webnode.com.br/sobre-nos/> e acessado em 29.11.2016.

Júlio Rosa também deu destaque ao grande número de cristãos que se dirigiam à Igreja Presbiteriana do Cambuci, na Rua Barão de Jaguará, onde participavam de reuniões à tarde e à noite com bastante entusiasmo.

“Nos dias que se seguiram, milhares de pessoas aflitas em busca de alívio para seus males, formavam filas duplas, que se estendiam por vários quarteirões; aguardavam a sua vez de entrar no templo, literalmente entupido, para serem abençoados pelo pastor norte-americano.” (ROSA, 1977, p. 25).

Aqui notamos o ingrediente do pentecostalismo que, embora presente, recebeu menor destaque: a cura das doenças. Sendo um dos pilares da pregação da Igreja do Evangelho Quadrangular (*Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e voltará*), e, portanto, elemento chave na pregação dos missionários estrangeiros, a ênfase na cura divina seria uma das principais marcas do pentecostalismo da segunda onda. Na Igreja Deus é Amor, o seu fundador usaria um avental branco para associar a sua imagem a de um médico, tamanha a força que a mensagem de cura marcou presença nas igrejas da segunda onda.

Se a mensagem atraía, a importância do momento histórico parece não ter sido notada pelos protagonistas. A história dos primórdios da ICPBB surpreende, nesse sentido, pois o próprio Epaminondas, líder à época, foi atropelado pelos acontecimentos. Ele não sabia, mas o movimento pentecostal dessa fase histórica, em parte, tinha se iniciado dentro de sua própria casa.

“Quando o avivamento eclodiu, o então, presbítero Epaminondas Silveira Lima estava em viagem missionária ao exterior em companhia do Dr. Carlos Han. Foram 5 (cinco) meses de pregação por países da América do Sul, América Central e Estados Unidos, onde mais de 300 (trezentas) cidades foram alcançadas. Ao retornar, alegre como um dos setenta da grande comissão, o presbítero Lima, como também era conhecido, encontra sua esposa, dona Ada Endrigo Silveira Lima falando em línguas com uma nova dinâmica em sua vida, muito mais animada do que ele jamais vira. Sob o impacto dos acontecimentos, sua primeira iniciativa foi querer calar sua companheira, fato que, a princípio, trouxe um certo desconforto entre ambos. Mas sua esposa o recordava de sua vida cristã genuína e equilibrada desde a conversão a Cristo, aos nove anos de idade, quando ouviu a pregação do evangelho pela voz do Dr. Gióia, um ex-padre convertido. E a consagrada serva de Deus insistia em mostrar ao esposo e companheiro de batalhas que esta experiência fazia parte da bênção prometida por Cristo em Atos 1:7-8, a qual, ambos buscavam ardentemente. Isso levou Epaminondas a refletir um pouco mais...”

Um acontecimento surpreendente, a glossolalia, acabou por dobrar a resistência do presbiteriano. O falar em línguas, dom associado ao pentecostalismo, nesse caso foi um mila-

gre extraordinário, pois uma brasileira analfabeta, que mal falava o português, se expressando na língua inglesa era uma evidência impressionante.

E o momento quando essa manifestação ocorria era, normalmente, durante os cultos de oração sua casa, o que certamente gerava algum constrangimento. Como explicar uma empregada doméstica analfabeta, o que era de conhecimento de todos, expressando-se com desenvoltura no idioma inglês e entregando profecias? Pois foi o que aconteceu certa noite e, pensando estar recebendo visitas dos Estados Unidos, levantou a cabeça e viu, diante de si, a própria doméstica no centro das atenções.³⁴

Não precisou de nada mais para ficar convencido de que o próprio Deus estava trazendo a desejada manifestação do Espírito Santo como algo novo para a igreja. A luta contra Deus em seu "Vau de Jaboque" não terminava ali, mas seguiu-se uma “crescente paixão pelas almas [que] o impulsionava à busca com mais intensidade desse poder para o pleno exercício do ministério da palavra”.³⁵

A partir dali, ele mesmo passou a pedir a Deus que pudesse desfrutar da mesma bênção, obtendo o mesmo dom. E sem qualquer cerimônia, na cozinha da própria casa onde dezenas de homens de Deus foram servidos pelas mãos da missionária Ada, ele orou apaixonadamente: “Jesus, batize-me, hoje, no teu Espírito Santo, ou não lhe peço mais!” – sendo batizado com o Espírito Santo de Deus ali mesmo. Nada parecia poder resistir ao objetivo claro do Espírito e a Igreja Presbiteriana Independente não representou barreira para a renovação espiritual dessa natureza.³⁶

Evidentemente houve quem não demonstrasse qualquer simpatia pelos acontecimentos e logo houve resistência ao avivamento e convite para serem retirados aqueles que cediam aos elementos do culto renovado. Para os pioneiros foi um momento delicado, pois não pretendiam afastar-se da igreja a qual amavam nem começar um novo trabalho, uma nova denominação. A divisão não era o motivo do despertar espiritual, como também não queriam ostentar honrarias e o poder temporal conferido a homens que encabeçam movimentos e instituições, mas, entretanto, não puderam resistir e tiveram de pagar o preço desligando-se da sua igreja. Esse era, no entanto, um plano que Deus havia traçado para eles.³⁷

O pastor e historiador Júlio O. Rosa, em seu livro que conta a história da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil, dividiu a narrativa em cinco Partes, chamando a primeira

³⁴ Disponível em http://in.pentecostaldabiblia.com.br/2012/icpbb_historia_primordios.php e acessado em 30.11.2016.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Ibidem.

delas de “O Período Áureo das Tendas de Lona – 1953/1960” (ROSA, 1977, p. 13). No primeiro capítulo da primeira Parte o autor cita o local onde estavam acontecendo fenômenos sobrenaturais de curas e milagres. O título desse primeiro capítulo é “No Cambuci, a repetição dos milagres de Cristo” (ROSA, 1977, p. 15). Aliás, o título desse primeiro capítulo reproduz uma “das inúmeras manchetes nos jornais da capital paulistana naquele ano de 1953, nos primeiros dias de março”: “É a repetição dos milagres de Cristo” – cegos enxergando e paralíticos andando. Evidentemente, sem compreender bem o que estava acontecendo, os repórteres estavam certos” (ROSA, 1977, p. 15).

Os cultos nas tendas parecem ter sido a consequência natural das reuniões nos lares. As tendas abrigaram o grande número de pessoas que a ela acorriam, bem como a ocorrência de milagres, é a história do movimento pentecostal da segunda onda. Mas houve uma mudança na liderança dos cultos nas tendas. Um brasileiro, também advindo da Igreja Presbiteriana que acolheu com tanto carinho os missionários americanos, conforme nos conta a história oficial da ICPBB:

“Quando o Evangelista Boatright precisou retornar ao seu país, o, agora, pastor Epaminondas Silveira Lima herdou a tenda, planejada à sua mesa de jantar, fornecida por Oral Roberts e trazida dos Estados Unidos por aquele avivalista.”(ARAÚJO, 2016, cap. 10, s. p.).

Ricardo Mariano, confirmando a história oficial da ICPBB, diz que os americanos trouxeram uma forma heterodoxa de divulgar o evangelho:

“À frente da Cruzada Nacional de Evangelização, braço evangelístico da Evangelho Quadrangular (São Paulo, 1953), embora cabe uma ressalva aqui, pois Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil ainda não existia como instituição, eles trouxeram para o Brasil o evangelismo de massa centrado na mensagem da cura divina. Difundiram-na por meio do rádio (que, por sectarismo ou por considerá-lo mundano e diabólico, até a década de 50 não era usado pela Assembleia de Deus), do evangelismo itinerante em *tendas de lona* [...]” (MARIANO, 1999, p. 30, ênfase acrescentada).

“Tendas de lona”, tendas herdadas por Epaminondas, que tinha ao seu lado o Pr. Silas na Igreja Presbiteriana do Cambuci. Ambos certamente impressionaram o missionário Boatright, ganhando a sua confiança de tal modo a assegurar o presente, a famosa tenda que presenciara. Milagres documentados no livro do Dr. Rosa.

“E a obra continuou debaixo do mesmo fogo [...] Desta forma começa a história da IGREJA CRISTÃ PENTECOSTAL DA BÍBLIA – Ministério Por-

ta da Vida, que no princípio chamava-se CRUZADA BRASILEIRA DE EVANGELIZAÇÃO, com suas primeiras tendas instaladas nos bairros do Cambuci, Pari e Jabaquara, na cidade de São Paulo, e que teve seu primeiro templo construído na rua Pedro Severino Júnior, 54, Jabaquara, onde funcionou sua sede nacional durante vários anos” (ROSA, 1977, p. 15).

O Pr. Rosa confirma a história contada no site da ICPBB, e faz referência ao local onde se iniciou a segunda onda pentecostal do Brasil, exatamente na igreja onde Epaminondas Silveira Lima exercia o presbiterado: “O local dos acontecimentos era um templo evangélico Presbiteriano Independente no número 1140 da Rua Barão de Jaguará, no bairro do Cambuci” (ROSA, 1977, p. 15).

III. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas realizadas com antigos membros e membros fundadores da ICPBB serão, no presente capítulo, analisadas seguindo o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), conforme apresentado no Capítulo I. Considerando um conhecimento prévio da matéria, i. é., da rotina e exigências do discurso cristão evangélico, propomos cinco categorias primárias para analisar os discursos. Cada uma delas deverá ser identificada nas falas individuais, formando, assim, a base do DSC na composição da história da ICPBB.

1ª Categoria: a conversão – novo nascimento, uma experiência mística comum aos pentecostais

Entre os diversos aspectos religiosos de relevância para os cristãos pentecostais está a experiência de conversão, que pode ser descrita (não definida) como um acontecimento que alcança o indivíduo em sua intimidade e está longe do alcance da ciência explicar. A conversão, também conhecida e chamada de novo nascimento, é algo por demais subjetivo, próprio da fé pessoal que entre os pentecostais se denominam de “o novo nascimento”, tamanho seu impacto e transformação que deve provocar no indivíduo. Esta conversão é um dos maiores mistérios que cercam a espiritualidade cristã; é uma mudança radical na maneira de pensar, agir e se comportar do crente, tratando-se, assim, de algo inexplicável.

Baseando o apelo à conversão em alguns textos bíblicos, as igrejas pentecostais apontam a base comum e necessária para essa mudança de vida. Entre os principais textos está o Evangelho de João, quando da visita noturna que Nicodemos, um religioso e mestre da Lei judaica, fez a Jesus. Esse Nicodemos ficou confuso quando Cristo disse a ele que o pré-requisito para se ter acesso ao Reino de Deus era o novo nascimento (João 3.3).

O apóstolo Paulo escreveu em sua segunda carta aos cristãos em Corinto que “se alguém está em Cristo é uma nova criatura” (2Co 5.17). O patriarca Pedro falou do novo nascimento como “uma esperança viva” (1Pe 1.4).

São nestes versos que os pentecostais se apegam na construção de uma doutrina que justifique a nova mentalidade que os dispõe para uma vida diferente, a partir de um determinado momento em que passam por uma experiência mística.

Segundo Guy e Nathaniel (2006, p. 155), teólogos cristãos da segunda onda, o novo nascimento é dividido em tópicos (ou fases, conforme a nomenclatura utilizada na dissertação) para uma melhor compreensão. Esses tópicos podem ser divididos em cinco.

O primeiro é sobre o *novo nascimento*, qual é o agente, deixando claro que é o próprio Deus:

“Um nascimento, ‘Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido.’ (1João 5.1). João 3.8 fala do cristão como ‘nascido do Espírito.’ ‘Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus...; Os quais nasceram... da vontade... de Deus. João 1:12-13’” (GUY, 2006, p. 155).

O segundo trata da *regeneração*, que é chamada de “Uma limpeza”, citando a epístola a Tito 3.5: “nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo”. “Isto implica a alma lavada da contaminação da vida anterior”.

Em terceiro vem o *avivamento*, pois “não somos salvos apenas pela “lavagem da regeneração”, mas também pela “renovação do Espírito Santo” (Tito 3.5). Então, os autores indicam mais citações bíblicas (Cl 3:10; Rm 12:2; Sl 51:10) (GUY, 2006, p. 155).

Em quarto, os autores propõem uma *criação*, orientados pelo texto de Paulo aos Coríntios (2Co 5:17): “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é [lit., nova criação]; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. (Ef. 2:10; 4:24; Gál. 6:15.)” (GUY, 2006, p. 155).

Por último, chamam o novo nascimento de uma *ressurreição*. Segundo os autores, a doutrina preconiza que o tópico chamado *ressurreição* pressupõe que houve uma morte: “Os crentes têm sido crucificados com Cristo e foram ressuscitados com Ele. Ambas as verdades são uma realidade espiritual através da identificação com Cristo na sua morte, sepultamento e ressurreição. Paulo diz: (Romanos 6:2-7)” (GUY, 2006, p. 155).

Depois, segue no simbolismo da morte e ressurreição no batismo por imersão, trazendo o texto bíblico, novamente com Paulo aos Efésios 2:1. Paulo teria, então, feito mais, acrescentando outra dimensão ao renascido, pois além de o alcançar quando ainda era devedor por culpa dos seus pecados, o vivificou, o salvou, o ressuscitou e, ainda o fez “assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus;” (Efésios 2:5-6).

Os autores deixam claro que, o Novo Nascimento não é feito por esforço humano, nem por virtude própria. É comparado ao nascimento natural, ninguém nasce por vontade própria, ninguém é gerado por auto desejo, e que o Espírito Santo é o agente da divindade que se utiliza da Palavra como uma semente criadora. É um fenômeno inexplicável, porém com duas experiências que antecedem o milagre: crer na mensagem do evangelho e receber a Cristo como o Seu salvador. “A salvação é uma experiência intensamente pessoal”. Por fim, reco-

nhece o novo nascimento como um “milagre de Deus que não podemos entender completamente” – “A vida eterna é dom de Deus” (GUY, 2006, p. 157).

Mas, melhor do que discorrer sobre doutrinas é ouvir os que desfrutaram da experiência que ela ensina, ou seja, vê-la funcionando na prática, na vida dos ditos convertidos.

A seguir, utilizando a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (como apresentada no item 1.1) veremos o testemunho resultado da *pesquisa oral* (como proposta no item 1.2) fornecida por vários personagens importantes na construção desse segmento pentecostal, homens que ajudaram no desenvolvimento ministerial da Igreja Evangélica Pentecostal da Bíblia no Brasil, e que servem como âncoras nas opiniões do coletivo social da mesma. Releva-se mais uma vez que segundo Lefreve (2009, p. 1197), a Pesquisa Oral

“É o processamento da matéria-prima dos depoimentos e que permitirá que se implemente a respeito do tema por intermédio dos discursos que revelam o que as coletividades pensam, como pensam o que pensam e como este pensamento se distribui no espaço social.”

A seguir, então, elencaremos cada pesquisa sendo indicada apenas pelo nome do entrevistado, parte de seu discurso e a análise subsequente dentro da primeira categoria, *a conversão*. Os relatos na íntegra constam do Apêndice 1.

Carlos Minozzi³⁸

Bispo da ICPBB, ele conta que seu estado de saúde era dos piores. Levado ao hospital por seu irmão Silvio Minozzi, este teria ouvido do médico o seguinte ultimato: “O caso do Carlos, é só Deus”! Guardei essa frase em meu coração “É só Deus”. Ele confessa que outra certeza contrariava a alternativa de que só Deus poderia salvá-lo. O “inimigo”, o Diabo certamente, assoprava insistentemente em seu ouvido que ele iria morrer.

Depois de um dia de trabalho, chegou a sua casa e conversando com sua esposa na cozinha de casa, adotou um tom de despedida, dando crédito à segunda afirmação de que realmente morreria e despedindo-se da esposa. Ela imediatamente retrucou “Você não vai morrer!”.

³⁸ Bispo da Igreja Pentecostal da Bíblia.
http://in.pentecostal.com.br/2012/detalhe_noticia.php?id_noticia=106 e acessado em 12.01.2013

Sem dar detalhes de como se saiu da conversa constrangedora, mas disse notar um “livro estranho de capa preta que estava na cristaleira da cozinha”. Mas perguntou a ela que livro era aquele. Quando ela se virou para responder, o milagre:

“Ela se virou para mim e, quando olhei para ela tive a nítida sensação de estar vendo a face de um anjo! – Ela me disse com aquele rosto brilhando: ‘Pega, Leia, Come’ ...eu peguei o livro e fui sozinho para o quarto, abri em Eclesiastes, e ali foi como a boca de Deus falando comigo! Dentro de mim senti um refrigério absolutamente extasiante e maravilhoso!”

Carlos não precisou de mais argumentos. Disse, espontaneamente a ela que serviria a Deus, isto é, iria para a igreja admitindo a conversão a fé cristã (pentecostal): “Me converti a Cristo naquele dia 19 de junho de 1958 – Nasci de novo! E além de salvo, minhas dores foram embora, e minha sentença de morte foi revertida para poder anunciar o evangelho pelos próximos 50 anos!”.

O que poderia ter mudado no pensamento de Minozzi depois da leitura do texto do livro de Eclesiastes? O que houve, segundo a doutrina pentecostal, foi o novo nascimento, a experiência mística conforme a explicação dada pela doutrina bíblica indicada anteriormente.

Os entrevistados, de modo geral, confirmam este primeiro depoimento com o mesmo discurso percebido coletivamente, como podemos observar.

Daniel Evaristo³⁹

“Naquele tempo, a Igreja Pentecostal da Bíblia estava nos seus primórdios, e havia poucos obreiros. O Reverendo Epaminondas dirigiu o culto e pregou, pois, ele gostava muito de trabalhos assim. Naquele culto, eu levantei as mãos, e aceitei a Jesus como meu Salvador, nasci de novo. Naquele mesmo dia eu fui congregar à noite, a convite da namorada e futura esposa, no salão alugado pela Pentecostal da Bíblia, onde hoje funciona a Estação Conceição do Metrô.”

Observe a expressão que se repete, “nasci de novo”. Houve uma mudança na antiga maneira de falar, de se comportar, os lugares onde frequentar, tudo isso indica a nova vida, o novo nascimento que o dogma apregoa. Nas mulheres, as vestimentas serão outras, o comprimento dos cabelos, o abandono da maquiagem e das bijuterias marcarão ou demonstrarão o novo nascimento.

³⁹ Bispo da Igreja Pentecostal da Bíblia.
http://in.pentecostal.com.br/2012/detalhe_noticia.php?id_noticia=106 e acessado em 12.01.2013

O testemunho e a confissão se repetem. O início da vida religiosa no pentecostalismo é envolto em experiência mística chamada de novo nascimento.

Élio Ribeiro de Oliveira Barros⁴⁰

Nascido em 1940, num bairro da zona Norte da capital, a Vila Guilherme, viveu por muito tempo na mesma região. Ainda criança, entre 7 e 8 anos de idade, revela que percebeu “de Deus uma primeira tentativa de [levá-lo] a conhecer Jesus”. Isso se deu por intermédio de uma família de cristãos da Igreja Batista, em cuja residência teve início uma série de cultos domésticos ou cultos nos lares.

Como os pais de Élio eram de ascendência portuguesa, zelosamente católicos, não permitiram que o jovem Élio participasse das reuniões. Porém, desde seus primeiros anos de vida até próximo aos 16 anos de idade houve certo incômodo sobre questões antigas que acompanham o homem. “Qual o verdadeiro sentido da vida?”.

Para ele, a vida comum do “nascer, viver, procriar e morrer” era frustrante demais para ser a melhor resposta à pergunta que trazia consigo. Ele queria uma resposta convincente, que lhe fizesse sentido.

Para Élio, os rituais no catolicismo, com liturgias idólatras e demais aparatos cúlticos não acrescentavam muita coisa ao que buscava. Até que no início do ano de 1957...

“[...] passando pela rua 12 de setembro, fiz uma oração em espírito e dirigida a Deus na qual pedi: “Se tu existes realmente, faz com que eu tenha respostas a todas minhas indagações”. Em julho de 1957 Deus começou a responder-me. Aconteceu meu encontro com Jesus, na Tenda da Cruzada.”

Nascer de novo, renascer, encontro com Jesus, aceitar a Cristo, receber Jesus, e entregar-se a Cristo são expressões que definem o momento único, crucial, de mudança interior presente no relato comum dos pentecostais, que aqui classificamos como 1ª categoria. É notável que, homens com idade já avançada, alguns octogenários, se lembrem do momento da conversão, como reminiscência, algo vivo e presente. Isso indica que aquele discurso, aquela narrativa precisou ser preservada como acesso e garantia de permanência no corpo de fieis. É como uma identidade, a *carteira* de membro para o sócio de um clube, o *passaporte* para o turista no estrangeiro.

⁴⁰ Bispo da Igreja Pentecostal da Bíblia.
http://in.pentecostal.com.br/2012/detalhe_noticia.php?id_noticia=106 e acessado em 12.01.2013

Geraldo Cassemiro Pereira⁴¹

Assim como no relato anterior, Geraldo Cassemiro nos contou ter havido uma tenda no bairro do Jabaquara, bairro da zona Sul de São Paulo. Nela era possível ler, provavelmente numa faixa como era comum, os dizeres “Cruzada Brasileira de Evangelização”, já uma adaptação do slogan anterior, Cruzada Nacional de Evangelização (WILLIANS, 1997, p. 19). Na tenda, sua esposa Theresa “encontrou-se com o Senhor Jesus”, passando a convidá-lo insistentemente para que conhecesse o lugar: “Vamos lá Ge, quem sabe Deus te cura!”.

Geraldo sofria com forte bronquite asmática e diante da insistência de Theresa, na noite de 14 de fevereiro de 1958 ele a acompanhou ao culto. Naquela noite, o pastor Epaminondas Silveira Lima fez o convite ao final da reunião, para que aqueles que não eram crentes viessem entregar suas vidas aos pés de Jesus. Theresa insistia para que Geraldo aceitasse o convite até que o próprio pastor Epaminondas perguntou a ele o que necessitava que Jesus fizesse a seu favor. Em suas próprias palavras, ele declarou:

“Como o pastor chegara ali, eu não sei, mas, sem pestanejar, disparei: ‘Ouvi falar que o Deus de vocês cura, vim ver se é verdade’. Eu recebi como resposta um singelo e amoroso: ‘Deus vai curar o irmão’. Daquele minuto em diante, toda uma existência foi transformada pelo poder do Senhor Jesus. Desde então, Deus começou a escrever a “trajetória de mais um escolhido”. Aquela frase, tão simples invadiu o meu coração, nasci de novo.”

Note como o modelo proposto na presente categoria é repetido nas diferentes narrativas, confirmando assim o DSC nesse particular. Homens com histórias tão diferentes, mas com um relato tão surpreendentemente idêntico, cujo desfecho é sempre o mesmo renascer, o novo nascimento.

Izrael Mariano⁴²

Izrael Mariano veio de família presbiteriana com alguma tradição dentro da denominação. Tinha outros três irmãos que eram pastores. Perdeu a mãe cedo, quando ainda tinha oito anos de idade, e com isso a família se dispersou. Mais tarde ele se casou com uma jovem que não era evangélica.

⁴¹ Bispo da Igreja Pentecostal da Bíblia.
http://in.pentecostal.com.br/2012/detalhe_noticia.php?id_noticia=106 e acessado em 12.01.2013

⁴² Bispo da Igreja Pentecostal da Bíblia.
http://in.pentecostal.com.br/2012/detalhe_noticia.php?id_noticia=106 e acessado em 12.01.2013

Quando estavam casados havia dois anos e quatro meses, a tia de sua esposa adoeceu gravemente. À época, o “reverendo Epaminondas” já estava no bairro do Jabaquara com sua tenda e dirigia o programa na rádio América. O conteúdo do programa era a própria programação da igreja, a Cruzada Brasileira de Evangelização.

Os anúncios feitos no programa de rádio convidavam para assistirem aos cultos e certamente estava implícito que haveria oração por curas. Levar a tia da esposa era uma opção interessante. Mas Izael resolveu antes “sondar, conhecer melhor aquela religião”. E foi fardado, pois era policial civil.

Quando perguntaram se ele precisava de oração, ofendeu-se, porque era jovem, forte e saudável. Respondeu com altivez que “não precisava de oração”, mas deixou ali o pedido de oração pela melhora da tia de sua esposa e seguiu para o trabalho.

Os trabalhos na tenda eram diários, à noite, e embora na década de 1950 não houvesse divulgação em massa pela televisão, que ainda era uma novidade no Brasil, o rádio dava conta ao informar seus ouvintes, a ponto de as reuniões comportarem ao menos duas mil pessoas. Muitas delas eram levadas de maca “para receber a oração da fé”, o que indica a ocorrência de milagres como distintivo da segunda onda. Sobre uma das vezes em que esteve na tenda, Izael conta:

“Naquele dia, tinha uma multidão de 5.000 pessoas, que faziam filas para receber a oração da fé. Muitos apareciam às 3 horas da madrugada para aguardar e receber essa oração, porque era muita gente, de todos os lugares de São Paulo.”

Embora confessasse não crer na cura, Izael levou a família toda, incluindo a tia, a uma das reuniões. Precisamente nesse dia uma mulher parálitica, de meia idade, também esteve presente. Essa mulher, levada por seus próprios familiares, foi colocada ao seu lado. Durante o culto “houve testemunhos, muitos louvores, pregação”. E algo diferente foi notado por ele:

“Eu presenciei algo diferente, muito curioso, o canto dos lenços brancos. O reverendo Epaminondas pediu que todos levassem lenços brancos e, quando cantaram o hino: ‘Glória, Glória, Aleluia, Vencendo, vem Jesus’, todos levantaram os lenços e acenaram. O poder de Deus era tão grande que o Senhor foi curando muitos naquela hora, antes da mensagem, de todos os tipos de enfermidades. Diante daquela cena tão extraordinária, eu fiquei curioso em relação à mulher que estava ao meu lado, pois eu tinha ouvido falar que Jesus curava paralítico. “

A oração coletiva era para que Jesus curasse todos os doentes, parálíticos, cancerosos, e a mulher ao seu lado foi deixada para o final da oração. O reverendo Epaminondas veio até ela e do modo como o próprio Jesus fazia, ele perguntou o que ela havia ido buscar naquele lugar. Ele notou que ela estava acompanhada por dois de seus familiares e perguntou a eles se criam na cura daquela senhora, se acreditavam que Jesus a podia curar. Ambos responderam: “Para isso viemos”. Então...

“O homem de Deus colocou a mão na cabeça da mulher e falou: “Em nome de Jesus, levanta e anda”, e ela andou. Naquele exato momento comecei a chorar sem parar, eu não conseguia conter as lágrimas, tamanho era o poder de Deus. Ali nascia um novo Izael Mariano.”

“Ali nascia um novo Izael Mariano” – essa resposta dada na entrevista é sintomática da categoria em questão. É preciso nascer, é preciso renascer como Jesus disse a Nicodemus, o mestre judeu, como vimos acima.

João Lírio Navas⁴³

Tendo relatado sua conversão em 1965 (“Eu converti em 1965”), também na igreja do Jabaquara, era cristão de origem católica com frequência em “tendas de espiritismo e umbanda”. Em relação aos relatos anteriores, sua vida era mais agitada, tendo “uma vida de vícios relacionados a drogas, bebidas alcoólicas e frequentava salão de dança”. Aos 14 anos de idade já era comum ir para as “farras” nas noitadas, como admitiu, e aos 16 anos de idade teve início o vício nas drogas, seguidos de envolvimento com o que chamou “as religiões, as feitiçarias”. João chegou ao conhecimento do Deus cristão por meio de um homem chamado Rafael. “Ele era meu amigo e morava na época no alto da Mooca, ele foi usado por Deus para me levar à igreja do Jabaquara”.

Esse Rafael participava da igreja evangelizando as pessoas, convidando-as a frequentarem os cultos evangelísticos e dando exemplares da Bíblia. João recebeu um de presente. “Isso foi muito importante, pois eu estudava as obras espíritas e lia os livros de Alan Kardec e passei a ler também a Bíblia. A leitura da Bíblia foi uma luta da luz contra as trevas”.

Com essa relação de amizade o interesse na vida espiritual aumentou, como relatou na entrevista, ao ponto de chegar a pedir a Rafael que o levasse a “uma palestra na igreja”. Rafael

⁴³ Bispo da Igreja Pentecostal da Bíblia.
http://in.pentecostal.com.br/2012/detalhe_noticia.php?id_noticia=106 e acessado em 12.01.2013

atendeu ao seu pedido e foram a um culto realizado numa quinta-feira à noite, ainda no início do fevereiro daquele ano. João tinha 24 anos de idade.

“[...] naquele dia, eu aceitei a Jesus como Senhor e Salvador de minha vida. Ao voltar para casa joguei fora toda a roupa branca do espiritismo e nunca mais voltei ao centro espírita e nem aos centros de danças, eu era uma nova criatura.”

A chamada aceitação ou aceitação a Jesus implica na admissão do compromisso por parte do novo fiel e na recepção dos membros da igreja em relação ao novo candidato ou convertido. Como a conversão ou novo nascimento é ato de foro íntimo, ocorre no interior da pessoa de fé, a comunidade não consegue medir ou comprovar o que realmente aconteceu, mas há sinais indicativos. Primeiramente a própria confissão de fé, isto é, repetir a oração feita pelo pastor ou evangelista, pedindo a Jesus Cristo que o receba, perdoe os pecados e escreva o seu nome no livro da vida, conforme dogma no cristianismo, especialmente no cristianismo pentecostal. Segundo, os frutos, o novo comportamento que o fiel irá demonstrar cotidianamente. Tanto um quanto outro sinal ajustam-se a categoria proposta no presente capítulo, conforme indicado anteriormente.

João Lamim⁴⁴

João Lamim veio para São Paulo com sua família em 1962, indo morar na cidade de Diadema, na Grade São Paulo. Ainda adolescente, aos 12 anos de idade, começou a trabalhar no comércio como balconista. Quatro anos mais tarde faltou às aulas para assistir a um culto, mas o que ele gostava mesmo era de frequentar sessões de matinê no cinema. Sempre que podia, passava na casa de sua prima Maria José e tentava convencê-la a ir ao cinema com ele. Em contrapartida, ela tentava convencê-lo a ir à igreja com ela. Maria José, hoje falecida, era membro da ICPBB.

Num desses desafios mútuos, João cedeu.

“Eu concordei e, escondido dos meus pais, fui com ela ao culto. Ao fim da pregação, o então diácono Izael Mariano, fez o apelo e eu aceitei a Jesus como Salvador. Era maio de 1966. Eu senti a presença do Senhor e acabei levantando as duas mãos na hora do convite, pensando que aquele povo nunca mais me veria, pois eu era católico roxo. Ao voltar para casa, a mi-

⁴⁴

Bispo da Igreja Pentecostal da Bíblia.
http://in.pentecostal.com.br/2012/detalhe_noticia.php?id_noticia=106 e acessado em 12.01.2013

nha mãe achou algo estranho em mim, pois o meu rosto estava brilhando, o meu semblante estava diferente. Eu contei que fui à ‘igreja dos crentes’ e aceitei a Jesus. Eu estava nascendo de novo, um milagre de transformação em minha vida.”

Aquele Izael Mariano, que fora buscar a cura da tia de sua esposa e nascera de novo, agora já era um oficial na igreja, um diácono, fazendo pregações e levando outros a aceitarem a Jesus e a nascerem novamente, assim como ele mesmo fez. Confirma-se, então, o critério, a primeira categoria de novo nascimento.

Natalino de Jesus Bisigati⁴⁵

“Pela facilidade de fazer amigos, estes não me faltavam. Sempre fui um homem agradável para conversar, ainda mais quando o ambiente era um boteco, e uma boa cachaça à disposição. Eu apreciava muito a bebida e o meio que ela proporcionava.”

Com essas palavras e pouca modéstia, Natalino de Jesus começou a contar como e quando converteu-se a Jesus.

Por sua própria iniciativa, ele fez uma avaliação positiva de sua vida pregressa, anterior ao encontro espiritual com a fé cristã. Segundo ele, sua vida social era boa, o emprego era bom e na época anterior ao novo nascimento, ele aguardava a chegada de sua primeira filha.

Era o ano de 1978. Ana sua sogra, mãe de Cleide, tinha uma doença. Mas algumas tias de sua esposa conheciam Odila, “missionária evangélica”, a quem foi solicitado que comesse “uma série de cultos, com o propósito de buscar a cura da enfermidade da sogra dele.” Os cultos foram realizados na casa de Natalino porque era uma casa mais ampla. Ali mesmo houve a experiência de conversão.

“Numa noite de sexta-feira, eu cheguei a minha casa e o culto estava em andamento, como de costume [...] Naquele dia, algo diferente aconteceu! Eu percebi isto ao entrar em casa. Naquela noite, eu tive um encontro com Jesus e com a sua Palavra. Eu não tive outra saída, a não ser render-me totalmente aos pés de Jesus de Nazaré. Foi uma conversão genuína e instantânea.”

Ajoelhado tal qual um pecador arrependido diante de alguém mais forte, ele esperava receber a oração feita pelos irmãos e tornar-se “um homem de Deus, uma nova criatura!”.

⁴⁵ Bispo da Igreja Pentecostal da Bíblia.
http://in.pentecostal.com.br/2012/detalhe_noticia.php?id_noticia=106 e acessado em 12.01.2013

“No dia seguinte, ao chegar à empresa onde trabalhava, eu falei aos colegas nestes termos: ‘Não contem mais comigo para os encontros nos balcões de bares, pois agora sou crente!’. Os amigos, surpresos, disseram entre eles: ‘Ele está louco? Isto é só fogo de palha, logo acaba!’. Lá se vão quase quarenta anos!”

Ronaldo Monteiro⁴⁶

Aquele que no futuro seria o “bispo Ronaldo” chegou a Jesus ainda na infância, e a ICPBB, levado pela avó paterna, Palmira de Jesus Monteiro. “A minha vó uma era uma cristã autêntica, verdadeira e uma grande pregadora do evangelho de Cristo”.

Aos 13 anos de idade ele “aceitou a Jesus como o meu único e suficiente Salvador na ICPBB”, mas no bairro do Pari, na zona Norte de São Paulo. Era o dia 11 de abril de 1976 e ele ainda não tinha completado 15 anos de idade, mas decidiu ser batizado nas águas, “atendendo à ordenança de Jesus” e completando um dos sacramentos que as igrejas evangélicas adotam.

De maneira geral, a chamada conversão é vista como prejudicial e inadequada para a conservação e a demonstração das formas tradicionais de cultura popular no Brasil. Mas para os pentecostais, ela é a nova vida que se inicia, o passo de fé, o rito de passagem que insere o novo membro no Corpo de Cristo ou no corpo de membros.

À medida que os pentecostais adquirem espaço na sociedade, em seus estratos variados, as características tradicionais do seu grupo religioso, que são restritas ao ambiente da igreja, aos poucos se perdem; com o passar do tempo, tendem a desaparecer. Refiro-me ao que é chamado nas igrejas de *usos e costumes*: proibição de mulheres cortarem as pontas dos cabelos e se depilarem, homens só devem vestir ternos e gravatas, não podem ostentar bigode nem barba, entre outros.

Como consequência do abandono dos usos tradicionais, estudiosos assinalam tal abandono como grandes prejuízos, pois junto com características abandonadas perde-se, também, considerável parte da memória e da cultura pentecostal brasileira.

Contudo, nem só de perdas implicam as conversões ao pentecostalismo. É preciso olhar além da religião para compreender o que ela procura abrigar, já que se apresenta como uma religião flexível, plástica e em adaptação com as formas populares e tradicionais de leitura da realidade.

⁴⁶ Bispo da Igreja Pentecostal da Bíblia.
http://in.pentecostal.com.br/2012/detalhe_noticia.php?id_noticia=106 e acessado em 12.01.2013

2ª Categoria: A experiência carismática

A característica marcante do pentecostalismo é a experiência carismática, que é denominada de batismo *com* o (ou *no*) Espírito Santo. Com esse batismo ocorre o clássico fenômeno da glossolalia ou o falar em línguas estranhas, repetindo a experiência ocorrida em Atos 2, quando os discípulos de Jesus estavam reunidos na cidade de Jerusalém.

O serviço religioso prestado por cristãos é considerado entre os pentecostais como uma vocação, uma chamada realizada pelo próprio Deus, confirmado pelo “batismo com Espírito Santo”. O site de estudos bíblicos da Assembleia de Deus do Brasil – Missões, no seu estudo sobre o Batismo com o Espírito Santo, ensina: A experiência do batismo com o Espírito Santo tem-se constituído numa das pedras basilares da doutrina pentecostal, como uma doutrina tanto bibliocêntrica (que considera a centralidade da Bíblia) quanto prática e experimental.⁴⁷

“Utilizam-se os pentecostais da segunda onda no Brasil de textos bíblicos que justifiquem o seu entendimento sobre a presença de dons entre os fiéis, tais como Efésios 4.11. Neste texto, Paulo escreve que o próprio Cristo concedeu alguns para os diversos ministérios que visam o aperfeiçoamento dos fiéis na Sua Igreja. Assim, enxergam o chamado dos apóstolos (assunto de Efésios 4.11) como um exemplo que permanece até os dias de hoje. Uma ratificação de que alguém foi confirmado para o exercício do ministério é o batismo com o Espírito Santo, isto conforme a doutrina pentecostal: o batismo no Espírito Santo não visa em primeiro lugar o desenvolvimento da santidade no indivíduo – embora isto possa e deva ser intensificado, como consequência – mas visa dotá-lo para o serviço cristão.” (MENZIES, 1995, p. 129).

Para os pentecostais, a evidência da ocorrência do batismo com o Espírito Santo é o falar em línguas estranhas, respaldado no texto da primeira carta escrita aos Coríntios: “Porque o que fala em língua desconhecida não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala mistérios” (1Co 14.2). “Assim, visto que o selo é algo tangível que outros podem reconhecer, o batismo no Espírito Santo, com a evidência externa do falar em línguas ajusta-se à ideia neotestamentária” (MENZIES, 1995, p. 135).

Quanto a esta segunda categoria, a Experiência Carismática, advertimos que no pentecostalismo brasileiro a justificação incidiria no andamento da conversão pessoal a Jesus Cristo, posteriormente ocorre a santificação, esta realizada de forma total no Batismo do Espírito Santo.

⁴⁷ Disponível em <http://missaobrasilstudios.no.comunidades.net/o-batismo-com-o-espírito-santo> e acessado em 06.12.2016.

É notório que, em grande parcela do pentecostalismo, o batismo do Espírito Santo acontece após o batismo nas águas,⁴⁸ como afirmam alguns pentecostais. Esse batismo acontece após uma preparação e cria-se grande expectativa, pois em alguns eventos de batismo nas águas pode acontecer, concomitantemente, ou até antes do batismo nas águas, o próprio batismo do Espírito.

Apreende-se, assim, que a Experiência Carismática proporciona ao seguidor a emoção de eleição divina. E ao experimentar uma nova condição, qualidade, ele proclama a “morte para o pecado” no conhecimento ativo através das dádivas conferidas pelo Espírito Santo. E finalmente, ao romper os laços com o “mundo” pecador, o fiel sente-se mais fortalecido, pois Deus não fica apenas presente, na verdade, Ele o torna também mais forte, intenso. Significa ao crente a sua distinção em relação a todas as demais pessoas. Logo “a ruptura com as “coisas do mundo” é sinal visível do crente e pré-condição para receber o batismo do Espírito Santo (WULFHORST, 1995, p. 17).

A Igreja Cristã Pentecostal da Bíblia do Brasil nasceu sob todos os sinais pentecostais típicos do movimento da segunda onda no Brasil, incluindo o batismo com o Espírito Santo. Vamos, portanto, conferir nos depoimentos os indícios dessa segunda categoria apontada por nós nesta pesquisa:

Epaminondas Silveira Lima⁴⁹

Segundo a *Revista de Escola Bíblica da Igreja Pentecostal da Bíblia – ICPBB “Vidas que inspiram”*, o Rev. Epaminondas, fundador da ICPBB e um dos líderes do movimento da segunda onda pentecostal no Brasil, teve a seguinte experiência carismática ao retornar de uma viagem missionária ao exterior

“[...] o presbítero Lima, como também era conhecido Epaminondas, encontra a sua esposa, dona Ada Endrigo Silveira Lima falando em línguas e com uma nova dinâmica em sua vida, muito mais animada do que ele jamais vira.”

Grandes reuniões de oração aconteciam em sua casa, diferente das que participava antes da sua viagem, pois as manifestações pentecostais das línguas estranhas se faziam ouvir todas as noites, até que em uma das reuniões ele ouviu:

⁴⁸ O batismo nas águas é o sacramento que marca o ingresso do novo membro na comunhão da igreja.

⁴⁹ Fundador da Igreja Pentecostal da Bíblia. <http://www.pentecostaldabiblia.com.br/noticias/edicao-historica-da-r-e-b-a-disposicao-396>

“[...] a sua empregada doméstica, que era analfabeta, falando em profecia no idioma inglês (é bom ressaltar que, Epaminondas falava inglês fluentemente). Pensando haver chegado visitas dos Estados Unidos, levantou a cabeça e observou o fenômeno. Foi então que, estupefato, viu cair as suas últimas resistências àquelas manifestações. Estava inteiramente convencido de que Deus estava fazendo algo novo no seio da igreja e que, daquela forma, trazia a tão anelada manifestação do Espírito Santo. Decididamente entrou para o seu ‘Vau de Jaboque.’”⁵⁰

Segundo a história contada na revista e também no site oficial da ICPBB, Epaminondas pediu a Deus que tivesse a mesma experiência, o que os pentecostais denominam de batismo com/no Espírito Santo.

“A crescente paixão pelas almas o impulsionava a buscar com mais intensidade esse poder, para o pleno exercício do ministério da Palavra. Clamava a Deus com todas as forças da alma, pedindo-lhe que o agraciasse com a mesma bênção. Foi quando, sentindo não suportar mais a ansiedade de seu coração, na cozinha de sua casa, em torno da mesa onde, através das mãos da missionária Ada, serviu a dezenas de homens de Deus, orou ousada e apaixonadamente: ‘Jesus, me batiza, hoje, no teu Espírito Santo, ou não te peço mais!’ ... então... foi ali mesmo, misericordiosamente, batizado com o doce Espírito Santo de Deus, começando uma nova etapa de sua vida!” (ARAÚJO, 2016, cap. 10, s. p.).⁵¹

Esta experiência carismática foi grandemente marcante, pois foi levada ao presbítero despretensiosamente por pessoas que não o forçaram a vê-la, mas mostraram a ele naturalmente. Como uma pessoa incrédula e desprovida de estudos poderia proferir profecias em uma língua que não conhecia? “E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem”, diz o texto de Atos 2:4. Segundo o relato oficial da ICPBB, era o milagre do Espírito Santo sendo posto à sua frente e marcando-o carismaticamente para sempre. Naquele momento surgia um dos líderes do movimento pentecostal da segunda onda no Brasil.

⁵⁰ **Vau do Jaboque**, uma referência (do livro do Gênesis) à experiência do patriarca Jacó quando este lutou com o anjo do Senhor (ou a teofania do próprio Deus), até que conseguisse uma bênção pretendida.

⁵¹ Disponível em http://in.pentecostaldabiblia.com.br/2012/icpbb_historia_primordios.php e acessada em 06.12.2016.

Carlos Minozzi

Carlos Minozzi, que mais tarde se tornaria bispo na ICPBB, converteu-se antes de conhecer a denominação na qual daria seus passos como líder. Quando comentou com Bruno Karschi, seu sogro, que havia entregue sua vida a Jesus, Karschi associou as coisas e disse a Carlos que ele próprio trabalhava na empresa do então pastor Epaminondas. Pela proximidade, Karschi sabia que Epaminondas havia inaugurado um tabernáculo para a realização de cultos no bairro de Indianópolis, em São Paulo. Karschi incentivou o genro a conhecer o lugar.

No dia seguinte, Carlos foi ao tabernáculo, onde conheceu o pastor Nourival Silveira Lima, que dava início ao culto quando Carlos chegou ao local. Na abertura dos trabalhos naquele dia, o pastor Nourival leu o Salmo 37.5, que diz: “Entregue o seu caminho ao Senhor; confie nele, e ele agirá”.

“Cerca de vinte e cinco dias depois da primeira ida ao Tabernáculo passei pelas águas batismais. Alguns dias após o batismo houve um culto tremendo e nele fui batizado com o Espírito Santo. De noite ao me deitar para dormir, minha esposa pensou que eu havia enlouquecido, quando comecei a falar em línguas ali deitado em cima da cama! Aleluia!”

Quando Carlos ouviu a leitura do texto do Salmo, confessou ter sido “impactado na alma, como quem leva um choque elétrico!”. Na própria confissão, colhida na entrevista realizada recentemente, ele dá todos os indícios do enquadramento na segunda categoria proposta.

Geraldo Casseiro Pereira

Eu fui batizado nas águas no dia 18 de maio de 1958. Sete dias após o meu batismo, foi realizado um culto para buscar a bênção do batismo no Espírito Santo e os dons espirituais. A unção derramada foi tanta que, de repente, ouviram-se gritos proferidos por uma vizinha, que dizia que a tenda estava pegando fogo e, incontrolável, clamava por socorro.

A clareza na declaração, a precisão dos termos, a separação entre dois eventos, o batismo nas águas e o batismo no Espírito Santo, do modo como o pastor Geraldo Casseiro declara em sua entrevista, reafirmam a necessidade da experiência Carismática para reforçar o sentimento de pertencimento ao movimento pentecostal de segunda onda.

Ele segue:

“O pastor Epaminondas saiu por um instante para ver e constatou que o que a senhora presenciara era a mais pura demonstração do poder de Deus, e acalmou a senhora, dizendo-lhe que o que ela estava vendo era o fogo do Espírito de Deus.”

A expressão “pegando fogo” tem sido repetida na experiência pentecostal dessa natureza, por se tratar de uma associação ao que diz o mesmo texto de Atos 2, a experiência original em Jerusalém, quando o autor do livro de Atos escreveu que “foram vistas por ele línguas repartidas como de fogo” (Atos 2.3). A visão que a irmã dizia observar naquele momento chancela, legitima as demais práticas em um culto. Em outras palavras, é como se diz que Deus está naquele lugar, aprovando as coisas que ali são feitas.

Naquele culto, como informa o pastor Geraldo, o ambiente “tornou-se mais avivado ainda”, até que perto das ...

“[...] 22h, vinte e cinco crentes foram tomados pelo poder do Senhor e batizados no Espírito, com a evidência do falar em línguas estranhas. Entre eles, eu, que, em seguida, fui chamado pelo pastor Epaminondas para ajudar na direção dos cultos de oração que se faziam às segundas-feiras.”

A evidência do batismo com o Espírito Santo parece ser uma alegria incontrolável, embora em quase todos os entrevistados também se encontra a manifestação das línguas estranhas. Além do texto de Atos 2, os pentecostais têm na fala de João Batista parte da base bíblica para a experiência:

“Respondeu João a todos, dizendo: Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das alparcas; esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.” (Lucas 3:16)

João Lamim

Outro bispo que revela ter experimentado o batismo no Espírito Santo é João Lamim. Depois de um mês e dez dias que havia sido mergulhado nas águas do batismo inicial, ele provou do novo batismo que legitima a experiência pentecostal, a Experiência Carismática:

“Depois de um mês e dez dias que fui batizado nas águas, eu fui batizado no Espírito Santo durante uma vigília na igreja em que reuníamos para buscar o batismo e os dons do Espírito Santo. Em seguida, poucos dias depois, eu recebi o dom de profecia e o dom de interpretação de línguas.”

João Lamim fala sobre a experiência do batismo no Espírito Santo como algo isolado do recebimento dos dons espirituais ou carismáticos, e alega ter recebido alguns desses dons dias depois do próprio batismo, tanto o dom das línguas, como o dom das profecias, como se observa na resposta que deu.

Natalino de Jesus Bisigati

O Bispo Natalino presidiu a “Igreja Pentecostal da Bíblia do Brasil – Ministério Porta da Vida”, que em 2006 “contava com 180 igrejas, sendo 142 no Estado de São Paulo, 9 no Paraná, 8 em Minas Gerais, 7 em Alagoas e 14 nos demais estados, num total de 11 mil membros” (ARAÚJO, 2016, cap. 10, s. p.).

“Quando me converti, tinha passado apenas 20 anos do grande avivamento em São Paulo, com as tendas e muitos trabalhos evangelístico. Naquela época e principalmente pela liderança da Missionária Odila (esposa do Rev. Epaminondas, fundador da ICPBB), havia muitas reuniões, cultos e vigílias, com o propósito de buscar o batismo no Espírito Santo.”

Desde muito cedo em sua fé, Natalino frequentava as reuniões de oração, nas quais as pessoas buscavam o batismo que mudava o *status* na comunidade de fé. Ele declarou ver “muita gente sendo batizada no Espírito Santo e empolgado com a possibilidade presente, começou “a buscar com mais intensidade, da forma costumeira da época, ou seja, indo à frente e recebendo a imposição de mãos, sendo abraçado por irmãos que oravam, intercedendo e incentivavam a glorificarmos ao Senhor.”. Quem comandava as orações era a própria missionária Odila e pessoas as mais diversas eram batizadas, desde as crianças até os idosos.

“E foi numa destas vigílias na Mooca, na rua Jaboticabal, que eu recebi o batismo com a evidência de falar em línguas estranhas. Não foi assim com muito barulho, mas recebi com muita intensidade, apoiado e orientado pela Missionária Odila. Não tive dúvida que fosse a manifestação sobrenatural de Deus.”

O futuro bispo Natalino esperava que o seu batismo carismático fosse cercado de muito barulho, comum durante as orações. Entenda o “barulho” como provocado por gritaria, no afã de falar numa língua que nunca havia pronunciado e que tão pouco sabia como seria. “Isto aconteceu entre os anos 1981/1982, embora desde a conversão em 1978 sempre acreditei nesta manifestação de Deus a respeito do batismo no Espírito Santo e sempre busquei”.

Natalino relata que a suposta regra de receber o tal batismo não necessitaria ser nos momentos de oração, nem pela Missionária Odila, nem por outro oficial da Igreja. Para tanto, ele dá conta do relato que considerou “um caso bem significativo” sobre a experiência do batismo com o Espírito Santo. Seu cunhado, posteriormente feito pastor na mesma ICPBB, Vanderlei Peres, recebeu o batismo com o Espírito Santo “de uma forma contundente, sem vir à frente da igreja, sem receber imposição de mãos ou intercessão, sem estar em nenhuma vigília”.

Ao contrário do que podemos imaginar, Vanderlei estava dentro de um carro, voltando para São Paulo, vindo de uma viagem que fez a Belo Horizonte. Era madrugada e ele trafegava pela Rodovia Fernão Dias.

“Estava sozinho orando e de repente aconteceu, começou a falar em línguas estranhas e não conseguia parar de falar, até mesmo quando parou para tomar um café e descansar um pouco, não conseguia falar em português com o balconista.”

Um relato e duas ocorrências contundentes e marcantes entre os membros da ICPBB. Há de se salientar nessa passagem que a imposição das mãos durante os batismos era uma prática do período apostólico, como lemos: “E Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo” (Atos 8:18).

Seguiremos, então, com o último relato que confirmam a segunda categoria da Experiência Carismática.

Ronaldo Monteiro

O Bispo Ronaldo Monteiro nos dá a última declaração sobre a experiência pentecostal com viés carismático, reforçando as marcas do pentecostalismo da segunda onda. Para o bispo Ronaldo, em sua “primeira passagem pela igreja do Pari, ainda bem jovem”, nutria o desejo de ter aquela experiência ao observar “os irmãos falando em línguas estranhas”.

Ele nos conta que depois do culto feito aos sábados, alguns irmãos saíam para fazerem uma vigília de oração num monte que ficava no bairro de Itaquera, na zona Leste da capital. Hoje densamente povoado, naquela época Itaquera era um lugar ermo devido à distância dos demais bairros.

“Lá, no monte em Itaquera, nos encontrávamos com outros grupos de irmãos que tinham o mesmo propósito de orar e buscar os dons espirituais.

Foi assim, subindo o monte para orar que começou minha busca pelo batismo no Espírito Santo. Buscava de verdade, com muita intensidade e fervor.”

Como São Paulo é conhecida como “a terra da garoa” – hoje não mais, muitas daquelas vigílias eram feitas debaixo de intensas chuvas e muito frio. Mas ele insistiu por meses até que numa daquelas madrugadas...

“[...] eu estava orando e, de repente, num lampejo abri os olhos e vi uma estrela correndo de uma ponta a outra e, quando ela chegou ao outro extremo do céu, caí de joelhos falando línguas estranhas. Aos poucos senti que aquela experiência ia se modificando, como se aperfeiçoando até chegar no que é hoje, pois é frequente em minhas orações e ministrações falar em línguas, decorrente da presença do Espírito de Deus. Este é o que eu chamo de um pequeno relato de uma grande experiência.”

Todas essas entrevistas, realizadas por mim, utilizando o método do discurso do sujeito coletivo (DSC), revelam as experiências carismáticas marcantes da segunda onda pentecostal no Brasil, entre os membros da ICPBB. A glossolalia sempre esteve presente nesse período do movimento pentecostal, e com ela o que veremos na próxima categoria, o *serviço*.

3ª Categoria: O Ministério

Para os pentecostais, trabalhar na “obra”, no serviço da igreja, é um privilégio dado por Deus, não uma decisão unilateral do homem, nem mesmo uma escolha profissional. É obedecer ao comissionamento divino, é executar o serviço dado aos escolhidos para uma tarefa sagrada.

“O campo de trabalho, a obra a executar, não é uma questão de escolha pessoal. E, acima de tudo, a resposta obediente à chamada de um Deus soberano. O chamamento de Deus não visa apenas a salvação, mas também o serviço dos santos.” (MENZIES, 1995, p. 195)

O serviço eclesial é visto entre os pentecostais como uma capacitação direta do Espírito Santo, algo sobrenatural, transformando o homem comum em um ministro do Evangelho:

“Pero el Espíritu tiene una gran parte en dotar al creyente de una vida de ministerio y servicio en la obra del reino de Dios. El ministerio y servicio espiritual, siempre se representan en las escrituras como un hecho logrado

por medio del Espíritu Santo antes que por cualquier habilidade humana: “[...] Esta es la palabra de Jehová a Zorobabel que dice: No con ejército, no con fuerza, sino con mi Espíritu ha dicho Jehová de los ejércitos” (Zac. 4:6).” (GUY, 2006)

Ministério é a realização do ministro, termo em língua portuguesa que traduz o grego *diakonia*, serviço, e este prestado ao próximo. O serviço, portanto, e o serviço social de maneira mais ampla, constitui-se a terceira categoria apontada nesta pesquisa como marca da experiência pentecostal de segunda onda no movimento pentecostal brasileiro. Desse modo, a fim de estabelecer pelo DSC aquilo que temos indicado, veremos os relatos dados pelos mesmos entrevistados, destacando nesta parte da pesquisa o que disseram sobre a obra que desenvolveram neste pentecostalismo da segunda onda no Brasil.

Carlos Minozzi

Já no primeiro ano, especificamente após seis meses da conversão, Carlos Minozzi já participava ativamente da realização dos cultos, fazendo a abertura dos trabalhos e logo começou a pregar o evangelho, “pregar a Palavra de Deus no Tabernáculo, nas casas, nas praças etc.”.

“Logo que comecei a dirigir os cultos, tive uma das experiências que vieram a marcar a minha vida para sempre! Eu estava dando abertura do culto no Tabernáculo. O lugar estava lotado e eu estava tão cheio da graça de Deus, que ao saudar a igreja dizendo: “A paz do Senhor”, na mesma hora caíram nove pessoas possessas de demônios; e ali mesmo, antes de o culto começar, oramos por elas e elas foram todas libertas! Cerca de dois anos depois da [minha] conversão fui consagrado ao diaconato; após quatro anos [fui ordenado] a presbítero e após sete anos [fui ordenado] ao pastorado.”

Num tempo quando não era exigida formação acadêmica, nem ao menos um curso básico em teologia, o critério para o ingresso ao oficialato nas igrejas pentecostais era a presença do carisma, isto é, o dom para serviço aos membros e a comunidade. Pregar a Palavra de Deus, fazer visitas, orar, realizar curas e expulsar demônios das pessoas possessas, como Carlos Minozzi declara ter feito, eram atestados inquestionáveis de legítima autoridade concedida por Deus. Ele era tão bem aceito por seu serviço (ministério) entre os fiéis que já com seis meses de conversão, portanto um novo convertido, já era confiado a ele a responsabilidade de dar abertura aos trabalhos e comunicar a mensagem a igreja.

Com esse histórico, o resultado posterior não poderia ser outro. Em suas próprias palavras, ficamos sabendo o seguinte:

“Fui um dos fundadores da Igreja de Indianópolis e o primeiro pastor a liderá-la! Também estive atuando ativamente no nascimento das igrejas de Cidade Leonor, Vila Guilherme, Grajaú, Jabaquara, Carapicuíba, Osasco, Santa Clara, Vila Diva, Pari, Vila Bancária, Jardim São Luiz. Durante 14 anos da minha vida, entre 1965 e 1979, eu saía de minha casa pela manhã às 5h30 para trabalhar, e depois ia direto para as igrejas, e só retornava para casa após a meia-noite! O Rev. Epaminondas me incumbiu de pastorear três igrejas ao mesmo tempo: Carapicuíba, Osasco e Grajaú.”

Na cultura pentecostal é indicativo de autoridade e bênção divinas, presença da chamada “unção”, trazida pelo mesmo Espírito Santo quando se é batizado por este. Quanto mais unção, mais autoridade, mais serviço, maior o poder demonstrado no ministério.

O próprio bispo Carlos Minozzi atribui isso à intervenção de Deus:

“Até hoje, eu não sei explicar como consegui tal feito! Creio que era o Salmo 108:13 “Em Deus faremos proezas, pois ele calcará aos pés os nossos inimigos”, se cumprindo em mim – proezas. A chama do Espírito Santo ardia tanto em meu coração que eu não enxergava obstáculo e nem dificuldades para fazer a obra de Deus!”

O bispo Carlos viajou a vários estados no Brasil, fazendo a obra do ministério: Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Alagoas, Rio de Janeiro, muitas vezes acompanhando o Rev. Epaminondas, a Missionária Ada e outros oficiais: Pr. Oswaldo, Pr. Cassiano, Miss. Neide, Pr. Walter Fragoso entre outros.

O serviço realizado por este oficial foi bastante profícuo. Não apenas na igreja local, mas nacionalmente e até com ligações entre outros ministérios internacionais de grande alcance, como a Associação Billy Graham, que leva o nome do mais celebrado evangelista do século XX.

“Em 1962 eu participei do movimento evangelístico do Doutor Billy Graham em São Paulo, onde pude conhecê-lo pessoalmente! Neste trabalho utilizamos a Catedral Presbiteriana e o Estádio do Pacaembu, foram mais de 5.000 vidas salvas!”

E o serviço prestado não ficou restrito a pregação do Evangelho. Em 1979 o bispo Carlos criou um grupo de louvor chamado Caminho de Salvação. Aquele foi um período especialmente frutífero do seu serviço. “Foi um período itinerante percorrendo todas as igrejas de

nosso ministério e de outros ministérios, pregando a palavra e ministrando o louvor, dezenas de vidas se converteram a Cristo!”.

Mas uma história é especialmente impressionante e expressa o modo como a narrativa pentecostal faz a leitura dos ocorridos, atribuindo ao Espírito Santo a direção da vida de uma pessoa escolhida para o ministério. A história é a seguinte:

“Numa noite de muita chuva onde a cidade de São Paulo estava sendo castigada por uma daquelas tempestades de verão. Eu morava na Vila Prudente e precisava ir ao culto em nossa igreja em Indianópolis, mas a chuva era tanta, que no rádio havia a recomendação para que não se saísse de casa, pois a chuva era torrencial e já havia pontos de alagamento em quase todas as regiões de São Paulo. Minha esposa disse para eu não sair, mas não consegui deter o impulso do Espírito Santo dentro de mim! Sai debaixo do temporal, peguei duas conduções até a igreja! Ao chegar lá não havia um irmão sequer! A água entrou no templo até a altura do joelho! Eu fiz uma oração, subi ao púlpito, cantei um hino da harpa! Em seguida o Senhor Jesus me mandou pregar a palavra! Mesmo todo molhado comecei a pregar na igreja vazia, quando de repente um homem negro, estatura mediana, magro, aparentemente alcoolizado, entrou totalmente encharcado e sentou-se! Eu continuei pregando por mais uns 20 minutos, quando acabei, fiz o apelo e aquele homem por nome Roque, aceitou a Cristo! E para nossa grata surpresa no culto seguinte lá estava o Roque. Hoje ele é o Diácono Francisco Roque e serve a Deus em uma das Igrejas da Pentecostal da Bíblia, na zona sul de São Paulo.”

É visível em todas as entrevistas dos participantes do movimento da segunda onda pentecostal, como característica comum, o ativismo como sua marca, a satisfação ao realizar ou cumprir “o chamado” advindo do batismo com o Espírito Santo.

Daniel Evaristo

A hierarquia mais comum entre igrejas pentecostais começa com o aspirante ao primeiro posto na escala. Ao aspirante chamam cooperador. Ele não é ordenado oficialmente, apenas está por um tempo sob observação dos oficiais do ministério até que seja definitivamente ordenado ao ministério como Diácono (depois seguem-se as ordenações a Presbítero, Evangelista, pastor e, no caso da IEPBB, Bispo).

Quando Daniel Evaristo frequentou a Igreja em Cidade Leonor, ele foi na qualidade de cooperador. Aspirava servir ao ministério como um oficial. Aquela igreja era cuidada pelos presbíteros Geraldo e Jaloques e era hábito realizar cultos ao ar livre, nos quais a evangelização, isto é, a pregação para os não cristãos é a marca principal. Em outras palavras, esse tipo de culto tem perfil de serviço, de ministério aos não cristãos.

Para realizar os cultos ao ar livre era preciso carregar os pesados equipamentos de som até o ponto escolhido, normalmente com grande circulação de pedestres. “Era muito gostoso e prazeroso fazer aquilo, pois entendíamos que era pela obra de Deus e que Ele nos recompensava sempre”.

Mais tarde, Daniel Evaristo mudou-se para a cidade de Itapeva, no interior de São Paulo, onde passou a realizar “cultos itinerantes nas casas e o número de pessoas frequentadoras crescia muito rapidamente”. Novamente temos a confissão do modelo que funciona muito bem em cidades interioranas: cultos nos lares. A propósito, naqueles tempos, até mesmo nos grandes centros os cultos nos lares eram excelente ferramenta de ação entre fieis, haja vista o que já apontamos em capítulo anterior sobre as reuniões na residência do Reverendo Epaminondas.

O objetivo comum a esses trabalhos é o aumento do número de pessoas alcançadas pela pregação do Evangelho e o consequente crescimento da igreja. E assim foi com o futuro pastor Evaristo:

“Numa atitude ousada, aluguei um salão onde funcionara um centro de umbanda, e o pai-de-santo dali veio a converter-se dias depois. Esse foi um grande milagre, inesquecível, pois causou grande impacto em toda a comunidade.”

A grande Cruzada de Evangelização e Milagres, iniciada no Cambuci, frutificou, expandiu e se reproduziu por toda a cidade e, depois alcançaria o Brasil inteiro, como vemos seus protagonistas confirmando.

A seguir, outra entrevista dá conta do mesmo modelo operacional do ministério como elemento distintivo na segunda onda pentecostal.

Élio Ribeiro de Oliveira Barros

O depoimento de Élio Ribeiro começa da seguinte maneira:

“Em novembro de 1961 fui elevado ao Diaconato. Pela necessidade da obra fui consagrado a Presbítero em janeiro de 1964. Crescendo minhas atividades no ministério fui consagrado Pastor em fevereiro de 1980. Por derradeiro, em março de 1997, quase 40 anos após minha conversão, atingi o mais elevado grau da hierarquia na Igreja, sendo consagrado a Bispo.”

A carreira de sucesso, por assim, dizer, do Bispo Élio e o modo como descreve sua ascensão na hierarquia da igreja é o típico comportamento de uma pessoa que absorveu os traços distintivos do pentecostalismo de segunda onda. É preciso constar dos quadros da denominação, galgar novos postos e fazer o número de membros e de igrejas aumentar. Esses são os sinais visíveis da presença e bênção de Deus sobre a pessoa e o trabalho ou obra que faz.

O bispo Élio estudava a noite, como conta, e durante o dia auxiliava nas rotinas do “escritório da Cruzada Brasileira de Evangelização, que posteriormente foi sucedida pela criação da ICPBB”. Tanto o escritório da Cruzada quanto a sede da ICPBB ficavam na rua da Glória, 111, São Paulo.

O apelo popular para que a igreja tivesse sua frequência aumentada era feito pelo programa de rádio “Cristo, a esperança do Mundo, veiculado na antiga rádio América. O escritório da ICPBB também recebia muitos visitantes ouvintes que eram atraídos pelos programas. As atividades do escritório da Cruzada se deram “de outubro de 1958 até janeiro de 1961, quando foi extinto o escritório”. Então, juntamente com o pastor Epaminondas, a missionária Ada e mais vinte irmãos, além do próprio Élio, foi fundada a ICPBB, ocorrência da qual ele conta ter sido uma honra participar.

A sua participação não passou em branco no relato que nos concedeu.

“Desde a fundação em outubro de 1958, até outubro de 1965, ocupei a função de Segundo Secretário Nacional. Fui secretário das unidades da ICPBB do Pari, no período de novembro de 1961 até maio de 1968, e da ICPBB da Vila Guilherme, de fevereiro de 1969 até fevereiro de 1989. Fui presidente nacional da ICPBB, no período de fevereiro de 1989 até fevereiro de 1993. Assumi, como professor, a extensão da ESTPV, em Vila Guilherme, lecionando por quase seis anos. Assim, no período de abril de 2004 até fevereiro de 2010, ministrei as dezenove matérias do Curso de Aperfeiçoamento Pastoral.”

O detalhamento das atividades demonstra o apego ao serviço, como um currículo é para um profissional quando apresenta suas qualificações para uma vaga.

E ele não parou aqui. O curso no qual ministrou “as dezenove matérias”, insiste, “demandou seis anos [e] graduou vinte e seis seminaristas”. Na parte administrativa, ele teve mais participações que julgou pertinentes serem indicadas para a pesquisa:

“Desde a criação do Conselho de Pastores, que depois foi substituído pelo Conselho Deliberativo, até a presente data, participei como membro ativo. Em todos os trabalhos de aperfeiçoamentos estatutários ou regimentais, exerci a função de relator, isso desde abril de 1985 até abril de 2007. Por úl-

timos, assumi o pastorado da ICPBB em Vila Guilherme. Fui empossado em 17 de maio de 2009.”

O Ministério nesta denominação fruto da segunda onda pentecostal não é, no entanto, uma profissão. Ele é concebido e encarado como uma vocação que pressupõe compromisso, disposição e, acima de tudo, uma visão clara do trabalho que se vai realizar. Embora denominações de ondas mais recentes tenham encarado o ministério de maneira diferentes, este não foi o caso no período classificado e estudado nesta pesquisa. Isso é o que se deduz dessas ricas entrevistas.

Esse trabalho ministerial, em muitos casos, não se restringe apenas às atividades pastorais, mas envolvem também o milagre das gestões mais abrangentes de uma igreja, como o exemplo do Bispo Élio Ribeiro de Oliveira Barros em sua gloriosa carreira de gestor conforme ele próprio fez questão de registrar.

Geraldo Casemiro Pereira

Neste depoimento, encontramos a junção de duas categorias numa só declaração. “Logo após ser batizado no Espírito Santo, eu fui convocado para o trabalho na obra do Senhor”. Na sequência, o bispo Geraldo revela ter sido instruído pelo próprio pastor Epaminondas “sobre como ministrar a Palavra do Senhor”. Como advertimos há pouco, os cursos preparatórios de teologia não estavam em evidência naquela época e pessoas que se destacavam pelo serviço no ministério eram aproveitadas e instruídas por seus superiores.

Como Geraldo Casemiro tivesse “pouca leitura”, pois sua escolaridade foi até o segundo ano do antigo primário (hoje terceiro ano do curso Fundamental) a instrução a que se refere, dada pelo presidente da Igreja, dava conta que deveria começar as “ministrações falando do amor de Deus, usando como texto base João 3.16”. O próprio pastor escreveu o texto “em letras de forma”, a única maneira que “consegua ler e entender”.

“Meses depois, o pastor Epaminondas alugou uma sala comercial no centro de São Paulo, no Bairro da Glória, na Rua da Glória, 111, 2º andar, e me convidou para participar do curso de discipulado, todas as quartas das 20 às 22h. Aproximadamente um ano após o discipulado e, numa crescente vida de oração e dedicação à obra do Senhor, o pastor Epaminondas me escolheu para dirigir um salão recém-inaugurado na rua Ibuti, nº 6, no bairro de Cidade Leonor.”

Na ocasião, Geraldo Cassemiro era diácono, mas nove anos depois desses fatos ele foi “separado a presbítero e, finalmente, ao pastorado em 1968”.

“Eu fiz um trabalho que marcou a igreja, uma campanha denominada ‘Os trezentos de Gideão’. A igreja se mobilizou, o Senhor honrou e o resultado foi, naquele ano, 298 almas se renderam aos pés do Senhor Jesus. Passou o tempo e conclamamos a igreja para uma nova campanha, a busca do batismo no Espírito Santo; a colheita foi maravilhosa, pois em um ano foram batizados 128 irmãos no Espírito Santo.”

O ministério desejado é o ministério que cresce. Se não há crescimento, é porque o serviço não é confirmado pelo Espírito Santo, não tem a aprovação de Deus. O sinal exterior, o indício de que as coisas estão bem é o aumento do número de membros, a diversificação das atuações e a ampliação da obra do ministério. Esses sinais aparecem no depoimento, quando diz que em 1971 ele ajudou a inaugurar as igrejas de Vila Campestre, Vila do Encontro (hoje Vila Fachini). Em 1974, assumiu a direção da igreja em Vila Ema (atual Vila Diva). Daí, propôs aos membros erguerem um templo próprio, mas isso só depois da intervenção sobrenatural de Deus:

“Deus falou ao meu coração para vender a minha casa em São Bernardo do Campo e investir todos os recursos na construção do templo. Fui com a minha família morar de aluguel no bairro de Vila Ema. Faltava a cobertura, o telhado [para concluir a obra da igreja]. Outra vez ouvi a voz do Senhor, que me orientou a respeito da cobertura do templo. Sem titubear, vendi o meu automóvel e empreguei todo o valor na obra. Eu congrego nesta igreja até hoje.”

A lição a ser ensinada nos gestos de desapego é que realmente há uma ligação direta entre o elemento humano e o Deus da obra. Ninguém abra mão dos bens que todo brasileiro almeja, casa e carro, se Deus “não for com ele”, se o Espírito Santo, de fato, não estiver à frente das decisões e ações empreendidas na execução da obra do ministério.

Quando era o dirigente da igreja em Vila Diva, o pastor Geraldo ainda inaugurou “as igrejas de São Bernardo do Campo e São Carlos”. Foi convidado por Daniel Evaristo a cooperar na construção da Igreja Pentecostal da Bíblia em Ibipeba, na Bahia.

“Em 15 dias erguemos e cobrimos o templo. No total, construí 18 templos evangélicos e um acampamento na cidade de Rio Bonito-SP, pertencente à Igreja Pentecostal da Bíblia do bairro do Jabaquara-SP. Mas o maior legado são as inúmeras almas que ganhei durante a minha trajetória ministerial, as inúmeras pessoas que tiveram as suas vidas curadas e transformadas

pelo poder do Senhor Jesus, na operação do Espírito Santo, durante o meu ministério na pregação do evangelho.”

O relato de abnegação e vida dedicada do Pr. Geraldo Cassemiro demonstra os sacrifícios realizados pela tripulação desse pequeno barco na imensidão do que é o movimento pentecostal da segunda onda. Cada personagem entrevistada no decorrer da execução desta pesquisa revela um pouco do caráter de renúncia e entrega, uma contribuição pessoal para a construção do coletivo.

Izael Mariano

Izael Mariano, como já vimos, era um policial quando se converteu. Depois de cumprir a escala no Departamento de Polícia, ele seguia a noite para a Igreja, na tenda em Indianópolis, depois mudou-se para o bairro do Ipiranga. Izael nos informou que à época, Epaminondas, “na qualidade de missionário e evangelista”, queria apenas “fazer o trabalho de evangelização nas igrejas”, sem tornar-se líder de uma denominação constituída. Essa inclinação remonta, certamente, ao período quando o pentecostalismo era tratado como movimento, ainda nas primeiras décadas do século XX.

Mas a proposta inicial do missionário Epaminondas fugiu ao seu controle, pois uma vez que a tenda era transferida para outra região na capital paulista, os vizinhos que haviam sido alcançados pelo trabalho de evangelização formavam uma igreja local, uma Igreja Pentecostal da Bíblia. Daí o campo para o trabalho, isto é, o ministério, foi criado, proporcionando as condições para que vários oficiais, dentre eles o próprio Izael pudesse servir:

“Em virtude das muitas viagens do reverendo Epaminondas, eu fiquei como diácono na igreja do Jabaquara. Em seguida comecei uma congregação no Bosque da Saúde, pois era muito difícil para os que residiam naquele bairro ir para o Jabaquara, por causa do transporte precário. Eu, também, fui encarregado de pregar nas praças, e muitos vieram a aceitar a Jesus como Salvador nessas reuniões.”

Embora Geraldo Cassemiro tivesse “pouca leitura”, isso na década de 1950, o conhecimento teológico ou bíblico não era um requinte, por assim dizer, como foi relatado anteriormente, porém Izael demonstrou sua preocupação com a formação teológica e fala do zelo da denominação e o critério em relação ao preparo dos oficiais.

“Como para ser ordenado a pastor era preciso ter o crivo do aprendizado bíblico, eu estudei teologia por um longo tempo. Depois eu criei o Seminário Teológico, para treinar os obreiros, pois isso evitaria situações desagradáveis, tanto para a igreja como para os pastores. Formados, eles poderiam ajudar de uma forma mais ativa na condução das atividades eclesiais, entre outras razões. Dessa forma, seria mais fácil conduzir o rebanho nos caminhos do Senhor.”

Então, dentro da terceira categoria, a do ministério, encontramos um aparato criado para preparar as pessoas da igreja visando a prestação do serviço, visando a prática do próprio ministério. Penso que não seria um exagero afirmar que a igreja entrou na era da especialização (em relação a primeira onda), quando o estudo é oferecido para que seus pregadores, evangelistas, pastores e afins possam qualificar-se ainda mais para servir melhor. Servir melhor, entre outros benefícios, significa consolidar o serviço ministerial, desde a conversão de novas pessoas até o fortalecimento daquelas que já pertencem ao rebanho.

João Lírio Navas

“Após o meu batismo eu me dediquei muito, me envolvendo de forma efetiva nas atividades da igreja, na mocidade. Talvez por causa dessa dedicação, eu acabei atraindo a atenção do fundador do nosso ministério, o reverendo Epaminondas e, depois de um ano de convertido, passou a me convidar para dar aula para adolescentes na Escola Bíblica Dominical. Por meu desprendimento, no início de 1967, na Convenção Nacional (sendo que a primeira Convenção tinha sido em 1959), o Rev. Epaminondas me indicou como obreiro.”

Uníssono, os obreiros que atuaram no período da segunda onda do pentecostalismo valorizavam firmemente o serviço, o trabalho como obreiros, cooperadores, oficiais, enfim, qualquer atividade que o distinga entre os demais irmãos da igreja e marque suas vidas como uma vida dedicada ao serviço do ministério.

Em julho de 1967 João Lírio se casou e depois disso foi indicado para servir como diácono. Nessa função, ele trabalhou por três anos, sendo indicado para ser presbítero. Já em 1975 subia mais um degrau, passando a pastor auxiliar.

Quando deu a entrevista para esta pesquisa, era pastor havia 45 anos na igreja do Jabaquara, onde sempre esteve. Lá ele desenvolveu “múltiplos trabalhos”, desde que era aspirante até os nossos dias, quando já era graduado. A sua atuação na área da evangelização também foi recordação que fez na entrevista, destacando que “todas com excelentes resultados na transformação de vidas”.

“Foram muitos criminosos que se renderam aos pés do Senhor e foram regenerados, alguns até mesmo se tornaram oficiais da igreja. Mulheres que viviam na prostituição e hoje são exemplares donas de casa.”

João Lamin

Difícilmente um obreiro que almeja ser pastor ou ocupar um cargo de liderança poderá ter esperanças se não andar com aqueles que estão no ministério, como também não poderá imaginar que sem o conhecimento da Bíblia ele chegará tão longe quanto almeja. Por isso, muitos dos entrevistados fizeram questão de confirmar que frequentaram as classes de estudo da Bíblia, como vemos:

“Após a minha conversão eu me integrei às atividades da igreja. Ávido por aprender a Bíblia frequentei as classes de Escola Bíblica Dominical, da classe de novos convertidos, passando pela classe de adolescentes, até a de jovens e adultos. Fiz estudos e pesquisas por conta própria e, por causa dessa dedicação, fui chamado para começar a dar aulas. Mais adiante fui conduzido à liderança dos jovens, e também comecei a cooperar com a juventude em nível nacional.”

Observe que o próprio entrevistado faz a associação entre estudar (nas classes ou como autodidata) e que isso o levou a dar aulas (“por causa dessa dedicação”), o levou ao exercício do ministério.

João Lamin casou-se e manteve o serviço “nos cultos nos lares, nas visitas a hospitais, começando assim a [sua] carreira ministerial.”

“Eu comecei a cooperar na igreja como obreiro, depois atuei como diácono durante quatro anos, nove anos como presbítero e depois iniciei o pastorado. Fui eleito presidente e consagrado a bispo. Fui, durante nove anos, vice dirigente do pastor Israel Mariano, em Diadema, e depois fui para São Bernardo do Campo, no Jardim Beatriz, onde fiquei mais nove anos, sendo esta a primeira igreja que dirigi como pastor. Antes de São Bernardo eu fui convidado a fazer parte da diretoria nacional, em duas gestões, já na década de 1990 quando assumi a direção da Igreja Pentecostal da Bíblia no bairro da Mooca, em São Paulo.”

Esse depoimento revela a satisfação pelos diversos serviços prestados, em funções variadas, sempre galgando a escala hierárquica e ao longo dos anos ininterruptamente. É um exemplo do que ele mesmo chamou de “carreira ministerial”, pois é assim que o serviço ao próximo foi visto pelos pentecostais da segunda onda.

A seguir, temos o depoimento de Natalino de Jesus Bisigati.

Natalino de Jesus Bisigati

Bispo Natalino e sua esposa Cleide construíram uma vida ministerial sólida e conjunta, pois foram muito próximos, inclusive nas atividades da igreja. “O fogo do evangelho ardia tanto em nossos corações que, o culto semanal em nossa casa já não era suficiente para preencher a sede de Deus que havia tomado conta de nossas vidas”. Como não havia ICPBB na região onde moravam, Arujá, na Grande São Paulo, tinham que se deslocar até a igreja da Mooca, que na época era dirigida pelo pastor Dirceu.

Mas um dia ele resolveu que Arujá precisava ter sua própria sede da igreja. Ele trabalhou para isso e em 1980 a igreja foi inaugurada em sua cidade

“O começo do trabalho não foi fácil! A igreja, que havia começado na sala da nossa casa, cresceu e precisou de um ambiente maior. Um primeiro salão foi alugado e, logo em seguida, com a doação de um terreno, começamos a construção do primeiro templo em Arujá. O terreno, com uma edícula nos fundos, seria usado na construção do futuro templo. Sempre no segundo sábado de cada mês era realizado o culto de Santa Ceia na pequena igreja. Era o começo de tudo, inclusive do nosso ministério.”

“O nosso ministério” indica a categoria em questão, como também a relação de proximidade e cumplicidade com sua esposa Cleide na atuação do casal nos serviços da igreja na sua região. Mais do que isso, na própria casa do casal, até que o salão fosse alugado, e posteriormente a sede própria fosse construída. A dedicação de fato era tamanha que ele declara ter usado a “penteadeira da Cleide como mesa na Ceia”.

“Esta era desmontada na sua parte superior e colocada sobre os meus ombros no percurso de cerca de trezentos metros de distância entre o templo e a nossa casa. Estes momentos não são esquecidos, pois no trajeto vinha à minha cabeça o que pensavam as pessoas que presenciavam esta cena mensal de um homem com uma penteadeira nos ombros? Alguns podiam pensar que eu era louco, outros podiam dizer: “Este negócio não tem como dar certo, ainda mais com uma penteadeira!”. Quem vê hoje um templo construído, também nunca esquece que aquela igreja começou um dia com a vontade de trabalhar de alguns! Cleide emprestava a penteadeira, eu a carregava, e a obra teve início.”

A convicção de que todo e qualquer esforço será recompensado e frutificará, porque o Espírito Santo está observando e dará o pagamento pelo que for feito é uma convicção comum entre as pessoas de fé pentecostal, talvez um dos dispositivos que empurram as igrejas desse

grupo para o crescimento observado nos últimos CENSOS do IBGE. Na próxima declaração do bispo Natalino, notamos como ele próprio faz essa associação com o crescimento havido ao longo dos anos.

“Os anos se passaram e obra continuou crescendo; o primeiro templo já não comportava a quantidade de membros, e, assim, um novo lugar foi comprado e foi construído em um local mais amplo. Várias congregações nasceram nos bairros de Arujá, por meio do trabalho de evangelização da igreja-mãe [que era a sua igreja]. Era Deus dizendo: “Estou aprovando o seu trabalho”. Deus sabe como honrar os seus servos fiéis. Nas Sagradas Escrituras temos a história de Noé, que começou a sua arca com um tronco de madeira. Nós começamos a obra que Deus nos deu a fazer com uma penteadeira nos ombros.”

O ministério conta com a mão de Deus à frente, recompensando, autenticando e providenciando os recursos necessários quando há empenho humano envolvido. E a recompensa não se observa somente no crescimento da obra, isto é, recompensa coletiva, mas, e especialmente, individualmente, para aqueles que aplicam o coração e a força para trabalharem, como vemos em suas palavras:

“Em abril de 2005, o homem que usava a penteadeira de sua esposa para celebrar a Ceia do Senhor foi eleito pela Convenção presidente nacional das Igrejas Cristãs Pentecostal da Bíblia do Brasil. Tudo que passamos, eu e a Cleide, todo trabalho, o desgaste e o tempo gasto, valeu a pena! Faríamos tudo de novo!”

Ronaldo Monteiro

O trabalho desenvolvido pelo bispo Ronaldo Monteiro começou no campo da evangelização, com as primeiras campanhas, seguidas de visitas a extinta FEBEM (hoje Fundação CASA), onde realizavam cultos com as crianças e adolescentes.

Em termos de cargos na igreja do bairro do Pari, ele foi “obreiro, diácono e presbítero, atuando por 15 anos.

“Alguns anos se passaram e eu fui separado para obreiro, e minhas responsabilidades começaram a crescer dentro da igreja. Trabalhando sem olhar para as dificuldades, já fazia parte das comissões de livro ata nas reuniões ministeriais, convenções que, na época, aconteciam na ICPBB de Jabaquara.”

O bispo Ronaldo não se confinou em uma só igreja de bairro, mas teve experiência trabalhando em várias frentes. Além de sua participação na composição de atas nas reuniões ministeriais (vide parágrafo anterior), seu ministério pastoral foi exercido nas igrejas do Pari e de Vila Guilherme (quando era dirigida pelo bispo Nelson Ribeiro). Nesta última, dirigiu os grupos da mocidade e do louvor. Mais tarde, assumiu a tesouraria e as finanças daquela Igreja.

“Colaborei também com a UMPB, a União de Mocidades da Pentecostal da Bíblia, com o saudoso pastor Davi. No mês de março de 1996, já consagrado a presbítero, tomei posse como dirigente da ICPBB de Vila Guilherme, tendo como auxiliar o pastor Élio Ribeiro. A igreja estava passando por uma fase de ajustes, tinha poucos membros e era necessário experimentar uma renovação em todos os sentidos.”

A marca já apontada anteriormente, de que o crescimento numérico é desejável como simbólico da bênção de Deus também está presente no relato do bispo Ronaldo:

“No período de um ano, a igreja passou de trinta membros para uma frequência média de duzentos membros. O crescimento foi fruto de um trabalho sério e com responsabilidade. A igreja cresceu e precisava de um local maior para congregar. Eu orei e recebi uma confirmação da parte de Deus para alugar o prédio de uma antiga indústria metalúrgica, com o telhado e o piso destruídos, um lugar que aos olhos humanos não tinha condições de abrigar uma igreja, mas Deus estava no controle de todas as coisas.”

Neste último parágrafo é possível observar a semelhança com porções da fala do bispo Natalino, anterior ao presente entrevistado. Até mesmo a necessidade de muda a igreja de endereço quando o povo já não pode ser comportado nela, como vemos:

“No ano de 2000, a ICPBB de Vila Guilherme se muda para o seu novo endereço. O lugar outrora destruído foi totalmente reformado e estava com outro aspecto. Logo a igreja cresceu e precisou ampliar mais uma vez a sua capacidade para um público de 700 pessoas. Neste local aconteceram muitas bênçãos, ali foram formadas famílias, jovens que chegaram como bebês cresceram e formaram as suas próprias famílias, eu apresentei os filhos de muitos daqueles jovens. Ali também Deus levantou presbíteros e pastores que hoje dirigem igrejas.”

Ao dizer que “Deus levantou presbíteros e pastores que hoje dirigem igrejas”, na verdade ele está dizendo que o seu ministério não pode ser medido somente por aquilo que se vê ao seu redor, porque seus braços alcançam mais longe do que isso. É preciso sair caminhando mundo afora para medir a extensão dos frutos do serviço que prestou, porque ele gerou igrejas, obreiros (ou ministros), que por sua vez fizeram novos discípulos e isso não tem mais fim.

E então, vem, à semelhança do bispo Natalino, a recompensa pessoal, individual, completando a bênção coletiva da multiplicação numérica (de pessoas e prédios):

“Logo eu fui convidado para participar da Diretoria Nacional, pelo então pastor Dirceu Batista, compondo a chapa como segundo tesoureiro, que foi eleita para administrar o ministério. Numa segunda fase do meu ministério, eu fui convidado pelo bispo João Lamim para compor a chapa como segundo vice-presidente. Com o passar dos anos, fui convidado novamente para compor uma chapa na diretoria nacional com o bispo Natalino. Então, fui ordenado bispo no dia 4 de fevereiro de 2001 e assumi o cargo de primeiro Vice-presidente Nacional da ICPBB. Fui constituído Superintendente da Regional Litorânea, lá eu iniciei um trabalho de evangelização, criamos onze novas congregações, que hoje estão dando frutos para glória do Senhor Jesus.”

Esse testemunho demonstra os êxitos que teve ao longo dos anos ao lado dos principais nomes da igreja e em funções ou cargos de boa visibilidade. Até que finalmente vem a coroação de uma vida dedicada ao ministério, com a devida associação ao que diz o texto bíblico: “Diz a Bíblia, em Eclesiastes 3.1 que tudo tem um tempo determinado. No ano de 2010, fui eleito à Presidência do ministério. Montei uma equipe de trabalho para revolucionar em todas as áreas da igreja”.

Como estivesse numa posição chave e que proporcionasse empreender atividades mais ousadas, se podemos usar essa expressão, o bispo Ronaldo conseguiu criar o que chamou de “outra atividade”, que teve, aos seus olhos, ligação com a chamada “missões”, que é o anúncio do Evangelho a povos que não conhecem a sua mensagem.

“E além da direção geral do ministério, criei outra atividade: organizar viagens de peregrinação para Israel. O foco do meu mandato tem sido missões, a propagação do Evangelho do Senhor Jesus a todos os povos, desejo que sempre existiu em meu coração. As minhas experiências com viagens para o exterior fizeram aflorar ainda mais no meu coração a necessidade de evangelizar o mundo, levando um evangelho sadio e sem engano.”

Finalmente, ele conclui essa parte de sua entrevista atribuindo tudo a Deus e ao serviço prestado a esse Deus, como a atividade e a missão por excelência, tarefa para a qual ele admite ter sido chamado, vocacionado e conseguido realizar porque, afinal, o Espírito Santo esteve com ele.

“Eu acredito que o primeiro chamado na em minha vida foi para andar com Deus, e isso é o diferencial em minha vida. Eu sei que estou a serviço de Deus e não de homens, e quem serve a Deus não busca projeções pessoais. Cuidar do rebanho do Senhor é algo mais importante do que tudo.”

Entre os entrevistados encontramos fiéis de extratos sociais diferentes, níveis culturais e profissionais tão desiguais que é difícil compreender como o movimento pentecostal conseguiu avançar tanto entre pessoas tão diferentes. Porém, se existe algo que nivela a todos é o comprometimento e a dedicação à causa pentecostal. Inspirados em Atos 2.4, buscam com ardor o dom de línguas (“E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem”), acreditando piamente que a promessa feita em Atos 1.5,8 ainda não cessou, e esse poder que vem do alto é que os habilita para a obra na terra.

“Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias (Atos 1:5). Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e sereis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra. (Atos 1:8)”

O fenômeno carismático pode ser traduzido como sinônimo de trabalho, de serviço ministerial. Essa é uma característica do movimento pentecostal, especialmente na segunda onda. Isso ocorre em função da interpretação doutrinária que é feita do batismo com o Espírito Santo. Sabemos isso porque assim é dito no site oficial da maior denominação entre as igrejas da segunda onda pentecostal no Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular:

“O batismo com o Espírito Santo – Acreditamos que o batismo com o Espírito Santo dá autoridade aos cristãos para exaltarem a Jesus, para viverem uma vida de santidade e para serem testemunhas da salvação pela graça de Deus. cremos que ainda hoje a atuação do Espírito Santo ocorre da mesma maneira que ocorria sobre os cristãos da igreja primitiva (Atos 1:5,8; 2:4). (IEQ)”⁵²

O pentecostalismo atribui à experiência com o Espírito Santo a motivação contínua para a vida ministerial, sendo, portanto, necessária uma renovação constante no que chamam de “andar no Espírito” (Gálatas 5:16), ser guiados pelo Espírito (Gálatas 5:18), produzir o fruto do Espírito (Gálatas 5:22), e por fim “viver no Espírito” (Gálatas 5:25).

“Uma vida cheia do Espírito - Acreditamos que é da vontade de Deus que os cristãos andem em Espírito constantemente, servindo ao Senhor e viven-

⁵² <http://www.portaligrejaquadrangular.com.br/portal/quadrangular-noquecremos.asp>

do uma vida de paciência, de amor, de verdade, de sinceridade e de oração. (Efésios 4:30-32; Gálatas 5:16,25)”⁵³

4ª Categoria: Os fenômenos sobrenaturais

Outra característica distintiva da segunda onda pentecostal são os fenômenos relacionados a cura divina. Se a primeira onda se caracterizou pela glossolalia, a segunda onda, embora não descartasse a prática do falar em línguas estranhas, é pautada pelos milagres de cura do corpo e o exorcismo, a cura da alma.

No caso desses fenômenos sobrenaturais, acreditamos ser concebível e compreensível que, em algum período da vida, os homens, pentecostais ou não, terão contato com um dos mais temidos reveses da experiência humana: a doença. E tal fato incidente em todas classes sociais e implicam, em muitos casos, a recorrência ao expediente da cura divina.

Não podemos nos esquecer que a cura divina, idealizada em seu sentido mais amplo, já fazia parte dos ritos e dos mitos em cultos indígenas, africanos e do catolicismo popular como encontramos no Brasil anteriormente à chegada do pentecostalismo entre as duas primeiras décadas do século XX. Podemos acrescentar, ainda, a esse quadro, o método da “benção”, largamente difundida na religiosidade popular.

Remetemos este fato a quaisquer influências supra empíricas, sobrenaturais, num dado estado de inquietação da saúde psicofísica, tenha ela causas espirituais ou não, e, como ponto fundamental, seja conferida ao Deus do cristianismo a alteração, a melhora qualitativa do estado morbo anterior, e, talvez, a cura da doença.

Admite-se que apenas com o pentecostalismo realmente a cura divina ergueu-se a um ponto superior dentro da pregação do Evangelho nas igrejas. E no âmbito ritualístico, vemos isso acontecer principalmente em sua prática cültica, que abrange “orações fortes” pelos enfermos e cursos ou campanhas de oração por cura. Alan Myatt sustenta essa afirmação:

“O segundo grupo seriam os pentecostais de ‘cura divina’, e os principais representantes deste movimento no Brasil foram: a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), O Brasil Para Cristo – a primeira a ser fundada por brasileiros (1955), Igreja de Nova Vida (1960), e, especialmente, a Igreja Deus É Amor (1962). Diferente dos pentecostais clássicos, além de enfatizarem as curas divinas, estes novos grupos passaram a praticar o exorcismo e a usar uma música mais popular (e com ritmos nacionais!) durante cultos informais.” (MYATT, 2005, p. 213)

⁵³ Ibidem

O site da Igreja do Evangelho Quadrangular destaca o que foi o movimento da segunda onda pentecostal no Brasil sob a liderança do missionário Harold Edwin Williams, um dos principais nomes do período das tendas:

“Nos anos de 1953 e 1954 liderou, juntamente com o missionário Raymond Boatright, um dos maiores movimentos de avivamento que o Brasil já viu, denominado Cruzada Nacional de Evangelização, o qual se iniciou na cidade de São Paulo, espalhando-se depois por todo o território nacional. O movimento utilizava tendas para a realização de suas reuniões, dava ênfase à cura divina e difundia o lema ‘Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente.’” (1IEQ).

A seguir, alguns relatos de legítimos representantes do movimento da segunda onda pentecostal no Brasil, com o corte devido na entrevista fornecida, a fim de que possamos observar o elemento distintivo da cura divina presente na construção da narrativa histórica da ICPBB, conforme o DSC.

Carlos Minozzi

A declaração fornecida pelo bispo Carlos Minozzi reuniu diversas lembranças seguidas de cura, as quais ele contou uma após a outra, e aqui nós separamos para facilitar a sua identificação no longo texto.

“Cura 1. Por volta do ano de 1964 minha esposa vinha sofrendo como uma hemorragia por cinco anos e os médicos não conseguiam êxito nas mais diversas tentativas de tratamento. E após eu orar insistentemente, ela foi milagrosamente curada!

Cura 2. Minha cunhada Vilma estava desenganada pelos médicos do Hospital Santa Cecília, em São Paulo, e os mesmos já haviam comunicado a família para se prepararem para o pior, pois ela morreria nos próximos dias. Eu fui até aquela UTI e orei pela Vilma, e o nosso Rei e Senhor Jesus Cristo resolveu entrar com a sua mão forte. E para surpresa dos médicos, a cura aconteceu! Para a glória de Deus, a Vilma viveu mais 28 anos cheia de saúde.

Cura 3. Num culto em Vila Santa Clara, em meados da década de 80, eu estava no púlpito e, de repente, Deus tomou a igreja em uma adoração extraordinária, e um dos nossos músicos (Eliseu) estava com o seu filho no colo. Aquele menino tinha uma doença rara e incurável. Eu desci do púlpito em meio àquela atmosfera tremenda de adoração que inundou a igreja, me aproximei do Eliseu e disse: ‘Me dá o menino’! Peguei-o no colo, convoquei a igreja para um clamor e Deus operou o milagre na hora! Este menino hoje já é um pai de família!

Cura 4. A filha criança do pastor Demétrio subiu num tanque que havia nos fundos da igreja para beber água, e com o peso da menina o tanque de cimento soltou-se, e caiu sobre ela, esmagou o seu crânio. Foi um desespero

terrível. Só nos restava clamar a Deus naquele momento. E foi o que fizemos: oramos ao Senhor! E o crânio, visivelmente amassado, foi gradativamente voltando ao normal, ali na nossa frente! Essa menina está casada, tem filhos e está servindo ao Senhor em uma de nossas igrejas!

Cura 5. Meu filho Bruno, quando criança, deveria de ter 3 para 4 anos de idade, ingeriu um produto químico para limpeza que havia na lavanderia de nossa casa. Quando percebi o fato não hesitei: peguei-o no colo e clamei ao Senhor. Quando terminei de orar, naquele mesmo instante, o Bruno começou a vomitar todo o produto. O líquido parecia estar exatamente do mesmo jeito, com a mesma cor, densidade e cheiro do restante que estava no vasilhame, como se tivesse sido derramado direto da garrafa no chão! Ele ficou tão bem que nem precisamos levá-lo ao médico! Deus retirou todo o líquido e não permitiu que causasse nenhum dano nos órgãos internos do meu Bruno!”

A carreira com que o bispo Carlos Minozzi dispara a contar casos e mais casos de cura divina, as mais diversas, é um marco na identificação da segunda categoria mapeada em nossa pesquisa, testemunhando que a igreja da segunda onda pentecostal não somente crê, mas valoriza grandemente esse aspecto de seu sistema de fé. Como alívio da dor humana, a cura divina pode ser associada a um serviço social efetivo, prestado por Deus, que usa os ministros para a consecução de sua vontade na terra.

Levar ao hospital, ser consultado por um médico, nada disso teria maior efeito do que a oração a Deus pela cura. Aliás, é o que o relato aponta a certa altura na Cura 2: “Minha cunhada Vilma estava desenganada pelos médicos do Hospital Santa Cecilia, em São Paulo, e os mesmos já haviam comunicado a família para se prepararem para o pior, pois ela morreria nos próximos dias”. Ou então, na Cura 5: “Ele ficou tão bem que nem precisamos levá-lo ao médico! Deus retirou todo o líquido e não permitiu que causasse nenhum dano nos órgãos internos do meu Bruno!”. Note, ainda, o modo desdenhoso com que se refere a unidade de Tratamento Intensivo: “Eu fui até aquela UTI e orei...”. A oração e o Deus ao qual dirigem a oração estão acima de todo e qualquer recurso humano falível.

Daniel Evaristo

Daniel Evaristo responde à pergunta sobre a realidade da cura divina entre os pentecostais enfatizando que elas tiveram um papel fundamental “no fortalecimento” de sua fé. Portanto, a cura divina constitui-se em outro elemento indicativo da presença, mas também da ação desse Deus entre aquele povo específico. Ele conta:

“Alguns acontecimentos sobrenaturais fortaleceram a minha conversão na nova vida pentecostal. Eu vou citar apenas dois casos, mas que foram fun-

damentais no fortalecimento da minha fé. Um foi o caso de uma senhora, cujo nome é Paula Martins Galvão. Antes de se converter ela era muito católica e sofria de um sério problema cardíaco, a ponto de receber acompanhamento médico em sua casa, com balão de oxigênio e tudo mais. Certo dia, ao saber dos cultos que eram realizados na Tenda a poucos metros de sua casa, resolveu visitar o local; camuflou a sua cama com travesseiros e o cobertor, e deixou o balão de oxigênio ligado, de tal maneira que quem chegasse à porta do quarto perceberia que ela estava dormindo. Enquanto isso, lá na Tenda o Reverendo Epaminondas dirigia o culto naquela noite. Paula não conhecia ninguém lá, e mesmo sendo muito idólatra [por ser católica], Deus operou naquele dia um grande milagre, curando e convertendo aquela mulher, que dali em diante não precisou mais viver da maneira como vivia.”

É curioso o fato de Deus não ter feito acepção de pessoas quando houve necessidade de sua intervenção na vida entre os homens, embora muitas vezes essas “permissões” não sejam notadas no campo doutrinário. Protestantes, especialmente os pentecostais mais antigos, não costumam aliviar a carga de críticas contra as práticas católicas de usos de imagens em suas rotinas religiosas.

Vamos à segunda narrativa de cura feita por Daniel Evaristo.

“Depois disso, em outro culto, já no salão alugado no Jabaquara, superlotado, aconteceu um fato que também me levou a mergulhar de vez na obra do Senhor. Certa irmã profetizou e me disse que Deus me havia livrado e que tinha uma obra em minha vida. Enquanto ela falava essas e outras palavras, lembrava que, dias antes, no exercício da profissão, marginais jogaram facas contra as minhas costas, tentando matar-me, houve tentativa de linchamento e outros perigos enfrentados na profissão. Eu pensava: ‘Como Deus pode usar uma mulher para falar comigo?’. E então Deus, prontamente falou pela boca daquela irmã, respondendo a indagação que tinha feito em minha mente, dizendo que, se Ele usou uma jumenta para falar com Balaão, como não usaria aquela mulher? Esses milagres e, muitos outros mais, edificaram a minha fé e me ajudaram muito no início da carreira pentecostal.”

Élio Ribeiro de Oliveira Barros

Em 1989, quando era pastor da ICPBB, Élio Ribeiro reuniu um grupo de irmãos, colocou-os dentro de uma Perua Kombi e foi realizar uma vigília na cidade de Mairiporã, na Grande São Paulo, em um sítio de parentes seus. No dia seguinte, sua esposa Neli e ele foram almoçar na casa da filha, na zona Norte da cidade. Num trecho do percurso, o carro sofreu um forte tranco na parte traseira e precisou parar.

O carro foi guinchado para uma oficina mecânica e foi constatada a quebra de um parafuso no “facão”, parte da suspensão traseira. O mecânico disse que “nunca havia visto um parafuso daquele estourar”.

“Contando-lhe a viagem que fizemos a Mairiporã, ele foi taxativo, vocês devem dar muitas graças a Deus. Se esse parafuso estourasse quando vocês estivessem em velocidade, considerando o peso das oito pessoas, seria difícil segurar a Kombi na rodovia. Pior ainda seria se isso acontecesse na descida da Serra.”

Milagres de cura são intervenções divinas no mundo material, humano. Do mesmo modo (ou na mesma categoria) estão as intervenções que são chamadas “livramento”, que nada mais são do que socorros imprevistos contra perigos de morte, na maioria dos casos. Este foi um desses casos. Quando isso acontece, é invocada uma expressão que remeta ao Antigo Testamento, à experiência do patriarca Abraão, que diante da iminência da morte do filho Isaac, foi surpreendido por um anjo de Deus que apontou um cordeiro nas proximidades do local do altar, o qual substituiu o jovem, morrendo em seu lugar. Deus então apresentou-se como Deus da providência. É com essa imagem em mente que devemos ler a segunda parte do testemunho de Élio Ribeiro, que aponta o socorro de Deus em outra área da vida da igreja: a área financeira.

“No ano da minha posse como pastor da ICPBB de Vila Guilherme, em 2009, foi necessária uma reforma no Templo, mas que, para a execução dela não tínhamos recursos suficientes. Conforme orçamentos o custo da empreitada atingiria mais de R\$ 40.000,00. A Igreja começou a orar e a resposta veio em novembro de 2009, e em maio e junho de 2010. Nesses meses entraram três dízimos que totalizaram R\$ 47.300,00. A providência Divina se manifestou novamente.”

Geraldo Casseiro Pereira

A igreja em Cidade Leonor, na zona Leste de São Paulo, foi palco de curas ainda no início dos trabalhos, segundo relata o bispo Geraldo Casseiro. Quando estava abrindo as portas do salão onde funcionava a igreja no início, uma idosa desenganada pelos médicos, sofrendo uma doença nos pulmões, pede para sentar-se numa cadeira e pergunta onde ficava a “igrejinha” que seria aberta na região. Ela estava diante da própria igreja.

Quando contou ao pastor sobre sua doença ele não pensou duas vezes:

“Elevei os olhos aos céus, coloquei as mãos sobre a cabeça da senhora e pedi ao Senhor Jesus para curar aquela mulher ali mesmo, na calçada. Antes mesmo de concluir a oração, a senhora, de nome Isabel, expeliu uma grande quantidade de catarro e foi curada instantaneamente.”

Depois de três meses da cura da agora irmã Isabel, “e na direção do trabalho, sensível à voz do Espírito Santo senti em meu coração o desejo de realizar o meu primeiro culto ao ar livre, o primeiro de muitos que viriam”. Munido da aparelhagem de som, microfone, corneta e álbuns de música, o pastor Élio montou o seu altar no ponto final da linha de ônibus Cidade Leonor e começou a pregar.

De repente surgiu uma mulher gritando no meio dos ouvintes e dizendo que seu filho estava de cama, prestes a morrer. “Imediatamente disse à mulher que voltasse a sua casa, pois o seu filho estaria sentado na cozinha comendo algo”. Tamanha fê tinha paralelo com passagens dos Evangelhos, onde Jesus havia feito o mesmo com um líder militar, mandando-o de volta para casa, assim como o pastor Élio reproduzia agora em São Paulo.

Não muito depois da sua ordem, a mesma mulher voltou, “dessa vez gritando ainda mais alto. Ele, assustado, pestanejou e pensou que o menino tivesse morrido.

“Entretanto, a mulher diz a todos que o filho dela estava realmente curado, sentado à mesa na cozinha, comendo bolacha e tomando leite. A mulher, muito agradecida fala em alta voz: “Domingo que vem o culto é na minha casa”. Naquele dia, 25 almas se renderam aos pés do Senhor Jesus. Assim começou a Igreja Pentecostal da Bíblia de Cidade Leonor.”

Izrael Mariano

Assim como o testemunho de Élio Ribeiro, Izrael também contabilizou a Bênção na área financeira a uma intervenção milagrosa de Deus nas finanças da igreja. Quando quiseram criar uma Escola de Teologia, compraram um terreno e começaram a construir o prédio, mas a obra logo foi interrompida por falta de recursos. Estavam na cidade de Diadema.

A escola funcionava numa instalação rústica e certo dia um homem apareceu e pediu para assistir a uma aula.

“Quando terminou o estudo, às 21h30, ele perguntou quem era o pastor da igreja e quis saber se ele tinha documentação e o estatuto da igreja, sem dizer quem era. No dia seguinte eu mostrei todos os documentos para aquele homem, o regimento interno, o estatuto etc. Aquele homem me disse que, de todas as igrejas de Diadema que ele visitou aquela era a única que tinha toda a documentação em ordem. Depois disso, ele se identificou como um missionário de uma comunidade evangélica na Alemanha, acrescentando

que estava de férias na casa do filho. A comunidade o havia encarregado de levar uma oferta para uma igreja que praticasse filantropia.”

A oferta entregue pelo missionário visitante era suficientemente alta para dar seguimento na obra de construção do prédio da Escola Teológica. Depois disso, os irmãos da igreja na Alemanha ainda enviaram roupas e outras coisas que auxiliaram no ministério social da igreja em Diadema.

Lírio Navas

“Em 1978 eu já era pastor há três anos e, num retiro espiritual de jovens da igreja em Campo Limpo Paulista, Deus usou a missionária Ada em duas profecias, uma para o líder de jovens da época, Estevam Hernandez, e a outra profecia foi passada para a minha primeira esposa, em que dizia que iria usá-la no ministério de tempo integral. Naquela mesma noite eu preguei para os jovens.”

A profecia a qual o então pastor Lírio alude, durante a entrevista ele disse ter sido cumprida em 1º de julho do mesmo ano. O Rev. Epaminondas convidou Lírio para trabalhar no ministério em tempo integral e em janeiro do ano seguinte ele se mudou para o bairro do Jabaquara.

Como o Rev. Epaminondas veio a falecer em setembro, ficou decidido em reunião que teve a presença e participação da missionária Ada que o pastor titular daquela igreja seria o próprio Lírio. Pouco tempo depois de Lírio assumir a direção da igreja, o líder dos jovens, Estevam Hernandez, saiu da ICPBB para fundar a Igreja Renascer em Cristo logo depois.

Hoje, a Renascer, como tem sido chamada, é “uma das maiores denominações neopentecostais do Brasil, cumprindo a profecia que a Missionária Ada tinha proferido para ele [Estevam Hernandez]”.

Desse modo, vemos como os cristãos da segunda onda interpretam os acontecimentos cotidianos, dando a eles o valor metafísico que as manifestações carismáticas permitem a partir de suas experiências obtidas nas reuniões. Seja na intervenção para curar, seja na direção e bênção para começar um empreendimento eclesial/religioso, a mão de Deus conduz, dirige e favorece o corpo dos fiéis, a coletividade, sem descuidar do indivíduo que fez por merecer.

João Lamin

Do modo como separamos os diversos relatos fornecidos por Carlos Minozzi, faremos também com o depoimento apresentado por João Lamin, descrevendo uma série de curas divinas.

“Cura 1. Há mais de trinta anos a igreja ICPBB da Mooca realiza um culto de libertação todas as quartas. Anos atrás, um rapaz de Rondônia, que estava em São Paulo, tomou conhecimento desse culto. Ele entrou [na igreja] numa cadeira de rodas e saiu do culto andando normalmente. Naquela semana, o rapaz passou pelo médico do Hospital das Clínicas, que ficou impressionado. Após fazer alguns testes nas pernas do paciente e verificar que nada mais constava de errado, o rapaz voltou para a terra dele curado.

Cura 2. Uma criança, neto de uma irmã em Cristo, que havia caído na piscina de sua residência, foi levada pelos Bombeiros ao hospital, e dada como morta. Orei e ungi o menino com óleo sagrado. Passada uma semana, o neto daquela irmã saiu do coma.

Cura 3. Na escola onde sou professor, um aluno pediu que eu visitasse e orasse pela avó dele, que estava internada e toda entubada no Hospital da Consolação. A doença que a acometera estava em estágio avançado e ela não podia falar, embora estivesse consciente. Eu fui ao hospital e orei por ela. Dias depois, recebi a notícia de que a avó do menino tinha saído do Hospital e estava em casa bem de saúde.

Cura 4. Uma senhora precisava de quarenta pessoas para doar sangue, pois uma parenta dela estava desenganada [pelos médicos]. Perguntei se ela cria que Deus poderia fazer um milagre. A mesma respondeu que sim. Então a igreja orou por ela, por volta das 21h. Uma semana depois, ela voltou à igreja e pediu uma oportunidade para falar. Achei que ela pediria mais quarenta pessoas para doar sangue. No entanto, ela voltou lá para agradecer e disse que, exatamente às 21h do dia em que oramos os médicos deram alta para sua parenta sair do hospital porque ela não sentia mais nada. O milagre aconteceu.

Cura 5. O meu filho sofreu um grave acidente no ano de 2011, quando quebrou a sexta vértebra da cervical. Eu cuidei dele de julho a novembro daquele ano, e houve um grande milagre. Deus foi tão maravilhoso que encaminhou tudo, pois não tinha só trincado, mas sim, quebrado. Ele tem 24 anos agora, e quando foi se apresentar ao médico em novembro, este diagnosticou que ele ficaria numa cadeira de rodas para o resto da sua vida, mas, no dia 1º de dezembro, ele começou a trabalhar, andando normalmente.

Jesus é o mesmo, sempre curou e ainda cura. A verdadeira autoridade espiritual vem da Bíblia. Na Bíblia se encontra a verdade, e a minha vida é obedecer e viver a Palavra.”

Aqui encontramos o mesmo modelo de depoimento (testemunho) dado pelo entrevistado Carlos Minozzi. No entanto, quero chamar a atenção para um elemento novo entre suas palavras. Na cura 4, a mulher que entrou na igreja para pedir oração. A ele foi feita a pergunta sobre a sua fé, foi pedido uma declaração de que ela cria. “Perguntei se ela cria que Deus

poderia fazer um milagre. A mesma respondeu que sim. Então a igreja orou por ela...”. Note como é preciso reafirmar a crença e fazê-la declarar. Evidentemente que havendo cura, por qualquer que seja o meio, ela garantirá que se atribuirá a cura ao Deus adorado naquela igreja. Foi lá que ela declarou a sua fé, a sua crença.

Natalino Bisigati

O bispo Natalino contou que no ano 2006 ele pregou na igreja em Arujá. Sua referência bíblica foi o texto de Atos 3.6,7.⁵⁴ Na ocasião, “o Espírito Santo [...] deu ordem” e ele repetiu a pregação feita dois dias antes usando a mesma referência.

Ele queria buscar as pessoas em seus lugares e trazê-las à frente para receberem “a oração da fé”, mas como a igreja estava muito cheia, ele mudou a estratégia:

“[...] eu disse, então, que se alguém tinha uma necessidade e tinha fé para alcançar a bênção, naquele dia deveria fazer conforme o verso 455 do mesmo capítulo 3. Eu disse: você sairá do seu lugar e vira para frente. Porém, antes de vir para frente, você vai olhar para mim e depois virá.”

Estava presente à reunião “a arquiteta Elaine Barboza, ainda moradora e membro da ICPBB em Arujá, e a Katia, esposa do Jonas, que agora moram na cidade de Santa Isabel. A Katia tivera cinco abortos espontâneos e os médicos recomendaram não tentar outra gravidez”.

Do mesmo modo, Elaine também tentava várias vezes engravidar, mas sem sucesso. Ela estava disposta a pagar um procedimento mais custoso na tentativa de realizar o sonho da gravidez e já havia agendado com o gerente do banco para tratar do assunto. Quando foi feito o desafio para que as pessoas que necessitavam de uma intervenção divina fossem à frente, “A Elaine olhou para outra e disse: ‘Vamos fazer este propósito que o bispo está propondo? A outra disse: ‘Vamos’.” A oração foi feita pela causa de ambas, que foram à frente com outras pessoas.

“Para a glória e honra do Senhor, dez meses depois as duas estavam com suas filhas no colo. A Katia não abortou e o gerente do banco está esperando a Elaine até hoje. Hoje as meninas estão com mais ou menos 7 anos de

⁵⁴ Atos 3.6,7 tratam de um milagre realizado pelo apóstolo Pedro: “E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda. E, tomando-o pela mão direita, o levantou, e logo os seus pés e artelhos se firmaram”.

⁵⁵ No verso 4, Pedro dá uma ordem ao paralisado para que olhasse pra ele: “E Pedro, com João, fitando os olhos nele, disse: ‘Olha para nós’”

idade. Este considero um dos maiores milagres acontecido em meu ministério.”

Ronaldo Monteiro

O bispo Ronaldo Monteiro começou essa parte de seu depoimento dizendo ter havido um tempo de preparo que Deus usou para realizar o que disse ser “algo que marcaria a minha vida para sempre”. Em visita com seu pai a casa de uma de suas irmãs, um sobrinho seu sofreu ataque epilético. O bispo Ronaldo entrou no quarto da criança e orou, “pedindo a Deus um milagre”.

“Quando terminei a oração, pedi para, no dia seguinte, a minha irmã levar a criança para fazer novos exames. Para espanto de muitos Deus operou um milagre e a criança foi curada. Isso era apenas o início do que Deus ainda tinha para fazer, pois o meu pai, que até então era incrédulo, aceitou a Jesus como seu Salvador e foi batizado com o Espírito Santo.”

O resultado da cura desperta pessoas incrédulas para a fé. O mesmo houve na experiência em Jerusalém, como se lê em Atos 2 e 3. Diante do milagre da glossolalia, pessoas sem estudo falando idiomas estrangeiros, ou o milagre da cura, conforme Pedro e João curando o paralítico, as pessoas passam a acreditar na presença real de um Deus que intervém no mundo físico dos seres humanos.

A cura Divina, talvez mais do que a glossolalia, caracteriza o movimento no período da segunda onda. Os relatos dos entrevistados corroboram com o escritor Campos, que atribui o desenvolvimento da Igreja do Evangelho Quadrangular a ênfase na cura divina, citando ainda números impressionantes da sua membresia, com cerca de 25 mil membros em 1964 (CAMPOS JR., 1995, p. 37). Tavares chega a denominar o movimento como tal: “os missionários americanos Harold Williams e Raymond Boatright, trazendo em suas malas o movimento denominado ‘cura divina’.” (TAVARES NETO, 2000, apud ALMEIDA, 2008, p. 7).

O Prof. Ricardo Bitun chama a segunda onda de “pentecostalismo de transição”, pois ainda que a glossolalia não ficasse esquecida em relação à primeira onda, era a cura divina que tinha o destaque, diferentemente da onda anterior quando falar em línguas era o seu referencial. Depois viria a terceira onda, com destaque para a teologia da prosperidade (BITUN, 2009, p. 19.)⁵⁶. Como nos mostra Bitun, sobre o destaque que as igrejas da segunda onda deram ao fenômeno de cura, não era apenas um exercício religioso para consumo dos fiéis, mas era o próprio discurso para o mundo:

⁵⁶ <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/06/02remasterizacao.pdf>

“O pentecostalismo de segunda onda levou a cura divina para fora dos muros pentecostais. Três Igrejas se destacaram na propagação do ministério específico de “cura divina” no Brasil, nas décadas de 1950 e 1960: Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Deus é Amor.” (BITUN, 2009, p. 21.)

Como diz o site oficial da Igreja O Brasil para Cristo: Fundada em 1956 pelo missionário Manoel de Mello, a Instituição – que começou como um movimento itinerante de evangelismo, cura e libertação.⁵⁷

5ª Categoria: Ação social

A partir da segunda metade do século XX, teólogos e intelectuais voltaram suas atenções para os acontecimentos do mundo, em especial os problemas sociais. Esse novo objeto de análise exigiu a elaboração de uma teologia que ponderasse e compreendesse as condições materiais e espirituais da sociedade.

A Igreja do Evangelho Quadrangular, que liderou o movimento de segunda onda pentecostal no Brasil, sempre teve intensa atividade no cuidado com os mais necessitados, os pobres, atividade reconhecida em todo o mundo. Certamente este belo exemplo inspirou as igrejas que surgiram no Brasil sob a sua influência direta: “La Iglesia Cuadrangular, inspirada por las obras de su fundadora Aimee Semple McPherson, ha mantenido desde el principio una obra de provisión de la cual millones han sido ministrados materialmente” (GUY, 2006, p. 273).

Até os críticos do pentecostalismo admitem sua ação social forte, um comprometimento com a população à sua volta, como Myatt: “Os grupos do movimento pentecostal são caracterizados por: 1) oposição às igrejas institucionalizadas, 2) senso de comunidade, 3) compensação social”. (MYATT, 2005, p. 214).

É interessante destacar que dentre a diversidade de manifestações, verifica-se que o movimento pentecostal é o que proporciona maior crescimento em termos numéricos, possibilitando às igrejas evangélicas deste segmento ocuparem cada vez mais espaços na sociedade brasileira, nas diferentes esferas sociais. E tal fenômeno ganha destaque porque acontece em um país em que a Igreja Católica detém, por enquanto, a supremacia no campo religioso e um

⁵⁷ <http://conselhonacional.org.br/site/sobre/a-obpc/>

respeitável poder de influência no ambiente político, presente significativamente nas camadas populares.

A ação social promovida por distintos segmentos não ocorre somente na atualidade, é fato marcante de diversos períodos na história, em função de a pobreza e os desprovidos serem constantemente tratados como oponentes da ordem pública e precisarem ser combatidos e/ou controlados, seja pela repressão, seja pela coação.

Apreendemos que:

“Não é possível entender corretamente a missão da igreja independentemente da missão de Jesus. É a manifestação, ainda que não completa, do Reino de Deus tanto por meio da proclamação como por meio da ação e do serviço social [...]. Por meio da igreja e de suas boas obras, o Reino de Deus se torna historicamente visível como uma realidade presente. As boas obras, portanto, não são meros apêndices da missão, mas uma parte integral da manifestação presente do reino [...]” (PADILLA, 1992, p. 202).

Complementamos, segundo as concepções do mesmo autor, que Deus é o criador e juiz da humanidade, e anseia justiça e reconciliação para todos.

Dentro da pesquisa, naquilo que diz respeito à quinta e última categoria selecionada para a nossa análise do tema, encontramos as seguintes declarações.

Daniel Evaristo

“No bairro Cidade Leonor, juntamente com o presbítero Jaloques, íamos buscar, lá no bairro Ipiranga, leite em pó proveniente do exterior, pois era escasso naquela época”. Assim começa a recordação de Daniel Evaristo sobre a proposta de socorrer necessitados, seguindo a orientação encontrada no Antigo e Novo Testamento, o que provoca a mobilização da igreja e da comunidade em torno do auxílio aos necessitados, a Ação Social. O entrevistado recorda-se, ainda, de outros trabalhos sociais, como a participação no “trabalho da Associação Gota de Amor, iniciado pela missionária Ada, que ajudava um número grande de pessoas, com distribuição de leite, alimentos, etc.”.

Do mesmo modo, faz menção a pessoas específicas, muito humildes, casos emblemáticos de ajuda a pessoas na maior miséria, mesmo vivendo em um grande centro como São Paulo. Entre essas pessoas, lembra-se de Geralda Cândido,

“[...]uma irmã muito humilde, que foi até a delegacia onde ele [presbítero Jaloque] trabalhava pedir um atestado de pobreza. O seu marido estava de-

sempregado e já havia tentado o suicídio duas vezes. Quando falou para ela que o que ela precisava não era trocar de cidade e sim de Deus, falando de Jesus para ela, ela começou a chorar. Então a convidou para ir à igreja, combinou um horário e local para pegá-la com o seu esposo e filhos. Antes das 19h, ela estava lá no local com todos os seus familiares.”

O resultado da visita foi a conversão de toda a família, que certamente se vê dependente ou abraçada pelo apoio que a igreja dá. O serviço social da igreja no país, a bem da verdade, é grande, não somente na distribuição de recursos, mas em outras áreas, como alfabetização, educação, rede de sustentabilidade, promoção e facilitação de emprego, apoio médico, auxílio e socorro a idosos e incapazes, apoio jurídico, dental, médico entre muitos outros.

“No mesmo dia, oraram para que Deus abrisse uma porta de emprego e Deus assim o fez. Ele começou a trabalhar na empresa Metal Leve, em Santo Amaro, zona sul de São Paulo, onde se aposentou. Ela se tornou a zeladora da igreja de Cidade Leonor. Uma família que ele viu com os seus olhos que Deus mudou radicalmente, a família da irmã Geralda Cândido e do seu marido, Sebastião Cândido e seus filhos.”

Élio Ribeiro

Élio Ribeiro lembra do quadro que gerou a criação da Associação Cristã Samaritanos Anônimos.

“Eu e minha esposa ao fazer visita a uma irmã viúva, recém-convertida, surpreendemo-nos com o estado de pobreza em que vivia. Na sua geladeira encontramos unicamente gelo. Assim brotou em nosso coração criar a assistência social. Decidimos denominá-la por ‘Samaritanos Anônimos’, tendo por foco a parábola contada por Jesus em Lucas 10.30-35, e tomamos dela por empréstimo o slogan ‘Não passe de largo, alguém precisa ser amparado.’”

O trabalho da Associação começou em 1º de setembro de 1981. Hoje tem 35 anos de atividade e serviços prestados. A associação atende a dezenas de famílias fornecendo “cestas básicas mensais, roupas, artigos de cama, mesa e banho, medicamentos sob receita médica e em casos especialíssimos, auxílio financeiro”.

As experiências vividas no âmbito da Associação marcaram a vida do pastor Élio e ele faz questão de relatar algumas delas durante a entrevista. A mais marcante, talvez, foi a de uma idosa que pediu ao pastor para que ele fosse titular com a conta poupança que ela mantinha no banco (vide íntegra da história no Apêndice 1). O pastor Élio aceitou com a condição de colocar mais duas irmãs da igreja como titulares, prevendo a possibilidade de quaisquer

problemas ou desconfianças. Por oito anos, de 1983 a 1990 eles mantiveram a conta conjunta, ele fazendo levantamento a pedido dela e a cada dois meses visitando sua residência, quando levava o dinheiro e as cestas básicas.

Em outro sentido, a ação social empreendida pelo pastor Élio Ribeiro se deu na área da evangelização. Como já vimos anteriormente, a ação da divulgação do Evangelho é vista no pentecostalismo como levar a mão de Deus até as pessoas para que sejam salvas por esse Deus. É favor divino ser alcançado pela mensagem do Evangelho, portanto, não deixa de ser classificado como ação social, uma vez que a evangelização se dá nos domínios da sociedade.

No caso específico da realização feita por Élio Ribeiro, há um ingrediente mais apropriado pelo qual devemos mencionar aqui neste ponto da pesquisa: o incentivo à prática da doação de sangue.

“À frente do pastorado da ICPBB da Vila Guilherme desde 2009, uma das ações foi no evangelismo, onde criamos uma estrutura para que no mínimo uma vez por ano, todas as ruas e domicílios da Vila Guilherme fossem visitados e recebesse um kit evangelístico composto de dois folhetos personalizados, um folheto incentivando e detalhando como e onde doar sangue, um imã de geladeira personalizado com texto bíblico e uma caneta também personalizada com texto bíblico. Dessa forma, todo o bairro pôde saber da salvação em Jesus; da existência de nossa Igreja; e que ela também está inserida na comunidade através de atividades sociais.”

Por fim, uma das atividades clássicas quando o assunto é assistência social: o cuidado das crianças. Para demonstrar a boa vontade e legitimidade das práticas da nova igreja no bairro, foi criada uma parceria com um abrigo de crianças próximo à igreja. O abrigo era administrado pela Igreja Católica e tinha como diretora uma freira. A ICPBB era cooperadora do abrigo.

“A receptividade para nossa Igreja foi ampla e irrestrita. Na realização dos trabalhos com as crianças simplesmente buscamos suprir o que lhes faltou da parte dos pais, ou seja, mostrando a elas o amor de Deus, o amor de Jesus Cristo e o amor dos irmãos da Igreja. Não adentrando em conotações de cunho doutrinário, simplesmente semeamos a essência do amor de Deus em Jesus. Já realizamos dois grandes eventos, tendo trazido todas as mais de duas dezenas de crianças e as presentearmos com muitas dádivas obtidas junto a grandes empresas por doações. Além disso, a Igreja foi preparada com brinquedos de um parque infantil e mesas para servir um pequeno banquete a elas.”

Destaco neste trecho da entrevista a preocupação com o que chamou de “conotações de cunho doutrinário. É sabido que os dogmas da Igreja Católica diferem dos professados nas

igrejas protestantes, embora ação social não leve etiqueta doutrinária nem ideológica. Por isso a preocupação do pastor em advertir que a doutrina da ICPBB não sofreu qualquer interferência romanista; antes, a preocupação era estritamente com a ação social em sua forma genuína.

Com isso, acrescentou que acima das divergências no campo da teologia, a ICPBB obedecia um mandamento dado por Jesus e aprendido na leitura dos Evangelhos, praticando aquilo que pregavam durante as ações de evangelização:

“Cumprimos o que nos ensinou o Mestre o dos mestres, conforme o evangelho de Marcos 9.36-37 ‘Trazendo uma criança a colocou no meio deles e, tomando-a nos braços, disse-lhes: Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou.’”

Izael Mariano

Izael Mariano teve uma fala mais corporativa quando declarou que “os demais integrantes do nosso ministério” sempre fizeram trabalhos sociais, ele incluído. Esse olhar mais amplo pode ser fruto de sua vivência na Polícia

“Eu trabalhava de dia na Polícia e à noite distribuía sopa para o pessoal que vinha de longe ouvir a Palavra do Senhor. Durante três anos eu fiz isso na igreja do Jabaquara, onde foi estabelecida a chamada ‘Gota de amor.’”

Fazendo viagens a Minas Gerais e ao Paraná, ele e outros obreiros criaram igrejas (ações evangelísticas para ampliação do ministério, Categoria 2) e realizaram a ação social (Categoria 5), à medida que levavam “roupas, folhetos, calçados, cestas básicas etc.”. Mesmo enfrentando grandes dificuldades (as quais não foram descritas), ele afirmou nunca ter desistido “da obra social e de servir ao Senhor Jesus”.

João Lírio Navas

Seguindo os passos dos entrevistados anteriores, notamos que boa parte dos esforços na realização do objeto dessa categoria 5 estava ligado ao trabalho com crianças, e aqui vemos incluídos os presidiários.

“Nós fizemos vários trabalhos com crianças nas favelas, em hospitais, evangelismo nas cadeias, distribuimos comida para os moradores de ruas e muitas outras atividades na obra de Cristo. Em alguns desses trabalhos,

muitos homicidas e traficantes se converteram e tiveram as suas vidas modificadas. A evangelização e a ação social sempre devem andar de mãos dadas, como vemos no exemplo dos apóstolos.”

Evangelização e ação social andando de mãos dadas nada mais é do que uma leitura e aplicação do texto do Novo Testamento. Discurso sem prática não tem valor e a ICPBB soube valorizar esse aspecto do cristianismo em sua tradição protestante.

“Quando analisamos as Escrituras, vemos um equilíbrio entre ambas, e quando esse ponto de equilíbrio é alcançado, conseguimos entender as necessidades do ser humano. Hoje, na igreja que pastoreio, ICPBB Jabaquara, criamos uma escola de informática, com vários computadores para atender aos mais pobres, promover a inclusão digital. Muitos jovens aprenderam a computação aqui e conseguiram bons empregos, puderam ajudar a sua família. Hoje, um dos instrutores da escola é um ex-aluno nosso, de família muito pobre, e é remunerado pela igreja para isto.”

Este aspecto final do depoimento merece destaque. É a atualização contextual da ação social, ou seja, notamos que há uma preocupação em acompanhar o ritmo da sociedade local, a brasileira, nas suas demandas que envolvem inclusive o aspecto econômico. Com a ampla utilização da informática, a Igreja precisou atualizar até mesmo a sua atuação na ajuda social. Antes era o socorro por meio de roupas, alimentos e abrigo. Mas isso não foi suficiente e alguém fez a leitura correta dos tempos atuais, o que levou a implantação de um curso para ensino de informática.

Não basta pescar, é preciso ensinar a apanhar o peixe.

Além disso, há um ingrediente ainda mais atual, que é o aproveitamento dos formados na capacitação dos novos alunos: “Hoje, um dos instrutores da escola é um ex-aluno nosso, de família muito pobre, e é remunerado pela igreja para isto”. Isso chama-se sustentabilidade em nossa linguagem rotineira.

Por fim, o depoimento do bispo Natalino sobre as ações sociais nas quais participou.

Natalino de Jesus Bisigasti

O bispo Natalino, à exemplo dos entrevistados nesta pesquisa, também teve abundante participação nas obras sociais da Igreja. Em Arujá, declara ter tido participação na criação da Creche, no bairro do Portão, um bairro carente.

“Iniciamos o trabalho com os poucos recursos da igreja, alguns irmãos colaboravam voluntariamente, mas aos poucos a obra foi tomando forma. De-

pois alcançou um número tão grande que a Prefeitura da Cidade de Arujá resolveu assumir a direção do trabalho. Mas foi gratificante ver as famílias atendidas, mães que podiam trabalhar em sua lavoura ou mesmo em empregos na cidade, sabendo que os seus filhos eram bem cuidados, alimentados e ensinados.”

Aqui, mais uma vez, notamos que era feita uma leitura mais ampla do papel da igreja e suas ações para o bem da cidade, no caso, Arujá. Os membros se mostram cientes da importância e do alcance, quando chamam a atenção da Prefeitura do Município, que assumiu a responsabilidade pela Creche.

“Como presidente da ICPBB, estimulamos a doação de roupas e gêneros alimentícios pelas igrejas locais. Ao final do ano era um momento de grande alegria ver o relatório social da igreja, pois toneladas de alimentos, e milhares de peças de roupas tinham sido doados aos necessitados em todo o Brasil.”

Como consequência do trabalho municipal, sendo presidente nacional da Igreja, suas decisões e iniciativas naturalmente teriam maior alcance, alcance nacional. Foi o que declarou quando mencionou “toneladas de alimentos e milhares de roupas” distribuídas a pessoas por todo o país.

Encerrando esse trecho das entrevistas, talvez um dos mais destacados apoios que as igrejas evangélicas, notadamente as pentecostais, a um dos dramas mundiais: o atendimento a dependentes químicos.

“E, talvez, a mais importante de todas, tenha sido a justa colaboração para que diversos pastores pudessem criar centros de recuperação de drogados, onde vidas chegam despedaçadas e são regeneradas e devolvidas saudáveis ao convívio dos seus familiares.”

Para um movimento que tem como berço um orfanato, na cidade de Suzano em São Paulo, a assistência social não poderia ser apenas um acidente de percurso, mas uma vocação.

Analisando as contribuições apontadas aqui, pensamos inicialmente em uma área em que prevalecia a concepção de prática benéfica em prol das vítimas do infortúnio e incapazes de sustentarem a si e a sua família. E com esta percepção de assistência, vimos que possibilitou ao Estado transferir à sociedade civil o atendimento aos excluídos da sociedade.

A obra de assistência social da ICPBB como descrita no discurso do sujeito coletivo, sempre foi presente desde a sua fundação, percorreu a história da igreja e continua após seis décadas do seu início.

O pentecostalismo de transição, ou segunda onda, conforme fica demonstrado através das inúmeras obras filantrópicas elencadas em sítios eletrônicos das diversas denominações que a compõe, prossegue em seu chamado social, mesmo com novas gerações e mentalidade diferente dos pais fundadores.⁵⁸ O discurso coletivo dos fiéis da ICPBB, sobre a efetividade social desse importante movimento religioso do Brasil demonstram nossa hipótese.

A pesquisa nas ciências da religião tem um foco principal de atenção ao sujeito desse campo (religioso), pois importante é o que significa o testemunho para o *homo religiosus*, a sua intencionalidade (seu *eidos*) ou essência, como ensina Croatto: “Não o que significam para o estudioso, mas para o *homo religiosus*, que vive a experiência do sagrado e a manifesta nesses testemunhos ou ‘fenômenos’”. (CROATTO, 2010, p. 25)

⁵⁸ <http://www.sasobpcsp.com.br/wordpress/acao-social-obpc/>
<http://www.portalgrejaquadrangular.com.br/portal/acaosocial-infanciafeliz.asp>
<http://www.portalgrejaquadrangular.com.br/portal/acaosocial-comunidadeaterapeutica.asp>
<http://www.portalbr4.com.br/ieq/sos-minas-missionarios-distribuem-alimentos-trazemalmas-para-reino-de-deus>
<http://www.pentecostaldabiblia.com.br/noticias?page=2>
<http://www.fundacaoreviver.org/institucional/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo perseguido ao longo desta pesquisa foi apresentar a academia um conhecimento particular deste importante movimento religioso, denominado segunda onda pentecostal no Brasil, que foi estudado isoladamente dos demais movimentos pentecostais, a saber, sua efetividade religiosa e social. Embora tenha recebido forte influência de missionários americanos em sua origem, ficou evidente, em primeiro lugar, que se trata de um verdadeiro fenômeno pentecostal brasileiro, dadas as adaptações implementadas pelas igrejas, e estas adaptações feitas em função da realidade nacional.

Compreendemos que o constante crescimento dos movimentos religiosos de inspiração pentecostal na América Latina, subcontinente com acentuada formação cultural-religiosa católica, tem sido um dos acontecimentos culturais mais apreciáveis da atualidade por pesquisadores do campo das Ciências Sociais. De um contingente que se expunha como uma subcultura contrária à exibição pública e auto isolada, atualmente sua presença se sobressai não apenas no que diz respeito ao contingente numérico, mas especialmente por sua visibilidade nos ambientes de comunicação de massa, o que vem confirmar nossa hipótese de partida sobre a eficiência.

Quanto a identidade formada com o movimento conhecido como “Primeira Onda” ou “Pentecostalismo Clássico”, ocorrido no período situado entre as décadas de 1910 e 1950, no Brasil, vimos que a primária organização foi estabelecida por missionários italianos de origem valdense, com a Congregação Cristã no Brasil. Em seguida, organizou-se, no ano 1911, a Assembleia de Deus, no estado do Pará, por missionários suecos, esta que se amplia por todo o território brasileiro.

A “Primeira Onda” marca-se desde o princípio pela intensa aversão ao catolicismo, ênfase na evangelização dos povos indígenas e comportamento ascético ou de desaprovação ao mundo, o que por si imprime sua imagem na religiosidade nascente e destaca-a como novo ator social.

Analizamos que na “Segunda Onda”, conhecida também como “Pentecostalismo Neo-clássico”, fica associado o conhecimento de ajuizar em línguas como garantia do batismo do Espírito Santo, e especialmente a chamada “cura divina”, ingrediente inédito na religiosidade de matriz cristã.

Acrescentamos que neste período os missionários iniciaram a libertação das organizações estrangeiras, nomeando suas próprias organizações. Neste mesmo período, no Brasil, esta agitação iniciou com a chegada de missionários norte-americanos, Harold Williams e Ray-

mond Boatright, pertencentes à International Church of The Foursquare Gospel (Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular). Ambos criaram o movimento conhecido como “Cruzada Nacional de Evangelização” fundamentados na cura divina, e fundaram no estado de São Paulo, na década de 1950, a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) que, à diferença das demais, aceita de bom grado a liderança (pastoreio) realizada por mulheres, igualmente um novo aspecto nas igrejas cristãs que já estavam no Brasil.

Acrescentamos ao movimento outras igrejas de menores expressões, mas que têm papel primordial: O Brasil Para Cristo, Deus É Amor, Casa da Bênção, entre outras instituições de menor porte, cada uma por seu turno marcando terreno entre as populações mais carentes, mas não exclusivamente entre elas.

Assinalou-se neste período o uso do rádio para difusão do Evangelho e as tendas de lona, como atração aos oradores do público. Diferenciam-se pela inclusão de igrejas carismáticas, independentes, que aceitam os dons do Espírito Santo como válidos para os dias atuais.

Finalmente a chamada “Terceira Onda” ou “Neopentecostal”, que começa na segunda metade da década de 1970 e ainda se encontra em grande processo de desenvolvimento. Seus condutores caracterizam-se, na maioria, por pregadores nacionais. E com o modo intenso da mídia eletrônica, este período se distingue pela concretização do pentecostalismo como entusiasmo social e político. Este último movimento tem a chamada “teologia da prosperidade” como a sua função mais importante.

Outro ponto de destaque foi a questão do termo neopentecostalismo ou pós-pentecostalismo, adotado para assinalar a nova aparência que o pentecostalismo brasileiro vem ampliando desde a década de 1970, crescendo e se fortalecendo posteriormente nos anos 1980 e 1990. A distinção do pentecostalismo clássico para o deuteropentecostalismo incide apenas na questão da evidência do “falar em línguas e na cura divina”. Lembremos que o próprio Mariano (1999) admitiu não haver diferença teológica expressiva entre as duas primeiras ondas. Já no caso do chamado neopentecostalismo, admitiu diferenças marcantes que possivelmente assinalaram uma quebra radical do sistema doutrinário do pentecostalismo em sua primeira e segunda onda.

Ressaltamos, então, que o aspecto teológico do neopentecostalismo procura a anulação com a santidade, ou seja, o afastamento dos prazeres mundanos e conduz uma postura em busca de riqueza, status social e dos prazeres existentes no mundo moderno.

Socialmente, assistimos que os pentecostais da primeira onda elucidam as tragédias como sinais da proximidade da segunda vinda de Cristo. Citam e estudam todos os textos do Novo Testamento a este respeito, mas em especial os textos apocalípticos. Já que tantos fatos

deverão advir antes da chegada de Cristo, os pentecostais são apontados como grupo que não se interessa em colaborar na transformação da dramática situação social e econômica brasileira, provavelmente por terem uma postura de maior preocupação com as carências espirituais do que as sociais são, e são vistos como alienados políticos.

Para a segunda onda, cada entrevista foi rica em detalhes e nas exposições das vidas que se dispuseram a colaborar com a academia e nos instruir quanto a este notável movimento religioso, foram divididas em categorias, para melhor aproveitamento do seu conteúdo.

O objectivo perseguido ao longo desta pesquisa foi tentar compreender este importante movimento religioso nas duas primeiras categorias – “A Conversão – Novo Nascimento, uma experiência mística comum aos pentecostais” – “A experiência carismática”, fica incontestável o acontecimento sobrenatural que afetou a vida de todos os entrevistados. Homens de diversas formações, de famílias distintas e de diferente estrato social, mas com um comum experimento, o que Rudolf Otto chama de numinoso. O “Novo Nascimento”, que marca o início da vida pentecostal, fica com uma marca indelével dos pentecostais da segunda onda.

Apontamos o que é conhecido como o batismo com ou no Espírito Santo, sendo o que caracteriza o movimento da segunda onda pentecostal, a imersão no sobrenatural, que para o fiel é a confirmação do chamado para o trabalho na obra, na igreja. Assim os relatos das experiências tornam-se surpreendentes, pois alguns passam pela experiência, mesmo fora de ambientes religiosos, até mesmo em lanchonetes de rodovias.

A efetividade religiosa é incontestável, produz transformação na vida das pessoas. Elas são tocadas por um poder irresistível que as faz enxergar a vida de maneira diferente de antes, conforme os relatos descritos anteriormente. Todos dizem: “Nasci de novo!”.

Nas categorias posteriores, a terceira e a quarta – O Ministério e os fenômenos sobrenaturais, os relatos que comprovam a efetividade social, uma interação com a sociedade na divulgação e nas realizações dos milagres testemunhados. A intensa atividade religiosa de cunho social associada aos testemunhos dos milagres, por si são impressionantes. Porém, quando nos deparamos com a obstinação pelo compartilhar da realização espiritual de homens tão díspares em suas atividades profissionais – policiais, pedreiros, professores, empresários, agora agentes do cristianismo pentecostal em busca dos doentes do corpo e da alma, é mais eloquente ainda a cabal demonstração da efetividade social. Fazem da religião, conforme aponta o resultado das entrevistas, uma verdadeira rotina de atividade social, de tal monta que é difícil separar estas duas categorias da quinta e última que é Ação social.

Vejam os que, o objeto da pesquisa, o movimento da segunda onda pentecostal, que é tão taxado de alienado, desligado dos problemas sociais, parecendo antecipar o juízo que dele

fariam, é gerado, simbolicamente, com reuniões de oração em uma propriedade de um casal pentecostal que abrigava um orfanato, na cidade de Suzano, na Grande São Paulo:

“[...] retiros espirituais promovidos pelo Rev. Carl W. Cooper e sua esposa, Dona Sarah Cooper, conhecidos como Daddy e Mother Cooper, em um sítio, na região de Suzano-SP, onde também funcionava um orfanato dirigido pelo casal. (ICPBB)”

Se pudessem antecipar as críticas de alienação política e social que sofreriam no futuro, e quisessem escolher algo emblemático para caracterizar o início do movimento, associando-o à atividade social, não poderiam escolher um lugar mais adequado, um orfanato.

Depois, quando o movimento foi institucionalizado, vimos as inúmeras obras sociais, conforme relatos concedidos nas entrevistas e registrados nesta dissertação: criação de creches, as toneladas de alimentos e milhares de peças de roupas doadas aos necessitados anualmente. Entidades sociais que foram criadas para a atividade filantrópica, como “Associação Gota de Amor”, “Samaritanos Anônimos”. Distribuição de alimento elaborado, cuidado de viúvas, visitas a enfermos em hospitais e aos condenados nos presídios, promoção da educação profissional aos carentes, ajuda para encontrar uma atividade laboral que proporcionasse conforto e segurança social. Transformação de párias em cidadãos produtivos, recolhendo seres praticamente bestializados, alguns homicidas, dependentes químicos que poderiam onerar os cofres públicos, agora são devolvidos à sociedade, humanizados, prontos ao convívio social e podendo produzir renda e contribuir com impostos.

Finalmente, portanto, a pesquisa comprovou a efetividade social, religiosa e de interação com a polis, do movimento denominado segunda onda pentecostal no Brasil.

Embora a Igreja Cristã Pentecostal da Bíblia não se enquadre entre as maiores denominações advindas do deuteropentecostalismo, nem por isso deixa de ser expressiva a sua história, mesmo fundada por um dos líderes do movimento. O estudo da ICPBB é uma amostra fiel do pentecostalismo da segunda onda, que certamente merece mais estudos sobre áreas não alcançadas, ou em nível de tese do doutoramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. **Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos**, Revista de Estudos da Religião, 2008. Disponível em http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf acessado em 12.01.2017

_____. **Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais. A presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999-2006)**. Tese de Doutorado Universidade Metodista de São Paulo, 2007. Disponível em http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/6/TDE-2007-05-14T184652Z-319/Publico/Saulo%20Baptista.pdf Consultado em 11.12.2016.

_____. **Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético**. Curitiba: Ed. Encontrão, 1994a.

_____. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**, Revista de Estudos Avançados, 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acessado em 12.01.2017

_____. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **O futuro não será protestante**; ano 1, nº 1, p. 89-114. Porto Alegre: Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, set. 1999.

_____. **O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres**. Revista do Instituto Humanas de Ensino. São Paulo. Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3206&secao=329. Acessado em: 15.03.2014.

_____. **Protestantes e políticas no brasil: da constituinte ao impeachment**. 1993. 308 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1993.

_____. **Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica.** In SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (Org.). **Sociologia da Religião e Mudança Social: Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil.** São Paulo: Paulus, 2004.

_____; LEFEVRE, Ana Maria; MARQUES, Maria Cristina da Costa. **Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização;** v. 14, nº 4, p. 1193–1204. Rio de Janeiro: Ciência e Saúde Coletiva, 2009.

1IEQ. 1ª Igreja do Evangelho Quadrangular – Paulínia. Harold Edwim Williams, 1913–2002. Disponível em: http://www.quadrangular.com.br/pagina.php?nome_link=Harold%20Edwim%20Williams e acessado em 12.04.2015.

ABUMANSUR, E. S. **A conversão ao pentecostalismo em comunidades tradicionais.** Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, nº 22, p. 396-415, jul-set 2011. ISSN: 2175-5841. Disponível em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/viewFile/426/248>

ALVES, R. **Religião e Repressão.** São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

ARAÚJO, ISRAEL de. **História do Movimento Pentecostal no Brasil: o caminho do pentecostalismo brasileiro até os dias de hoje.** Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

BACCEGA, M. A. **Comunicação e linguagem: discursos e ciência.** São Paulo: Moderna, 1988.

BAPTISTA, S, de T, C. **Pentecostais e neopentecostais na política brasileira: um estudo sobre cultura política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil.** São Paulo: Annablume; São Bernardo do Campo: Instituto Metodista Isabela Hendrix, 2009.

BAPTISTA, S. **Sujeito e pentecostalismo,** in *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, ISSN 2179-0019, v. 6, nº 1, 2015, p. 117-143. DOI: <http://dx.doi.org/10.18328/2179-0019/plura.v6n1p117-143> Consultado em 11.12.2016

Bíblia, Igreja Pentecostal da Bíblia, HISTÓRIA da ICPBB. Impressão Geográfica Editora, Santo ANDRÉ SP, 2012

BITUN, Ricardo. **A “remasterização” do movimento pentecostal Igreja Mundial do Poder de Deus.** Disponível em <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/06/02remasterizacao.pdf>

CAMPOS JR., L. de C. **Pentecostalismo.** São Paulo, Ática, 1995.

CAMPOS, L. S. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro:** observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. REVISTA USP, São Paulo, nº 67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.

CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e Política: teoria bíblica e prática histórica.** Viçosa: Ultimato, 2002.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa:** uma introdução à fenomenologia da religião; trad. Carlos Maria Vásquez Gutierrez. Coleção Religião e Cultura, 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

DINIZ ALVES, José Eustáquio; CAVENAGHI, Suzana; WALTER BARROS, Luiz Felipe. **Estradas da fé: os caminhos da difusão das filiações evangélicas no Rio de Janeiro.** Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em São Pedro/SP, de 24 a 28 de novembro de 2014.

FIGUEIREDO, Marília Z. A.; CHIARI, Brasília M.; GOULART, Bárbara N. G. de. **Discurso do Sujeito Coletivo:** uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualitativa. Trabalho realizado na Universidade Federal de São Paulo. Apresentado no 19º Congresso de Fonoaudiologia e 8º Internacional de Fonoaudiologia, de 30 de outubro a 2 de novembro, em São Paulo-SP, na sessão de pôster concorrente a prêmio. Distúrb Comum. São Paulo, 25(1): 129-136, abril, 2013

FOLHA DE SÃO PAULO. **Evangélico morre em briga durante retiro em Sapucaia do Sul (RS).** São Paulo, 2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/829120-evangelico-morre-em-briga-durante-retiro-em-sapucaia-do-sul-rs.shtml?iframe=true&width=80%&height=80%> e acessado em 15.03.2015.

FRESTON, Paul. **Breve história do pentecostalismo brasileiro**. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 67-159.

GEISLER, Norman L. **Ética Cristã - Alternativas e Questões Contemporâneas**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006.

GUY, P. D.; NATHANIEL, M. V. C. **Fundamentos de Teologia Pentecostal, Segunda Edición**. Bogotá: Editorial Desafio, 2006.

HOCK, K. **Introdução à Ciência da Religião**. Edições Loyola, São Paulo, 2010.

http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20100503191040.pdf e acessado em 12.04.2015.

ICPB, IGREJA CRISTÃ PENTECOSTAL DA BÍBLIA, História oficial disponível no site <http://www.pentecostaldabiblia.com.br/nossa-historia>

IEQ. Igreja do Evangelho Quadrangular. <http://www.portalgrejaquadrangular.com.br/portal/quadrangular-noquecremos.asp>

JACOB, Cesar Romero et al. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Pesquisa de Representação Social**. Brasília: Liberlivro, 2010, p. 57.

LÉONARD, É. G. **O iluminismo num protestantismo de constituição recente**. São Bernardo do Campo: Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião. 1988.

LINDSEY, H. **A agonia do grande planeta terra**. São Paulo: Mundo Cristão, 1976.

LOPES, M. **Pentecostalismo no Brasil e a cura divina: um olhar histórico e fenomenológico**; v. 11, nº 1, p. 89-110, jan-jun/2014. Juiz de Fora: Sacrilogens. M. Lopes, disponível em <http://www.ufjf.br/sacrilogens/files/2015/02/11-1-7.pdf>

MACHADO, M. das D. C. **Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARIANO, Ricardo. **Os neopentecostais e a teologia da prosperidade**, Lv. 44. São Paulo: Revista Novos Estudos, 1995. Disponível em http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/78/20080626_os_neopentecostais.pdf

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Evangélicos e Pentecostais: Um campo religioso em ebulição**. In F. Teixeira e R. Menezes (org.). **As religiões no Brasil. Continuidades e Rupturas**. Petrópolis: Vozes. 2006.

MENEZES, R. (Org.). **As religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MENZIES, W. W.; STANLEY M. H. **Doutrinas Bíblicas, uma perspectiva pentecostal**, 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

MOLTMANN, Jürgen. **A Vinda de Deus: escatologia Cristã**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

MYATT, Alan; FERREIRA, Franklin. **Teologia sistemática**. Ed. Vida Nova, São Paulo. 2005.

ORO, I. P. **O Outro é o Demônio: Uma análise sociológica do fundamentalismo**. São Paulo: Paulus, 1996.

PADILLA, C. René. **Missão integral: ensaios sobre o reino e a Igreja**. Londrina: Descoberta, 1992.

PORTELA Neto, Solano Francisco. **Pentecostalismo, Neopentecostalismo e o Trabalho do Espírito Santo**. Disponível em <http://monergismo.com/solano-portela/pentecostalismo-neopentecostalismo-e-o-trabalho-do-espírito-santo/> e acessado em 11.01.2017.

ROCHA, D. **Concepções escatológicas e vida social no Pentecostalismo Brasileiro**. Disponível em <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/rocha-daniel.pdf> e acessado em 20.03.2015.

ROCHA, Daniel. **Venha a nós o vosso reino**: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro, abril/2012. Dissertação de Mestrado. Disponível em

ROSA, Julio O. **O Evangelho Quadrangular no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1977.

ROUSSO, H. “A memória não é mais o que era”. In AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coord.). Usos e abusos de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

SCHWARZ, H. **Escatologia Cristã**. In BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. Dogmática Cristã. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

SHERILL, John L. **Eles falam em outras línguas**. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

SIEPIERSKI, Paulo. **Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro**. In GUERRIERO, Silas (Org.). O Estudo das Religiões: Desafios contemporâneos. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 81.

SILVA, C. N. da. **As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais**: motivações e dificuldades. Estudos de Religião, v. 23, nº 36,35-60, jan/jun 2009.

SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo, 100 anos de avivamento pentecostal e carismático**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

TAVARES NETO, J. Q. **O neopentecostalismo como alternativa ao poder na Igreja Presbiteriana do Brasil. 2000**. In ALMEIDA JÚNIOR, Jair de. Um panorama do fenômeno religioso brasileiro: neopentecostalismo ou pentecomessianismo. Revista de Ciências da Religião – História e sociedade, v. 6, nº 2, 2008.

TEOLÓGICA LATINO AMERICANA, Setor Brasil e Temática Publicações, 1992.

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. **IV Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial – Eclesiocom. 2009**. Disponível em <http://www.metodista.br/noticias/2009/novembro/eclesiocom-2009-aborda-o-noticiario-sobre-religiao-na-midia>

WILLEMS, Emilio. **Followers of the new faith culture change and rise of protestantism in Brasil and Chile**. Nashville: Vanderbilt University Press. 1967.

WILLIAMS, Mary. **Harold Williams**, série Memórias Quadrangular. São Paulo: Editora Quadrangular, 1997.

WREGE, Rachel Silveira. **As igrejas neopentecostais: educação e doutrinação**. Tese de doutoramento. Campinas: UNICAMP, 2001.

WULFHORST, I. **O Pentecostalismo no Brasil**. Estudos Teológicos, 35(1): p. 7-20, 1995.

APÊNDICE

APÊNDICE – Íntegra dos relatos coletados nas entrevistas

1ª Categoria: a conversão – novo nascimento, uma experiência mística comum aos pentecostais

Carlos Minozzi

“Eu estava gravemente enfermo, e na ida ao hospital junto com o meu irmão Silvio Minozzi, o médico disse a ele em particular que o meu caso era gravíssimo! Inclusive usou a expressão: ‘O caso do Carlos, é só Deus’! Guardei essa frase em meu coração ‘É só Deus’! Mas ouvia constantemente o inimigo ao meu ouvido dizer: Você vai morrer! Saindo um dia do trabalho, cheguei a minha casa, com o sentimento de que de fato iria morrer. Estava na cozinha com minha querida esposa, e disse a ela em tom de despedida que eu iria morrer! Ela então me disse: Você não vai morrer! Em seguida percebi que havia um livro estranho de capa preta que estava na cristaleira da cozinha, perguntei a minha querida: Que livro é esse? – Ela se virou para mim e, quando olhei para ela tive a nítida sensação de estar vendo a face de um anjo! – Ela me disse com aquele rosto brilhando: ‘Pega, Leia, Come’ ... eu peguei o livro e fui sozinho para o quarto, abri em Eclesiastes, e ali foi como a boca de Deus falando comigo! Dentro de mim senti um refrigério absolutamente extasiante e maravilhoso! Voltei a cozinha e disse a minha esposa: Vou servir a Deus! Me converti a Cristo naquele dia 19/06/1958 – Nasci de novo! E além de salvo, minhas dores foram embora, e minha sentença de morte foi revertida para poder anunciar o evangelho pelos próximos 50 anos!”

Daniel Evaristo

“Naquele tempo, a Igreja Pentecostal da Bíblia estava nos seus primórdios, e havia poucos obreiros. O Reverendo Epaminondas dirigiu o culto e pregou, pois ele gostava muito de trabalhos assim. Naquele culto, eu levantei as mãos, e aceitei a Jesus como meu Salvador, nasci de novo. Naquele mesmo dia, eu fui congregar à noite, a convite da namorada, e futura esposa, no salão alugado pela Pentecostal da Bíblia, onde hoje funciona a Estação Conceição do Metrô.”

Élio Ribeiro de Oliveira Barros

“Nasci em 1940, na Vila Guilherme, ‘nas barrancas do Rio Tiete’ plagiando o cancionista nordestino e praticamente toda minha vida nela vivi. Na infância quando com 7, 8 anos houve de Deus uma primeira tentativa de me levar a conhecer Jesus. Uma família da Igreja Batista iniciou em sua residência que era próxima da minha, um trabalho com crianças. Infelizmente meus pais, de ascendência portuguesa, católicos tradicionais, não permitiram. Mas desde aquele tempo até aos 16 anos, meus pensamentos buscavam entender qual o Verdadeiro Sentido da Vida. Considerava que seria ex-

tremamente frustrante ser a vida apenas, Nascer, Viver, Procriar e Morrer. Buscava uma resposta para minhas indagações. Era católico praticante, mas a Igreja Romana pouco ou nada acrescentava além daquelas liturgias idolátricas que não se explicavam. Num dia ensolarado, no início de 1957, passando pela Rua 12 de setembro, fiz uma oração em espírito e dirigida a Deus na qual pedi, se tu existes realmente, faz com que eu tenha respostas a todas minhas indagações. Em julho de 1957 Deus começou a responder-me. Aconteceu meu encontro com Jesus, na Tenda da Cruzada.”

Geraldo Casemiro Pereira

“Em 1958, foi inaugurada uma tenda no bairro do Jabaquara/SP, com o nome de ‘Cruzada Brasileira de Evangelização’ e, numa reunião realizada ali, a Theresa, minha esposa encontrou-se com o Senhor Jesus. Depois disso, ela me convidou insistentemente, pelo menos para conhecer aquele lugar, usando como estratégia a seguinte frase: “Vamos lá Ge, quem sabe Deus te cura!” Eu sofria com bronquite asmática, quando me atacava, quase me levava à morte. Theresa mal sabia que tudo já estava planejado pelo Arquitecto da vida. Numa noite, em 14 de fevereiro de 1958, ao término da reunião, o saudoso pastor Epaminondas Silveira Lima, com voz em tom sublime, convida os não-crentes a se renderem aos pés de Cristo Jesus. Enquanto isso, a Theresa insistia: ‘Vai lá Ge, vai lá Ge’..., e, de repente, eu me deparei com o pastor Epaminondas, que gentilmente me perguntou sobre que graça eu necessitava. Como o pastor chegara ali, eu não sei, mas, sem pestanejar, disparei: ‘Ouvi falar que o Deus de vocês cura, vim ver se é verdade’. Eu recebi como resposta um singelo e amoroso: ‘Deus vai curar o irmão’. Daquele minuto em diante, toda uma existência foi transformada pelo poder do Senhor Jesus. Desde então, Deus começou a escrever a “trajetória de mais um escolhido’. Aquela frase, tão simples invadiu o meu coração, nasci de novo.”

Izrael Mariano

“Eu sou oriundo de família presbiteriana, com três irmãos pastores. Mas após a morte da minha mãe, quando eu tinha apenas oito anos de idade, a família dispersou. Os anos se passaram e eu acabei casando com uma moça que não era evangélica. Com dois anos e quatro meses de casado, a tia da minha esposa ficou muito doente, foi desenganada pelos médicos e, naquela época, o reverendo Epaminondas já estava no bairro Jabaquara com a tenda. Ele fazia propaganda na rádio América e passava toda a programação da igreja, que na época se chamava Cruzada Brasileira de Evangelização. Eu ouvi um desses anúncios da rádio e resolvi ir ao culto, pensando que se levasse a tia da minha esposa à reunião, algo poderia acontecer. Na época, eu era policial civil e fui fardado ao lugar para sondar, conhecer melhor aquela religião. Ao chegar lá me perguntaram se era para mim a oração. Eu era forte, jovem e saudável e, por isso, me indignei com a pergunta e respondi com altivez que não precisava de oração. Eu deixei o pedido de oração pela melhora da tia da minha esposa e fui para o trabalho. A tenda ficava aberta todos os dias da semana, e toda noite tinha culto de evangelização. Naquela época (década de 1950), não existia uma grande divulgação do evangelho, a televisão ainda era novidade, mas, mesmo assim, a tenda lotava toda noite,

a presença do povo nunca era menor do que 2000 pessoas, e muitos iam de maca para receber a oração da fé. Naquele dia, tinha uma multidão de 5.000 pessoas, que faziam filas para receber a oração da fé. Muitos apareciam 3hs da madrugada para aguardar e receber essa oração, porque era muita gente, de todos os lugares de São Paulo. Um dia eu levei toda a minha família para que a tia da minha esposa fosse curada, mas eu não cria na cura dela, não achava que fosse possível. Naquele dia, chegou ali uma mulher paralítica de meia idade, acompanhada por dois membros de sua família, e a colocaram ao meu lado. Houve testemunhos, muitos louvores, pregação. Eu presenciei algo diferente, muito curioso, o canto dos lenços brancos. O reverendo Epaminondas pediu que todos levassem lenços brancos e, quando cantaram o hino: 'Glória, Glória, Aleluia, Vencendo, vem Jesus', todos levantaram os lenços e acenaram. O poder de Deus era tão grande que o Senhor foi curando muitos naquela hora, antes da mensagem, de todos os tipos de enfermidades. Diante daquela cena tão extraordinária, eu fiquei curioso em relação à mulher que estava ao meu lado, pois eu tinha ouvido falar que Jesus curava paralítico (Marcos 2.9). Então, oraram pelos cancerosos, depois pelos paralíticos; mas deixaram a senhora paralítica por último. O reverendo se aproximou daquela mulher e perguntou com quem ela tinha vindo. Ao saber que ela estava acompanhada por dois senhores, perguntou para ambos se eles criam que Jesus tinha poder para fazer a mulher andar, e os dois responderam: "para isso viemos". O homem de Deus (Mateus 9.8) colocou a mão na cabeça da mulher e falou: "Em nome de Jesus, levanta e anda", e ela andou. Naquele exato momento comecei a chorar sem parar, eu não conseguia conter as lágrimas, tamanho era o poder de Deus. Ali nascia um novo Izael Mariano."

João Lírio Navas

"Eu converti em 1965, na igreja do Jabaquara, quando tinha 24 anos, após uma vida conturbada. Embora fosse de origem católica, antes da conversão eu frequentava tendas de Espiritismo e Umbanda. Eu tive uma vida de vícios relacionados a drogas, bebidas alcoólicas e frequentava salão de dança. Comecei nas drogas com 16 anos, e nas farras ainda mais novo, com 14 anos; depois vieram as religiões, as feitiçarias. Deus manifestou o seu grande amor por mim através de um homem de nome Rafael. Ele era meu amigo e morava na época no alto da Mooca, ele foi usado por Deus para me levar à igreja do Jabaquara. O Rafael estava realizando uma obra evangelística, dentro das suas possibilidades e conhecimentos. Antes de me convidar para ir à igreja o mesmo tinha me dado um presente, um exemplar da Bíblia. Isso foi muito importante, pois eu estudava as obras espíritas e lia os livros de Alan Kardec e passei a ler também a Bíblia. A leitura da Bíblia foi uma luta da luz contra as trevas. O interesse na vida espiritual foi aumentando e um dia lhe pedi para me levar a uma palestra na igreja. Nós fomos, era uma quinta-feira à noite, no início de fevereiro de 1965, eu estava com 24 anos de idade, e, naquele dia, eu aceitei a Jesus como Senhor e Salvador de minha vida. Ao voltar para casa joguei fora toda a roupa branca do espiritismo e nunca mais voltei ao centro espírita e nem aos centros de danças, eu era uma nova criatura."

João Lamim

“A minha família veio para São Paulo em 1962, fixando residência na cidade de Diadema. Aos 12 anos eu comecei a trabalhar no comércio, como balconista. Em meados de maio de 1966, deixei de ir à escola para visitar uma igreja, gostei muito. Eu era um adolescente de 16 anos, que gostava de ir a matinês no cinema, e sempre passava na casa da minha prima, que ficava no meio do caminho, para convidá-la. Maria José era da ICPBB de Diadema (hoje, Maria está na glória). Ela me convidava para ir à igreja, e eu, convidava-a para ir ao cinema. Num daqueles domingos, a prima estava no portão da sua casa e, quando eu me aproximei, ela me fez uma proposta: se eu fosse à igreja com ela, ela iria comigo à matinê do cinema. Eu concordei e, escondido dos meus pais, fui com ela ao culto. Ao fim da pregação, o então diácono Izael Mariano, fez o apelo e eu aceitei a Jesus como Salvador (maio de 1966). Eu senti a presença do Senhor e acabei levantando as duas mãos na hora do convite, pensando que aquele povo nunca mais me veria, pois eu era católico roxo. Ao voltar para casa, a minha mãe achou algo estranho em mim, pois o meu rosto estava brilhando, o meu semblante estava diferente. Eu contei que fui à ‘igreja dos crentes’ e aceitei a Jesus. Eu estava nascendo de novo, um milagre de transformação em minha vida.”

Natalino de Jesus Bisigati

“Pela facilidade de fazer amigos, estes não me faltavam. Sempre fui um homem agradável para conversar, ainda mais quando o ambiente era um boteco, e uma boa cachaça à disposição. Eu apreciava muito a bebida e o meio que ela proporcionava. Eu julgava que as coisas caminhavam muito bem. Tinha um bom emprego e aguardava a chegada da primeira filha, enfim, para mim, as coisas não podiam estar melhores! No ano de 1978, Ana, a mãe da minha esposa Cleide, encontrava-se muito enferma. Por intermédio de algumas tias de Cleide, uma missionária evangélica chamada Odila foi contatada para iniciar uma série de cultos, com o propósito de buscar a cura da enfermidade da sogra dele. Os cultos eram realizados em minha casa, por ter um espaço maior. Numa noite de sexta-feira, eu cheguei a minha casa e o culto estava em andamento, como de costume... naquele dia, algo diferente aconteceu! Eu percebi isto ao entrar em casa. Naquela noite, eu tive um encontro com Jesus e com a sua Palavra. Eu não tive outra saída, a não ser render-me totalmente aos pés de Jesus de Nazaré. Foi uma conversão genuína e instantânea. Na sala da minha casa ajoelhei como pecador para receber a oração de alguns irmãos, mas, ao levantar, já era um homem de Deus, uma nova criatura! No dia seguinte, ao chegar à empresa onde trabalhava, eu falei aos colegas nestes termos: “Não contem mais comigo para os encontros nos balcões de bares, pois agora sou crente!”. Os amigos, surpresos, disseram entre eles: “ele está louco, isto é só fogo de palha, logo acaba!”. Lá se vão quase quarenta anos!”

Ronaldo Monteiro

“O bispo Ronaldo foi levado por sua avó paterna, Palmira de Jesus Monteiro (in memoriam), à ICPBB, desde a sua infância:

– A minha vó uma era uma cristã autêntica, verdadeira e uma grande pregadora do evangelho de Cristo. Aos treze anos de idade eu aceitei a Jesus como o meu único e suficiente Salvador na ICPBB no bairro do Pari (em São Paulo). No dia 11 de abril de 1976, antes de completar quinze anos, decidi me batizar, atendendo à ordenança de Jesus.”

2ª Categoria – A experiência carismática

Carlos Minozzi

“Alguns dias depois da maravilhosa experiência de conversão, ao contar isso ao meu sogro, Bruno Karschi, ele comentou comigo que trabalhava na empresa do Pr. Epaminondas Silveira Lima, e que este estaria inaugurando um Tabernáculo para cultos no bairro de Indianópolis - SP, e me incentivou a ir até lá! No dia seguinte fui até o Tabernáculo e conheci o Pr. Nourival Silveira Lima, que na ocasião estava dando a abertura ao culto, e citou o Salmo 37:5 – ‘Entregue o seu caminho ao Senhor; confie nele, e ele agirá’, e quando ouvi esse texto fui impactado na alma, como quem leva um choque elétrico! Cerca de vinte e cinco dias depois da primeira ida ao Tabernáculo passei pelas águas batismais. Alguns dias após o batismo houve um culto tremendo e nele fui batizado com o Espírito Santo. De noite ao me deitar para dormir, minha esposa pensou que eu havia enlouquecido, quando comecei a falar em línguas ali deitado em cima da cama! Aleluia!”

Geraldo Casemiro Pereira

“Eu fui batizado nas águas no dia 18 de maio de 1958. Sete dias após o meu batismo, foi realizado um culto para buscar a bênção do batismo no Espírito Santo e os dons espirituais. A unção derramada foi tanta que, de repente, ouviram-se gritos proferidos por uma vizinha, que dizia que a tenda estava pegando fogo e, incontrolável, clamava por socorro. O pastor Epaminondas saiu por um instante para ver e constatou que o que a senhora presenciara era a mais pura demonstração do poder de Deus, e acalmou a senhora, dizendo-lhe que o que ela estava vendo era o fogo do Espírito de Deus. O culto tornou-se mais avivado ainda e, perto das 22hs, vinte e cinco crentes foram tomados pelo poder do Senhor e batizados no Espírito Santo, com a evidência do falar em línguas estranhas. Entre eles, eu, que, em seguida, fui chamado pelo pastor Epaminondas para ajudar na direção dos cultos de oração que se faziam às segundas-feiras.”

João Lamim

“Depois de um mês e dez dias que fui batizado nas águas, eu fui batizado no Espírito Santo durante uma vigília na igreja em que reuníamos para buscar o batismo e os dons do Espírito Santo. Em seguida, poucos dias depois, eu recebi o dom de profecia e o dom de interpretação de línguas.”

Natalino de Jesus Bisigati

“Quando me converti, tinha passado apenas 20 anos do grande avivamento em São Paulo, com as tendas e muitos trabalhos evangelístico. Naquela época e principalmente pela liderança da Missionária Odila (esposa do Rev. Epaminondas, fundador da ICPBB), havia muitas reuniões, cultos e vigílias com o propósito de buscar o Batismo no Espírito Santo. Embora novo convertido frequentava estes trabalhos e via muita gente sendo batizado no Espírito Santo, então comecei a buscar com mais intensidade, da forma costumeira da época, ou seja, indo à frente e recebendo a imposição de mãos, sendo abraçado por irmãos que oravam, intercedendo e incentivavam a glorificarmos ao Senhor. Tudo era feito sempre no comando da Missionária Odila, eram batizados pessoas de todas as idades, de crianças até anciãos. E foi numa destas vigílias na Mooca (Rua Jaboticabal) que eu recebi o batismo com a evidência de falar em línguas estranhas. Não foi assim com muito barulho, mas recebi com muita intensidade (apoiado e orientado pela Missionária Odila), não tive dúvida que fosse a manifestação sobrenatural de Deus; apesar de esperar e pensar que fosse com maior visibilidade ou mais gritaria. Isto aconteceu entre os anos 1981/1982, embora desde a conversão em 1978 sempre acreditei nesta manifestação de Deus a respeito do batismo no Espírito Santo e sempre busquei. Um caso bem significativo, importante sobre a experiência do Batismo com o Espírito Santo foi o que aconteceu com o irmão da minha esposa, a Cleide, o agora também pastor da ICPBB, Vanderlei Peres, que foi batizado no Espírito Santo de uma forma contundente, sem vir à frente da igreja, sem receber imposição de mãos ou interseção, sem estar em nenhuma vigília. O fato se deu na rodovia Fernão Dias, dentro do carro, de madrugada, quando vinha de uma viagem de Belo Horizonte para São Paulo. Estava sozinho orando e de repente aconteceu, começou a falar em línguas estranhas e não conseguia parar de falar, até mesmo quando parou para tomar um café e descansar um pouco, não conseguia falar em português com o balconista.”

Ronaldo Monteiro

“Quando eu estava na primeira passagem pela igreja do Pari, ainda bem jovem, observava os irmãos falando em línguas estranhas e desejava também possuir este dom. Eu passei a acompanhar alguns irmãos da igreja que, após o culto de sábado, frequentavam uma vigília que era feita num monte em Itaquera. Lá, no monte em Itaquera, nos encontrávamos com outros grupos de irmãos que tinham o mesmo propósito de orar e buscar os dons espirituais. Foi assim, subindo o monte para orar que começou minha busca pelo batismo no Espírito Santo. Buscava de verdade, com muita intensidade e fervor. Algumas vigílias eram feitas debaixo de chuva, nós de guarda chuva

e capa, e também nas madrugadas de muito frio. Depois de vários meses de busca, em uma madrugada eu estava orando e, de repente, num lampejo abri os olhos e vi uma estrela correndo de uma ponta a outra e, quando ela chegou ao outro extremo do céu, caí de joelhos falando línguas estranhas. Aos poucos senti que aquela experiência ia se modificando, como se aperfeiçoando até chegar no que é hoje, pois é frequente em minhas orações e ministrações falar em línguas, decorrente da presença do Espírito de Deus. Este é o que eu chamo de um pequeno relato de uma grande experiência.”

3ª Categoria: O Ministério

Carlos Minozzi

“Seis meses depois da minha conversão já estava dando abertura nos cultos, logo comecei a pregar a palavra de Deus no Tabernáculo, nas casas, nas praças, etc. Logo que comecei a dirigir os cultos, tive uma das experiências que vieram a marcar a minha vida para sempre! Eu estava dando abertura do culto no Tabernáculo, o lugar estava lotado, e eu estava tão cheio da graça de Deus, que ao saudar a igreja dizendo: ‘A paz do Senhor’, na mesma hora caíram nove pessoas possuídas de demônios, e ali mesmo antes de o culto começar oramos por elas e elas foram todas libertas! Cerca de dois anos depois da conversão fui consagrado ao diaconato, após quatro anos a presbítero, e após sete anos ao pastado. Fui um dos fundadores da Igreja de Indianópolis e o primeiro pastor a liderá-la! Também estive atuando ativamente no nascimento das igrejas de: Cidade Leonor; Vila Guilherme; Grajaú; Jabaquara; Carapicuíba; Osasco; Santa Clara; Vila Diva; Pari; Vila Bancária; Jardim São Luiz. Durante 14 anos da minha vida, entre 1965 e 1979, eu saía de minha casa pela manhã as 5:30h para trabalhar, e depois ia direto para as igrejas, e só retornava para casa após a meia-noite! O Rev. Epaminondas me incumbiu de pastorear três igrejas ao mesmo tempo (Carapicuíba, Osasco e Grajaú). Até hoje, eu não sei explicar como consegui tal feito! Creio que era o Salmo 108:13 ‘Em Deus faremos proezas, pois ele calcará aos pés os nossos inimigos’, se cumprindo em mim (proezas). A chama do Espírito Santo ardia tanto em meu coração que eu não enxergava obstáculo e nem dificuldades para fazer a obra de Deus! Eu participei em várias viagens missionárias pelo Brasil: Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Alagoas, Rio de Janeiro. Juntamente com o Rev. Epaminondas e alguns preciosos companheiros: Miss. Ada, Pr. Oswaldo, Pr. Cassiano, Miss. Neide, Pr. Walter Fragoso, e outros. Em 1962 eu participei do movimento evangelístico do Doutor Billy Graham em São Paulo, onde pude conhecê-lo pessoalmente! Neste trabalho utilizamos a Catedral Presbiteriana e o Estádio do Pacaembu, foram mais de 5.000 vidas salvas! Em 1979 eu fundei o grupo de louvor ‘Caminho de Salvação’. Foi um período itinerante percorrendo todas as igrejas de nosso ministério e de outros ministérios, pregando a palavra e ministrando o louvor, dezenas de vidas se converteram a Cristo! Numa noite de muita chuva onde a cidade de São Paulo estava sendo castigada por uma daquelas tempestades de verão, eu morava na Vila Prudente e precisava ir ao culto em nossa igreja em Indianópolis, mas a chuva era tanta, que no rádio havia a recomendação para que não se saísse de casa, pois a chuva era torrencial e já havia pontos de alagamento em quase todas as regiões de SP. Minha esposa disse para eu não sair, mas não consegui deter o impulso do Espírito Santo dentro de mim! Sai debaixo do temporal, peguei

duas conduções até a igreja! Ao chegar lá não havia um irmão sequer! A água entrou no templo até a altura do joelho! Eu fiz uma oração, subi ao púlpito, cantei um hino da harpa! Em seguida o Senhor Jesus me mandou pregar a palavra! Mesmo todo molhado comecei a pregar na igreja vazia, quando de repente um homem negro, estatura mediana, magro, aparentemente alcoolizado, entrou totalmente encharcado e sentou-se! Eu continuei pregando por mais uns 20 minutos, quando acabei, fiz o apelo e aquele homem por nome Roque, aceitou a Cristo! E para nossa grata surpresa no culto seguinte lá estava o Roque, hoje ele é o Diácono Francisco Roque e serve a Deus em uma das Igrejas da Pentecostal da Bíblia, na zona sul de SP.”

Daniel Evaristo

“Eu lembro com muita alegria do tempo em que eu fui designado a cooperar na igreja do bairro de Cidade Leonor, em São Paulo, dirigida à época pelos presbíteros Geraldo e Jaloques. Eles faziam muitos cultos ao ar livre, carregando aquela aparelhagem pesada para as esquinas daqueles bairros. Era muito gostoso e prazeroso fazer aquilo, pois entendíamos que era pela obra de Deus e que Ele nos recompensava sempre. Tempos depois, eu me desloquei para a cidade de Itapeva/SP, e ali comecei a fazer cultos itinerantes nas casas e o número de pessoas frequentadoras crescia muita rapidamente. Numa atitude ousada, aluguei um salão onde funcionara um centro de umbanda, e o pai-de-santo dali veio a converter-se dias depois. Esse foi um grande milagre, inesquecível, pois causou grande impacto em toda a comunidade.”

Élio Ribeiro de Oliveira Barros

“Em novembro de 1.961 fui elevado ao Diaconato. Pela necessidade da obra fui consagrado a Presbítero em janeiro de 1.964. Crescendo minhas atividades no ministério fui consagrado Pastor em fevereiro de 1980. Por derradeiro em março de 1.997, quase 40 anos após minha conversão, atingi o mais elevado grau da hierarquia na Igreja sendo consagrado a Bispo. Visto que eu estudava a noite, pude ajudar durante o dia no Escritório da Cruzada Brasileira de Evangelização, que posteriormente foi sucedida pela criação da ICPBB, ambas estavam sediadas na Rua da Glória 111. Na época a ICPBB tinha o programa radiofônico ‘Cristo a Esperança do Mundo’ na antiga Rádio América, programa esse que motivava grande afluência de pessoas para aquele escritório. Essa atividade perdurou de outubro de 1.958 até janeiro de 1.961, quando foi extinto o escritório. Tive a honra de juntamente com o Pastor Epaminondas, a Missionária Ada e mais 20 outros irmãos figurar como um dos membros fundadores da ICPBB. Desde a fundação em outubro de 1.958, até outubro de 1.965 ocupei a função de Segundo Secretário Nacional. Fui secretário das unidades da ICPBB do Pari, no período de novembro de 1.961 até maio de 1.968, e da ICPBB da Vila Guilherme de fevereiro de 1.969 até fevereiro de 1.989. Fui presidente nacional da ICPBB, no período de fevereiro de 1.989 até fevereiro de 1.993. Assumi como professor, a extensão da ESTPV em Vila Guilherme, lecionando por quase seis anos. Assim no período de abril de 2.004 até fevereiro de 2.010 ministrei as dezenove matérias do Curso de Aperfeiçoamento Pastoral. O referido curso que demandou praticamente seis anos graduou vinte e seis

seminaristas. Desde a criação do Conselho de Pastores, que depois foi substituído pelo Conselho Deliberativo, até a presente data, participei como membro ativo. Em todos os trabalhos de aperfeiçoamentos estatutários ou regimentais, exerci a função de relator, isso desde abril de 1.985 até Abril de 2.007. Por último, assumi o pastorado da ICPBB - VILA GUILHERME. Fui empossado em 17 de maio de 2.009.”

Geraldo Cassemiro Pereira

“Logo após ser batizado no Espírito Santo, eu fui convocado para o trabalho na obra do Senhor. Naquela época eu residia no bairro de Vila Santa Catarina, na Rua Honduras, nº 10, onde recebi a visita do pastor Epaminondas, que me instruiu sobre como ministrar a Palavra do Senhor. Eu tinha pouca leitura, posto que cursei apenas até o segundo ano primário e, por isso, o pastor Epaminondas me sugeriu começar as minhas ministrações falando do amor de Deus, usando como texto base João 3.16, que escreveu para mim em letras de forma, pois era a única maneira que eu conseguia ler e entender. Meses depois, o pastor Epaminondas alugou uma sala comercial no centro de São Paulo, no Bairro da Glória, na Rua da Glória, 111, 2º andar, e me convidou para participar do curso de discipulado, todas as quartas das 20 às 22hs. Aproximadamente um ano após o discipulado e, numa crescente vida de oração e dedicação à obra do Senhor, o pastor Epaminondas me escolheu para dirigir um salão recém-inaugurado na rua Ibuti, nº 6, no bairro de Cidade Leonor. No transcorrer de mais nove anos, eu que era diácono fui separado a presbítero e, finalmente, ao pastorado em 1968. Eu fiz um trabalho que marcou a igreja, uma campanha denominada “Os trezentos de Gideão”. A igreja se mobilizou, o Senhor honrou e o resultado foi, naquele ano, 298 almas se renderam aos pés do Senhor Jesus. Passou o tempo e conclamamos a igreja para uma nova campanha, a busca do batismo no Espírito Santo; a colheita foi maravilhosa, pois em um ano foram batizados 128 irmãos no Espírito Santo. Após o ano de 1971, eu ajudei a inaugurar as igrejas de Vila Campestre, Vila do Encontro (hoje denominada Vila Fachini). Em 1974, assumi a igreja de Vila Ema (atual Vila Diva). Então conclamamos a igreja a erguer um templo próprio. Deus falou ao meu coração para vender a minha casa em São Bernardo do Campo e investir todos os recursos na construção do templo. Fui com a minha família morar de aluguel no bairro de Vila Ema. Faltava a cobertura, o telhado. Outra vez ouvi a voz do Senhor, que me orientou a respeito da cobertura do templo. Sem titubear, vendi o meu automóvel e empreguei todo o valor na obra. Eu congrego nesta igreja até hoje. Na direção de Vila Diva, inaugurei ainda as igrejas de São Bernardo do Campo e São Carlos. Fui convidado também pelo amigo, pastor Daniel Evaristo, para construir a Igreja Pentecostal da Bíblia de Ibipecta/BA. Em 15 dias erguemos e cobrimos o templo. No total construí 18 templos evangélicos e um acampamento na cidade de Rio Bonito/SP, pertencente à Igreja Pentecostal da Bíblia do bairro do Jabaquara/SP, mas o maior legado são as inúmeras almas que ganhei durante a minha trajetória ministerial, as inúmeras pessoas que tiveram as suas vidas curadas e transformadas pelo poder do Senhor Jesus, na operação do Espírito Santo, durante o meu ministério na pregação do evangelho.”

Izael Mariano

“Durante o dia eu trabalhava como policial e à noite ia para a igreja. Naquele tempo, a tenda foi para Indianópolis e, depois, para o Ipiranga, mas a intenção do reverendo Epaminondas não era formar uma igreja local. Na qualidade de missionário e evangelista, ele queria fazer o trabalho de evangelização nas igrejas, não queria ser líder de um ministério. No entanto, mesmo sem ser essa a sua intenção, vários salões começaram a se estabelecer, porque a tenda ficava durante um período num lugar e, quando saía, os convertidos passavam a se reunir num salão alugado. Dessa forma, sem o reverendo perceber, formava-se a Igreja Pentecostal da Bíblia. Em virtude das muitas viagens do reverendo Epaminondas, eu fiquei como diácono na igreja do Jabaquara. Em seguida comecei uma congregação no Bosque da Saúde, pois era muito difícil para os que residiam naquele bairro ir para o Jabaquara, por causa do transporte precário. Eu, também, fui encarregado de pregar nas praças, e muitos vieram a aceitar a Jesus como Salvador nessas reuniões. Como para ser ordenado a pastor era preciso ter o crivo do aprendizado bíblico, eu estudei teologia por um longo tempo. Depois eu criei o Seminário Teológico, para treinar os obreiros, pois isso evitaria situações desagráveis, tanto para a igreja como para os pastores. Formados eles poderiam ajudar de uma forma mais ativa na condução das atividades eclesásticas, entre outras razões. Dessa forma, seria mais fácil conduzir o rebanho nos caminhos do Senhor.”

João Lírio Navas

“Após o meu batismo eu me dediquei muito, me envolvendo de forma efetiva nas atividades da igreja, na mocidade. Talvez por causa dessa dedicação, eu acabei atraindo a atenção do fundador do nosso ministério, o reverendo Epaminondas e, depois de um ano de convertido, passou a me convidar para dar aula para adolescentes na Escola Bíblica Dominical. Por meu desprendimento, no início de 1967, na Convenção Nacional (sendo que a primeira Convenção tinha sido em 1959), o Rev. Epaminondas me indicou como obreiro. Naquele mesmo ano, eu casei, em julho de 1967. Depois que casei, fui indicado a diácono. Atuei como diácono durante três anos, depois fui separado a presbítero e, em janeiro de 1975, fui ordenado a pastor auxiliar. Sou pastor há 45 anos na igreja do Jabaquara, sempre na mesma igreja. Foram múltiplos trabalhos desenvolvidos, desde a época de obreiro até agora. Muitas ações evangelísticas, todas com excelentes resultados na transformação de vidas. Foram muitos criminosos que se renderam aos pés do Senhor e foram regenerados, alguns até mesmo se tornaram oficiais da igreja. Mulheres que viviam na prostituição e hoje são exemplares donas de casa.”

João Lamin:

“Após a minha conversão eu me integrei às atividades da igreja, ávido por aprender a Bíblia frequentei as classes de Escola Bíblica Dominical, da classe de novos convertidos, passando pela classe de adolescentes, até a de jovens e adultos. Fiz estudos e pesquisas por conta própria e, por causa des-

sa dedicação, fui chamado para começar a dar aulas. Mais adiante fui conduzido à liderança dos jovens, e também comecei a cooperar com a juventude em nível nacional. Nessa época eu conheci a minha futura esposa e foi também nesse tempo que adquiri muitas experiências nos cultos nos lares, em visitas a hospitais, começando assim a minha carreira ministerial. Eu preguei pela primeira vez na igreja de Jabaquara quando era o presidente da mocidade. Uma experiência marcante aconteceu quando eu ainda tinha apenas dezenove anos. O pastor Benedito, que era do bairro de Vila Faquini me convidou para pregar. Eu preparei a pregação numa folha de papel, frente e verso, e estava todo empolgado, então, coloquei a folha em cima do púlpito, mas alguém ligou o ventilador e a folha voou para debaixo dos bancos. Naquela noite, eu preguei por 45 minutos sobre os milagres de Jesus e percebi que o importante não era o que estava escrito, mas sim o que Deus tinha colocado em meu coração. Eu comecei a cooperar na igreja como obreiro, depois atuei como diácono durante quatro anos, nove anos como presbítero e depois iniciei o pastorado. Fui eleito presidente e consagrado a bispo. Fui, durante nove anos, vice dirigente do pastor Israel Mariano, em Diadema, e depois fui para São Bernardo do Campo (Jardim Beatriz), onde fiquei mais nove anos, sendo esta a primeira igreja que dirigi como pastor. Antes de São Bernardo eu fui convidado para fazer parte da diretoria nacional, em duas gestões, já na década de 1990 quando assumi a direção da Igreja Pentecostal da Bíblia no bairro da Mooca, em São Paulo.”

Natalino de Jesus Bisigati:

“A minha vida ministerial se mistura com a da Cleide, a minha esposa, pois sempre estivemos juntos em tudo o que fizemos. O fogo do evangelho ardia tanto em nossos corações que, o culto semanal em nossa casa já não era suficiente para preencher a sede de Deus que havia tomado conta de nossas vidas. Em função desse desejo ardente, nos deslocávamos para a ICPBB da Mooca, dirigida na época pelo pastor Dirceu, o responsável pelo trabalho que se iniciava em Arujá. Todos os domingos, de manhã e à tarde, eu, a Cleide e toda a família nos assentávamos para participar da mesa farta de Cristo. E, assim, dia após dia íamos crescendo em conhecimento e graça. Resolvemos então que a Pentecostal da Bíblia deveria ter um trabalho, uma igreja em Arujá. A Pentecostal da Bíblia iniciou o seu trabalho na cidade de Arujá no ano de 1980. O começo do trabalho não foi fácil! A igreja, que havia começado na sala da nossa casa, cresceu e precisou de um ambiente maior. Um primeiro salão foi alugado e, logo em seguida, com a doação de um terreno, começamos a construção do primeiro templo em Arujá. O terreno, com uma edícula nos fundos, seria usado na construção do futuro templo. Sempre no segundo sábado de cada mês era realizado o culto de Santa Ceia na pequena igreja. Era o começo de tudo, inclusive do nosso ministério. Havia poucas pessoas, e a aparelhagem precisava ser improvisada. Mas o fogo ardia em nossos corações, não pararíamos mais. Naqueles dias nós usávamos a penteadeira da Cleide como mesa na Ceia. Esta era desmontada na sua parte superior e colocada sobre os meus ombros no percurso de cerca de trezentos metros de distância entre o templo e a nossa casa. Estes momentos não são esquecidos, pois no trajeto vinha à minha cabeça o que pensavam as pessoas que presenciavam esta cena mensal de um homem com uma penteadeira nos ombros? Alguns podiam pensar que eu era louco, outros podiam dizer: ‘Este negócio não tem como dar certo, ainda mais com uma penteadeira!’. Quem vê hoje um templo construído, tam-

bém nunca esquece que aquela igreja começou um dia com a vontade de trabalhar de alguns! Cleide emprestava a penteadeira, eu a carregava, e a obra teve início. Os anos se passaram e obra continuou crescendo; o primeiro templo já não comportava a quantidade de membros, e, assim, um novo lugar foi comprado e foi construído em um local mais amplo. Várias congregações nasceram nos bairros de Arujá, por meio do trabalho de evangelização da igreja-mãe. Era Deus dizendo: ‘Estou aprovando o seu trabalho’. Deus sabe como honrar os seus servos fiéis. Nas Sagradas Escrituras temos a história de Noé, que começou a sua arca com um tronco de madeira, nós começamos a obra que Deus nos deu a fazer com uma penteadeira nos ombros. Em abril de 2005, o homem que usava a penteadeira de sua esposa para celebrar a Ceia do Senhor foi eleito pela convenção presidente nacional das Igrejas Cristãs Pentecostal da Bíblia do Brasil. Tudo que passamos, eu e a Cleide, todo trabalho, o desgaste e o tempo gasto, valeu a pena! Faríamos tudo de novo!”

Ronaldo Monteiro:

“Ainda jovem, participei de todas as ações de evangelização realizadas pela igreja, visitando várias vezes a extinta FEBEM, onde eram realizados cultos. Na nossa igreja do bairro do Pari fui obreiro, diácono e presbítero, atuando por 15 anos. Alguns anos se passaram e eu fui separado para obreiro, e minhas responsabilidades começaram a crescer dentro da igreja. Trabalhando sem olhar para as dificuldades, já fazia parte das comissões de livro ata nas reuniões ministeriais, convenções que, na época, aconteciam na ICPBB de Jabaquara. Ainda guardo em minha memória a presença do nosso saudoso pastor Epaminondas Silveira Lima que, durante os quatro dias de carnaval dirigia as convenções. O meu ministério pastoral foi pautado por participações e aprendizados em várias diretorias. Quando fui levado ao diaconato a minha vida passou a ter outras prioridades. Foi nesse tempo que casei com a Eloisa, dando início à minha família. Alguns anos depois, eu mudei da ICPBB de Pari para a ICPBB de Vila Guilherme, na época presidida pelo saudoso bispo Nelson Ribeiro. Nesta igreja, eu realmente comecei a minha vida ministerial. Chegando à ICPBB de Vila Guilherme, fui escolhido para dirigir a mocidade e o grupo de louvor na época. Passei também a cuidar das finanças da igreja, assumindo a tesouraria da ICPBB de Vila Guilherme. Colaborei também com a UMPB (União de Mocidades da Pentecostal da Bíblia), com o saudoso pastor Davi. No mês de março 1996, já consagrado a presbítero tomei posse como dirigente da ICPBB de Vila Guilherme, tendo como auxiliar o pastor Élio Ribeiro. A igreja estava passando por uma fase de ajustes, tinha poucos membros e era necessário experimentar uma renovação em todos os sentidos. No período de um ano, a igreja passou de trinta membros para uma frequência média de duzentos membros. O crescimento foi fruto de um trabalho sério e com responsabilidade. A igreja cresceu e precisava de um local maior para congregar. Eu orei e recebi uma confirmação da parte de Deus para alugar o prédio de uma antiga indústria metalúrgica, com o telhado e o piso destruídos, um lugar que aos olhos humanos não tinha condições de abrigar uma igreja, mas Deus estava no controle de todas as coisas. No ano de 2000, a ICPBB de Vila Guilherme se muda para o seu novo endereço. O lugar outrora destruído foi totalmente reformado e estava com outro aspecto. Logo a igreja cresceu e precisou ampliar mais uma vez a sua capacidade para um público de 700 pessoas. Neste local aconteceram muitas bênçãos, ali foram formadas famí-

lias, jovens que chegaram como bebês cresceram e formaram as suas próprias famílias, eu apresentei os filhos de muitos daqueles jovens. Ali também Deus levantou presbíteros e pastores que hoje dirigem igrejas. Logo eu fui convidado para participar da diretoria nacional, pelo então pastor Dirceu Batista, compondo a chapa como segundo tesoureiro, que foi eleita para administrar o ministério. Numa segunda fase do meu ministério, eu fui convidado pelo bispo João Lamim para compor a chapa como segundo vice-presidente. Com o passar dos anos, fui convidado novamente para compor uma chapa na diretoria nacional com o bispo Natalino. Então, fui ordenado bispo no dia 4 de fevereiro de 2001 e assumi o cargo de primeiro vice-presidente nacional da ICPBB. Fui constituído Superintendente da Regional Litorânea, lá eu iniciei um trabalho de evangelização, criamos onze novas congregações, que hoje estão dando frutos para glória do Senhor Jesus. Diz a Bíblia, em Eclesiastes 3.1 que tudo tem um tempo determinado. No ano de 2010, fui eleito à presidência do ministério, montei uma equipe de trabalho para revolucionar em todas as áreas da igreja. E além da direção geral do ministério, criei outra atividade, organizar viagens de peregrinação para Israel. O foco do meu mandato tem sido missões, a propagação do evangelho do Senhor Jesus a todos os povos, desejo que sempre existiu em meu coração. As minhas experiências com viagens para o exterior fizeram aflorar ainda mais no meu coração a necessidade de evangelizar o mundo, levando um evangelho sadio e sem engano. Eu acredito que o primeiro chamado na minha vida foi para andar com Deus, e isso é o diferencial em minha vida. Eu sei que estou a serviço de Deus e não de homens, e quem serve a Deus não busca projeções pessoais, cuidar do rebanho do Senhor é algo mais importante do que tudo.”

4ª Categoria: Os fenômenos sobrenaturais

Carlos Minozzi

“Por volta do ano de 1964 minha esposa vinha sofrendo como uma hemorragia por cinco anos, e os médicos não conseguiam êxito nas mais diversas tentativas de tratamento! E após eu orar insistentemente, ela foi milagrosamente curada! Minha cunhada Vilma estava desenganada pelos médicos do Hospital Santa Cecília, em São Paulo, e os mesmos já haviam comunicado a família para se prepararem para o pior, pois ela morreria nos próximos dias! Eu fui até aquela UTI, e orei pela Vilma, e o nosso Rei e Senhor Jesus Cristo resolveu entrar com a sua mão forte! E para surpresa dos médicos, a cura aconteceu! E para glória de Deus a Vilma viveu mais 28 anos cheia de saúde! Num culto em Vila Santa Clara em meados da década de 80, eu estava no púlpito e de repente Deus tomou a igreja em uma adoração extraordinária, e um dos nossos músicos (Eliseu) estava com o seu filho no colo, aquele menino tinha uma doença rara e incurável! Eu desci do púlpito em meio àquela atmosfera tremenda de adoração que inundou a igreja, me aproximei do Eliseu e disse: ‘Me dá o menino’! Peguei-o no colo, convoquei a igreja para um clamor e Deus operou o milagre na hora! Este menino hoje já é um pai de família! A filha criança do Pr. Demétrio subiu num tanque que havia nos fundos da igreja para beber água, e com o peso da menina o tanque de cimento soltou-se, e caiu sobre ela esmagando o seu crânio, foi um desespero terrível, só nos restava clamar a Deus naquele momento! E foi o que fizemos, oramos ao Senhor! E o crânio visivelmente amassado

foi gradativamente voltando ao normal ali na nossa frente! Essa menina está casada, tem filhos e está servindo ao Senhor em uma de nossas igrejas! Meu filho Bruno, (quando criança deveria de ter 3 para 4 anos de idade), ingeriu um produto químico para limpeza que havia na lavanderia de nossa casa! Quando percebi o fato não hesitei, peguei-o no colo, e clamei ao Senhor, quando terminei de orar, naquele mesmo instante o Bruno começou a vomitar todo o produto, o liquido parecia estar exatamente do mesmo jeito, com a mesma cor, densidade e cheiro do restante que estava no vasilhame, como se estivesse sido derramado direto da garrafa no chão! Ele ficou tão bem que nem precisamos levá-lo ao médico! Deus retirou todo liquido e não permitiu que causasse nenhum dano nos órgãos internos do meu Bruno!”

Daniel Evaristo

“Alguns acontecimentos sobrenaturais fortaleceram a minha conversão na nova vida pentecostal. Eu vou citar apenas dois casos, mas que foram fundamentais no fortalecimento da minha fé. Um foi o caso de uma senhora, cujo nome é Paula Martins Galvão. Antes de se converter ela era muito católica e sofria de um sério problema cardíaco, a ponto de receber acompanhamento médico em sua casa, com balão de oxigênio e tudo mais. Certo dia, ao saber dos cultos que eram realizados na Tenda a poucos metros de sua casa, resolveu visitar o local; camuflou a sua cama com travesseiros e o cobertor, e deixou o balão de oxigênio ligado, de tal maneira que quem chegasse à porta do quarto perceberia que ela estava dormindo. Enquanto isso, lá na Tenda o Rev. Epaminondas dirigia o culto naquela noite. Paula não conhecia ninguém lá, e mesmo sendo muito idólatra Deus operou naquele dia um grande milagre, curando e convertendo aquela mulher, que dali em diante não precisou mais viver da maneira como vivia. Depois disso, em outro culto, já no salão alugado no Jabaquara, superlotado, aconteceu um fato que também me levou a mergulhar de vez na obra do Senhor. Certa irmã profetizou e me disse que Deus me havia livrado e que tinha uma obra em minha vida. Enquanto ela falava essas e outras palavras, lembrava que, dias antes, no exercício da profissão, marginais jogaram facas contra as minhas costas, tentando matar-me, houve tentativa de linchamento e outros perigos enfrentados na profissão. Eu pensava como Deus pode usar uma mulher para falar comigo? E então Deus, prontamente falou pela boca daquela irmã, respondendo a indagação que tinha feito em minha mente dizendo que, se Ele usou uma jumenta para falar com Balaão, como não usaria aquela mulher? Esses milagres e, muitos outros mais, edificaram a minha fé e me ajudaram muito no início da carreira pentecostal.”

Élio Ribeiro de Oliveira Barros

“Em meados de 1.989, num sábado após o culto, eu e um grupo de irmãos fomos realizar uma vigília, na cidade de Mairiporã, num sítio de uns parentes, localizado numa região bem elevada da Serra da Cantareira. Acompanhado de mais alguns carros, fui com minha perua Kombi, ano 1.979, levando oito irmãos contando comigo. A viagem de ida e volta foi sem contratempos. De madrugada retornamos bem. No dia seguinte, após descansar um pouco, eu e minha esposa Neli, fomos almoçar na casa de nossa filha, no bairro da Água Fria. Saindo de num apartamento da Rua Coronel Jordão,

tomei rumo a Santana pela Rua Maria Cândida. Chegando no cruzamento com a Avenida Ataliba Leonel, o semáforo fechou. Abrindo ele, iniciei a travessia da Ataliba e ao começar a cruzar a Avenida Dumont Villares, contígua a Ataliba, rumo a Rua Olavo Egídio, estando ainda em baixa velocidade, ouvi um grande estalo na parte traseira da Kombi, e comecei a perder o controle dela. Ela começou a puxar fortemente para o lado esquerdo. Com muito custo consegui chegar do outro lado, e acostar na calçada, agora já na Rua Olavo Egídio. Fui verificar o que ocorreria, e para minha surpresa, estourou um parafuso que segurava a barra de aço (facão) de sustentação do eixo e da roda traseira esquerda, fazendo a perua pender e assustadoramente puxar para aquele lado. Foi necessário um guincho para levar a perua até a oficina de um mecânico amigo meu. Quando ele examinou, disse que nunca havia visto um parafuso daquele estourar. Contando-lhe a viagem que fizemos a Mairiporã, ele foi taxativo, vocês devem dar muitas graças a Deus. Se esse parafuso estourasse quando vocês estivessem em velocidade, considerando o peso das oito pessoas, seria difícilimo segurar a Kombi na rodovia. Pior ainda seria se isso acontecesse na descida da Serra. No ano da minha posse como pastor da ICPBB de Vila Guilherme, em 2009, foi necessária uma reforma no Templo, mas que, para a execução dela não tínhamos recursos suficientes. Conforme orçamentos o custo da empreitada atingiria mais de R\$ 40.000,00. A Igreja começou a orar e a resposta veio em novembro de 2009, e em maio e junho de 2010. Nesses meses entraram três díizimos que totalizaram R\$ 47.300,00. A providência Divina se manifestou novamente.”

Geraldo Cassemiro

“Numa tarde de domingo, ao abrir o salão, enquanto me preparava para iniciar o culto, sem ninguém no local, uma vez que a minha esposa dera à luz recentemente e não podia estar presente, apareceu uma senhora com idade avançada e muito enferma, desenganada pelos médicos e, cansada, pede para sentar-se numa cadeira na entrada do salão. Ela pergunta se eu sabia de uma igreja que estava para inaugurar os seus cultos naquele bairro. Sem pestanejar e muito eufórico, afinal era a primeira alma que aparecia, disse à mulher que era ali mesmo. A senhora me disse que os seus pulmões estavam comprometidos e que os seus dias estavam no fim, pois não aguentava mais esta enfermidade. Elevei os olhos aos céus, coloquei as mãos sobre a cabeça da senhora e pedi ao Senhor Jesus para curar aquela mulher ali mesmo, na calçada. Antes mesmo de concluir a oração, a senhora, de nome Isabel, expeliu uma grande quantidade de catarro e foi curada instantaneamente. Após três meses do ocorrido com a irmã Isabel, e, na direção do trabalho, sensível à voz do Espírito Santo senti em meu coração o desejo de realizar o meu primeiro culto ao ar livre, o primeiro de muitos que viriam. Peguei o aparelho de som com seu microfone, coloquei-o em meus ombros, a corneta em meu braço esquerdo e na mão direita carregava a mala e um álbum de discos. Fui até o ponto final do ônibus Cidade Leonor e comecei a pregar. No transcorrer do culto, quando estava pregando a mensagem de João 3.16, fui interrompido por uma senhora, que vem gritando e dizendo que o filho dela estava acamado em sua casa, prestes a morrer. Imediatamente disse à mulher que voltasse a sua casa, pois o seu filho estaria sentado na cozinha comendo algo. Não demora muito, lá vem a mulher novamente, dessa vez gritando ainda mais alto. Aí eu pensei, pronto, o menino morreu, entretanto, a mulher diz a todos que o filho dela estava realmente curado,

sentado à mesa na cozinha, comendo bolacha e tomando leite. A mulher, muito agradecida fala em alta voz: ‘Domingo que vem o culto é na minha casa’. Naquele dia, 25 almas se renderam aos pés do Senhor Jesus. Assim começou a Igreja Pentecostal da Bíblia de Cidade Leonor.”

Izael Mariano

“O nosso ministério sempre desejou ter uma Escola de Teologia. Compramos um terreno e começamos a construir o prédio, mas, por falta de dinheiro, tivemos de parar a obra. Certo dia, um homem apareceu na porta da igreja em Diadema e pediu para assistir uma aula. Quando terminou o estudo, às 21h30min, ele perguntou quem era o pastor da igreja e quis saber se ele tinha documentação e o estatuto da igreja, sem dizer quem era. No dia seguinte eu mostrei todos os documentos para aquele homem, o regimento interno, o estatuto, etc. Aquele homem me disse que, de todas as igrejas de Diadema que ele visitou aquela era a única que tinha toda a documentação em ordem. Depois disso, ele se identificou como um missionário de uma comunidade evangélica na Alemanha, acrescentando que estava de férias na casa do filho. A comunidade o havia encarregado de levar uma oferta para uma igreja que praticasse filantropia. A oferta que a comunidade dele mandou era bem alta e foi mais do que suficiente para a continuidade da construção e finalização do prédio da Escola Teológica. Além desse dinheiro, os irmãos da Alemanha enviavam roupas, entre outras coisas, através do consulado, para o nosso ministério, o que ajudava muito na obra social.”

Lírio Navas

“Em 1978 eu já era pastor há três anos e, num retiro espiritual de jovens da igreja em Campo Limpo Paulista, Deus usou a missionária Ada em duas profecias, uma para o líder de jovens da época, Estevam Hernandes, e a outra profecia foi passada para a minha primeira esposa, em que dizia que iria usá-la no ministério de tempo integral. Naquela mesma noite eu preguei para os jovens. Em 1º de julho de 1978, a profecia que a Missionária Ada profetizou no encontro de jovens se concretizou, o Rev. Epaminondas me chamou para servir em tempo integral e, em janeiro de 1979, eu mudei para o bairro do Jabaquara. Em setembro do mesmo ano, o reverendo Epaminondas faleceu. Numa reunião com a missionária Ada, entre outros membros, de comum acordo me colocaram como pastor da ICPBB de Jabaquara, no lugar do Rev. Epaminondas. Pouco tempo depois que eu assumi a igreja no lugar do Rev. Epaminondas, o então líder dos jovens, Estevam Hernandes saiu da ICPBB e, mais tarde, fundou a Igreja Renascer em Cristo, uma das maiores denominações Neopentecostais do Brasil. Cumprindo a profecia que a Missionária Ada tinha proferido para ele.”

João Lamin

“Há mais de trinta anos a igreja ICPBB da Mooca realiza um culto de libertação todas as quartas. Anos atrás, um rapaz de Rondônia, que estava em São Paulo, tomou conhecimento desse culto. Ele entrou numa cadeira de

rodas e saiu do culto andando normalmente. Naquela semana, o rapaz passou pelo médico do hospital das clínicas, que ficou impressionado; após fazer alguns testes nas pernas do paciente e verificar que nada mais constava de errado, o rapaz voltou para a terra dele curado. Uma criança, neto de uma irmã em Cristo, que havia caído na piscina de sua residência, foi levada pelos bombeiros ao hospital, e dada como morta. Orei e ungi o menino com óleo sagrado. Passado uma semana, o neto daquela irmã saiu do coma. Na escola onde sou professor um aluno pediu que eu visitasse e orasse pela avó dele, que estava internada e toda entubada no Hospital da Consolação. A doença que a acometera estava em estágio avançado e ela não podia falar, embora estivesse consciente. Eu fui ao hospital e orei por ela, dias depois, recebi a notícia de que a avó do menino tinha saído do hospital, e estava em casa bem de saúde. Uma senhora precisava de quarenta pessoas para doar sangue, pois uma parenta dela estava desenganada. Perguntei se ela cria que Deus poderia fazer um milagre. A mesma respondeu que sim; então a igreja orou por ela, por volta das 21hs. Uma semana depois, ela voltou à igreja e pediu uma oportunidade para falar. Achei que ela pediria mais quarenta pessoas para doar sangue. No entanto, ela voltou lá para agradecer, e disse que, exatamente às 21hs do dia em que oramos os médicos deram alta para sua parenta sair do hospital porque ela não sentia mais nada. O milagre aconteceu. O meu filho sofreu um grave acidente no ano de 2011, quando quebrou a sexta vértebra da cervical. Eu cuidei dele de julho a novembro daquele ano, e houve um grande milagre. Deus foi tão maravilhoso que encaminhou tudo, pois não tinha só trincado, mas sim quebrado; ele tem 24 anos agora, e quando foi se apresentar ao médico em novembro, este diagnosticou que ele ficaria numa cadeira de rodas para o resto da sua vida, mas, no dia 1º de dezembro, ele começou a trabalhar, andando normalmente. Jesus é o mesmo, sempre curou e ainda cura. A verdadeira autoridade espiritual vem da Bíblia, na Bíblia se encontra a verdade, e a minha vida é obedecer e viver a Palavra.”

Natalino Bisigati

“No ano 2006, uma quinta feira eu preguei na ICPBB Mooca, bairro de São Paulo, no texto de Atos cap.3, no momento da oração da fé, usei como referência os versos 6 e 7⁵⁹ e então eu ia até as pessoas, pegava-as pela mão, trazia-as até a frente para orar por elas. No sábado, na ICPBB de Arujá para minha surpresa o Espírito Santo me deu ordem para pregar no mesmo texto, e no momento de oração da fé, como a igreja estava cheia e não era possível ir até as pessoas para pega-las pela mão e trazer até a frente, eu disse então que, se alguém tinha uma necessidade e tinha fé para alcançar a benção, naquele dia deveria fazer conforme o verso 4 do mesmo capítulo 3. Eu disse: você sairá do seu lugar e vira para frente, porém antes de vir para frente você vai olhar para mim e depois virá. Naquele dia estava na igreja a arquiteta Elaine Barboza, esposa do Vanderlei, que continuam na igreja, e a Katia esposa do Jonas, que agora moram na cidade de Santa Isabel. A Katia tivera cinco (5) abortos espontâneos e os médicos recomendaram não tentar outra gravidez. A Elaine havia feito tudo que era possível dentro da sua condição para engravidar e não tinha tido sucesso; tinha ido ao banco verificar a pos-

⁵⁹ Os versos 6 e 7 de Atos 3, tratam de um milagre realizado pelo apóstolo Pedro: “E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda. E, tomando-o pela mão direita, o levantou, e logo os seus pés e artelhos se firmaram.”

sibilidade de emprestar um dinheiro para uma última tentativa num procedimento mais caro. A Elaine olhou para outra e disse: vamos fazer este propósito que o bispo está propondo? A outra disse: vamos. Ai as duas olharam para mim e vieram a frente com outras pessoas, oramos e, para a glória e honra do Senhor, dez meses depois as duas estavam com suas filhas no colo; a Katia não abortou e o gerente do banco está esperando a Elaine até hoje. Hoje as meninas estão com mais ou menos 7 anos de idade. Este considero um dos maiores milagres acontecido em meu ministério.”

Ronaldo Monteiro

“Deus estava me preparando para um milagre que aconteceria em minha vida, que aos olhos de alguns seria impossível, algo que marcaria a minha vida para sempre. Certo dia, junto com o meu pai cheguei à casa de uma de minhas irmãs e vi o meu sobrinho tendo um ataque epilético. Eu fiquei muito impactado com toda aquela situação. Entrei no quarto e fiz uma oração pelo menino, pedindo a Deus um milagre. Quando terminei a oração pedi para no dia seguinte a minha irmã levar a criança para fazer novos exames. Para espanto de muitos Deus operou um milagre e a criança foi curada. Isso era apenas o início do que Deus ainda tinha para fazer, pois o meu pai, que até então era incrédulo aceitou a Jesus como seu Salvador e foi batizado com o Espírito Santo.”

5ª Categoria: Ação social

Daniel Evaristo

“No bairro Cidade Leonor, juntamente com o presbítero Jaloques, íamos buscar, lá no bairro Ipiranga, leite em pó proveniente do exterior, pois era escasso naquela época. Dentre outros trabalhos sociais, participou do trabalho da Associação Gota de Amor, iniciado pela missionária Ada, que ajudava um número grande de pessoas, com distribuição de leite, alimentos, etc. Lembra-se de uma irmã muito humilde, que foi até a delegacia onde ele trabalhava pedir um atestado de pobreza. O seu marido estava desempregado e já havia tentado o suicídio duas vezes. Quando falou para ela que o que ela precisava não era trocar de cidade e sim de Deus, falando de Jesus para ela, ela começou a chorar. Então a convidou para ir à igreja, combinou um horário e local para pegá-la com o seu esposo e filhos. Antes das 19hs, ela estava lá no local com todos os seus familiares. O presbítero Jaloques foi à sua casa e lhe disse: “Olha, Daniel, as suas ovelhinhas estão lá na esquina esperando você!”. Naquele dia, toda aquela família se rendeu aos pés de Jesus. No mesmo dia, oraram para que Deus abrisse uma porta de emprego e Deus assim o fez. Ele começou a trabalhar na empresa Metal Leve, em Santo Amaro, zona sul de São Paulo, onde se aposentou. Ela se tornou a zeladora da igreja de Cidade Leonor. Uma família que ele viu com os seus olhos que Deus mudou radicalmente, a família da irmã Geralda Cândido e do seu marido, Sebastião Cândido, e seus filhos.”

Élio Ribeiro

“A ASSOCIAÇÃO CRISTÃ “SAMARITANOS ANÔNIMOS”. Eu e minha esposa ao fazer visita a uma irmã viúva, recém-convertida, surpreendemo-nos com o estado de pobreza em que vivia. Na sua geladeira encontramos unicamente gelo. Assim brotou em nosso coração criar a assistência social. Decidimos denominá-la por ‘Samaritanos Anônimos’, tendo por foco a parábola contada por Jesus, Lucas 10.30-35, e tomamos dela por empréstimo o slogan, ‘Não passe de largo, alguém precisa ser amparado’. Iniciada em 01 de setembro de 1.981, portanto com 30 anos de existência. Essa atividade atende dezenas de famílias as quais são entregues, cesta básica mensal, roupas, artigos de cama, mesa e banho; medicamentos sob receita médica, e em casos especialíssimos auxílio financeiro. Realizando esse trabalho passei por uma experiência pastoral muito marcante a qual julgo importante divulgar, desejando com isso edificar os que dela tomarem conhecimento. Uma irmã muito idosa, viúva, que tinha uma filha cega morando no mesmo quintal dela, me solicitou que administrasse uma conta de poupança que estava aberta na Caixa Econômica Federal, na Praça da Sé, em São Paulo. A referida irmã alegou estar com grande dificuldade de locomover-se até aquele estabelecimento para retiradas de recursos. Concordei com a condição de acrescentar na conta mais três titulares, eu e duas outras irmãs da Igreja. Mediante a concordância dela passei a administrar a conta, e o fiz pelo período de janeiro de 1.983 a dezembro de 1.990, portanto por oito anos. Tendo em vista que ela residia no Jardim Camargo Novo, no Itaim Paulista, local extremamente distante da Vila Guilherme, adotei o critério de ir a cada dois meses levar a cesta básica fornecida pela Igreja e algum recurso em dinheiro a ser sacado da conta dela. Sempre que lhe levava dinheiro eu exigia que ela assinasse um recibo. Em todas às vezes ela relutou assinar, dizia que éramos irmãos em Cristo e sendo eu pastor, não era necessário. Porém, eu ‘simples como a pomba, mas prudente como a serpente’, MT 10.16 ‘Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas.’, sempre exigi a assinatura, ameaçando não deixar o valor. Também aprendi de Deus sempre aplicar em minha vida a ‘prudência do coelho’, PV 30.26 – ‘os coelhos são um povo débil; contudo, fazem a sua casa nas rochas’. Em virtude ser altíssima a inflação naquela época, para proteger melhor a viúva, eu por duas ou três vezes seguidas utilizava meus próprios recursos para levar a ela, permitindo assim a recomposição do saldo da poupança com a correção monetária creditada. Após essas duas ou três vezes eu me dirigia à Caixa e então sacava a importância que me pertencia. Assim foi por todo aquele período da administração. Ao final dos oito anos, recebi um telefonema de um neto dela. Apresentou-se como subgerente do Banco Itaú, o qual ficou sabendo por informação da própria avó, da existência da uma conta de poupança que pertencia a ela. Confirmei a palavra dela, e perguntei o que ele desejava saber. Eu gostaria de ver toda a movimentação financeira ocorrida naquela conta. Disse-lhe então que a apresentaria, mas não em minha residência, somente na Igreja, por dois motivos, primeiro porque se apresentou com desconfiança quanto a minha lisura, e segundo porque em todos os anos que eu e minha esposa cuidamos da avó dele, ele nunca se interessou ou compareceu para ajudá-la. Na Igreja, apresentei-lhe toda a documentação a qual guardo até hoje, como prova de quanto é importante o aplicar em nossa vida o ensino bíblico da prudência. Após ele ter verificado todo o movimento lhe perguntei o que aconteceria se eu não tivesse todos aqueles comprovantes. Simples, disse ele, o Pastor ‘estaria frito’, e aduziu, ‘olha, foi

grande o seu prejuízo, com os saques muito após a real entrega dos valores para minha avó'. Eu retornei dizendo, não, não foi grande o meu prejuízo, pelo contrário fui abençoado sobremodo, por ter agido com misericórdia para com tua avó. Saiba que o que eu fiz pela tua avó foi um empréstimo feito a Deus e Ele me restituiu redobradamente, pois conforme o livro de Provérbios 19.17 – 'Quem se compadece do pobre ao SENHOR empresta, e este lhe paga o seu benefício'. À frente do pastorado da ICPBB da Vila Guilherme desde 2009, uma das ações foi no evangelismo, onde criamos uma estrutura para que no mínimo uma vez por ano, todas as ruas e domicílios da Vila Guilherme fossem visitados e recebesse um kit evangelístico composto de: dois folhetos personalizados, um folheto incentivando e detalhando como e onde doar sangue, um imã de geladeira personalizado com texto bíblico e uma caneta também personalizada com texto bíblico. Dessa forma todo o bairro pôde saber da salvação em Jesus; da existência de nossa Igreja; e que ela também está inserida na comunidade através de atividades sociais. Como demonstração de que realmente buscávamos estar inseridos na comunidade, iniciamos um trabalho junto a um Abrigo de Crianças, próximo de nossa Igreja. O referido abrigo recebe crianças enviadas pelo Conselho Tutelar e é administrado pela Igreja Católica, tendo como diretora uma freira. A receptividade para nossa Igreja foi ampla e irrestrita. Na realização dos trabalhos com as crianças simplesmente buscamos suprir o que lhes faltou da parte dos pais, ou seja, mostrando a elas o amor de Deus, o amor de Jesus Cristo e o amor dos irmãos da Igreja. Não adentrando em conotações de cunho doutrinário, simplesmente semeamos a essência do amor de Deus em Jesus. Já realizamos dois grandes eventos, tendo trazido todas as mais de duas dezenas de crianças, e as presenteamos com muitas dádivas, obtidas junto a grandes empresas por doações. Além disso, a Igreja foi preparada com brinquedos de um parque infantil, e mesas para servir um pequeno banquete a elas. Cumprimos o que nos ensinou o Mestre o dos mestres, conforme o evangelho de Marcos 9.36-37 'Trazendo uma criança a colocou no meio deles e, tomando-a nos braços, disse-lhes: Qualquer que receber uma criança, tal como está, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou.'”

Izael Mariano

“Eu nunca deixei de realizar trabalhos sociais, assim como os demais integrantes do nosso ministério. Eu trabalhava de dia na polícia e à noite distribuía sopa para o pessoal que vinha de longe ouvir a Palavra do Senhor. Durante três anos eu fiz isso na igreja do Jabaquara, onde foi estabelecida a chamada 'Gota de amor'. Por meio de caravanas, eu e outros obreiros plantamos cinco igrejas em Minas Gerais e três no Paraná. Nós levávamos roupas, folhetos, calçados, cestas básicas, etc... Deixamos um grande legado naqueles lugares. Grandes dificuldades, imensas barreiras e terríveis perigos surgiram, mas, mesmo diante de tudo isso nunca desistimos da obra social e de servir ao Senhor Jesus. “

João Lírio Navas

“Nós fizemos vários trabalhos com crianças nas favelas, em hospitais, evangelismo nas cadeias, nas distribuímos comida para os moradores de

ruas e muitas outras atividades na obra de Cristo. Em alguns desses trabalhos, muitos homicidas e traficantes se converteram e tiveram as suas vidas modificadas. A evangelização e a ação social sempre devem andar de mãos dadas, como vemos no exemplo dos apóstolos. Quando analisamos as Escrituras, vemos um equilíbrio entre ambas, e quando esse ponto de equilíbrio é alcançado, conseguimos entender as necessidades do ser humano. Hoje, na igreja que pastoreio, ICPBB Jabaquara, criamos uma escola de informática, com vários computadores para atender aos mais pobres, promover a inclusão digital. Muitos jovens aprenderam a computação aqui e conseguiram bons empregos, puderam ajudar a sua família. Hoje, um dos instrutores da escola é um ex-aluno nosso, de família muito pobre, e é remunerado pela igreja para isto.”

Natalino de Jesus Bisigasti

“Em minha vida cristã foram muitos os momentos dedicados à obra social. Em Arujá uma passagem marcante foi a criação da Creche no bairro do Portão, um bairro pobre, na zona rural. Iniciamos o trabalho com os poucos recursos da igreja, alguns irmãos colaboravam voluntariamente, mas aos poucos a obra foi tomando forma. Depois alcançou um número tão grande que a Prefeitura da Cidade de Arujá resolveu assumir a direção do trabalho. Mas foi gratificante ver as famílias atendidas, mães que podiam trabalhar em sua lavoura ou mesmo em empregos na cidade, sabendo que os seus filhos eram bem cuidados, alimentados e ensinados. Como presidente da ICPBB estimulamos a doação de roupas e gêneros alimentícios pelas igrejas locais. Ao final do ano era um momento de grande alegria ver o relatório social da igreja, pois toneladas de alimentos, e milhares de peças de roupas tinham sido doados aos necessitados em todo o Brasil. E, talvez, a mais importante de todas, tenha sido a justa colaboração para que diversos pastores pudessem criar centros de recuperação de drogados, onde vidas chegam despedaçadas e são regeneradas e devolvidas saudáveis ao convívio dos seus familiares.”

ANEXOS



Fotografia 1 -Bispo Natalino Bisigati e esposa Cleide Bisigati. (2012, 21 de agosto).
Acervo próprio.



Fotografia 2 -Bispo Élio Ribeiro. (2012, 3 de Julho). Acervo próprio.



Fotografia 3 -Bispo João Lamin. (2014, 5 de Abril). Acervo Próprio.



Fotografia 4 -Da esquerda para a direita: Pr. Geraldo, Bp. Carlos Minozzi, Bp. Élio e Pr. Izael Mariano. (2015). Acervo próprio.



Fotografia 5 - Pr. Daniel Evaristo, comemorando seu aniversário 80 anos. (2015).
Acervo Próprio.



Fotografia 6 - Pr. Geraldo e o filho, também pastor, a quem deu o nome de Epaminondas em homenagem ao fundador da ICPBB. (2015). Acervo próprio.



Fotografia 7 - Pr. izael Mariano com sua esposa. (2015, 15 de Março). Acervo próprio.



Fotografia 8 - Pr. Daniel Evaristo pregando aos 80 anos. (2015). Acervo próprio.



Fotografia 9 – Bispo Ronaldo Monteiro. (2016, 10 de Novembro). Acervo próprio.



Fotografia 10 - Pr. Epaminondas Silveira Lima, fundador da ICPBB. (1965).
http://in.pentecostaldabiblia.com.br/2012/detalhe_album.php?id_album=12#



Fotografia 11 - Pr. Epaminondas Silveira Lima, fundador da ICPBB. (início da década de 1960).

http://in.pentecostaldabiblia.com.br/2012/detalhe_album.php?id_album=12#



Fotografia 12 - Pr. Epaminondas Silveira Lima, fundador da ICPBB, batismo de membros. (1965).

http://in.pentecostaldabiblia.com.br/2012/detalhe_album.php?id_album=12#



Fotografia 13 - Membros da ICPBB saindo a evangelizar quando ainda chamava “Cruzada Brasileira de Evangelismo” - a placa ao fundo. (início da década de 1950).
http://in.pentecostaldabiblia.com.br/2012/detalhe_album.php?id_album=12#

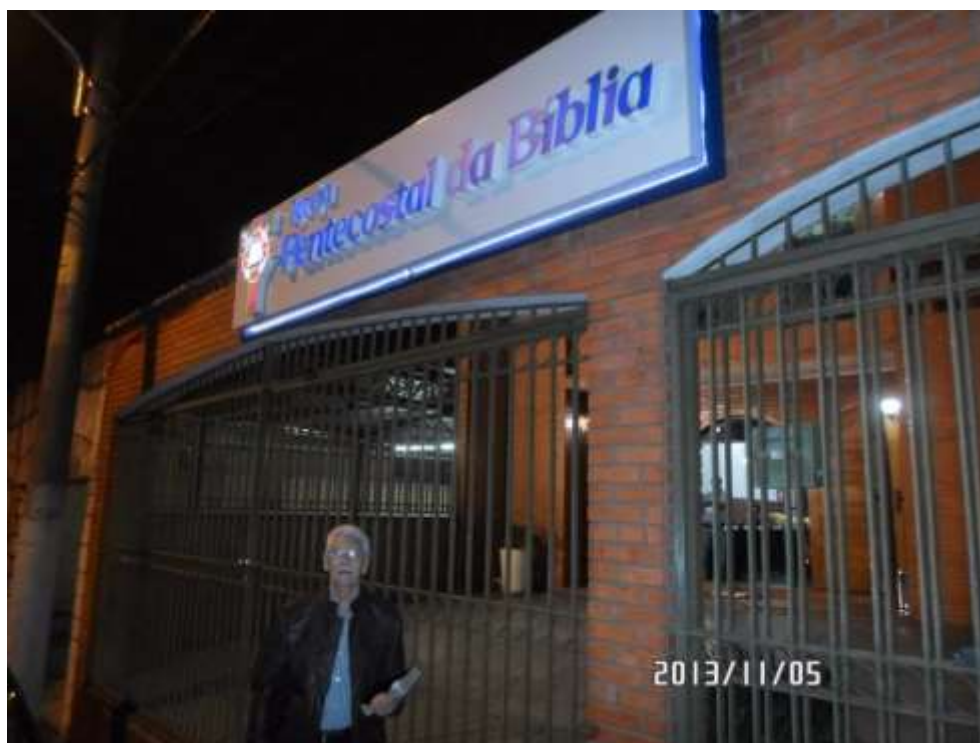


Fotografia 14 - Frente da igreja em Jabaquara, sede nacional. (1970, 10 de Março).

http://in.pentecostaldabiblia.com.br/2012/detalhe_album.php?id_album=12#



Fotografia 15 - Pr. Geraldo Casimiro trabalhando na construção da Igreja localizada no Jabaquara. (Início da década de 1960).
http://in.pentecostaldabiblia.com.br/2012/detalhe_album.php?id_album=12#



Fotografia 16 – Bispo Carlos Mizonni em frente à Igreja Pentecostal da Bíblia. (2013,11 de Maio). Acervo próprio.



Fotografia 17 – Bp. Lírio Navas, ainda atuante. (2012, 25 de Junho). Acervo próprio.



Fotografia 18 – Rev. Carl W. Cooper e sua esposa, Sarah Cooper, conhecidos como Daddy e Mother Cooper, em um sítio, na região de Suzano-SP, onde também funcionava um orfanato dirigido pelo casal. (1948). <http://pentecostaldabiblia.com.br/aigreja/>



Fotografia 19 – Rev. Epaminondas Silveira Lima pregando em Tenda no ano de. (1956) <http://pentecostaldabiblia.com.br/aigreja/>

